INDICE GERAL (pasta nº2)

JORNAIS DE SÃO PAULO/SP (2º parte).....3
- Diário Popular(1968 a 1984).....5
- Popular da Tarde(1977 e 1984).....31
- Folha da Noite(1944 a 1956).....35
- Folha da Manhã(1941 e 1957).....57
- Jornal da Manhã(1941 e 1942).....61
- Correio Paulistano(1936 , 1953,1956).....67
- A Platéia(1941).....73
- O Dia(1947,1961,1965 e 1968).....79
- A Hora(1953 , 1959 e 1961).....85
- Jornal MOVIMENTO(1975 e 1976).....99
- City News(1968 a 1985).....103
- Shopping News(1952 a 1973).....109
- Metrô News(1977 a 1983).....121
- Diário Oficial do Estado de São Paulo(1984).....133
- Jornal Tribuna Paulista(1982).....137
- Diário do Comércio e Indústria(1973 e 1974).....141
- Equipe Artística(1954).....147
- Radar(1950 e 1951).....151
- O Tempo(1950 e 1954).....157
- A Ação(1964).....163
- O Esporte(1963).....167
- A Noite(1953)(REVISTA).....171
- Can-Can(1956).....177

JORNAIS DE BAIRROS DE SÃO PAULO/SP.....181
- Jornal do Bairro(1973).....183
- Jornal da Bela Vista(1982 a 1984).....187
- A Gazeta da Zona Norte(1982).....195
- Jornal da Lapa-Gazeta do Bairro da Zona Oeste(1982)..199
- São Paulo Zona Sul(1984).....203

JORNAIS DA REGIÃO DA"GRANDE SÃO PAULO/SP".....207
- Diário do Grande ABC(1979e 1982).....209

JORNAIS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO.....219
- Jornal de Jundiaí(Jundiaí-SP)-(1946,1968 e 1984)..221
- Diário de Jundiaí(Jundiaí-SP)-(1964).....229
- Jornal da Cidade(Jundiaí-SP)-(1984).....233
- O Município(Valinhos-SP)-(1965).....237
- A Cidade de Valinhos(Valinhos-SP)-(1979).....241

- Gazeta do Taboão(Taboão da Serra-SP)-(1974).....247
- Viver(Campinas-SP)-(1978).....251
- O Progresso de Tatuí(Tatuí-SP)-(1982 e 1983).....257
- EMA(São João da Boa Vista-SP)-(sem data).....261

JORNAIS DE MÚSICA,CINEMA,PUBLICIDADE,FACULDADES E AFINS.....265
- Boletim do 2º Congresso Brasileiro de Cinema(1953)..267
- Rhodia Atualidades(1974).....271
- Informativo Augustus(1976).....275
- Todos Nós(BANESTADO)-(1978).....279
- Feijão com Arroz(1979).....283
- Jornal das Lojas ISNARD(1980).....287
- Informativo MB(1983).....291
- Fonograma(1983).....295
- Eldorado(sem data).....299

JORNAIS DE OUTROS ESTADOS (menos São Paulo).....303
RIO DE JANEIRO.....305
- Última Hora-RJ(1952 a 1982).....307
- O Globo(1958 a 1983).....331
- Jornal do Brasil(1965 a 1977).....341
- Diário Carioca(1955).....349
- Tribuna de Imprensa(1956).....353
- A Notícia(1957).....357
- Diário de Notícias(1974).....361
- Pasquim(1975 e 1977).....365
MINAS GERAIS.....373
- Folha de Minas(1955).....375
- Minas Gerais(1975).....379
PARANÁ.....383
- O Estado do Paraná(1953).....385
PARÁ.....389
- A Província do Pará(Belém)-(1974).....391
BRASÍLIA.....395
- Correio Brasiliense(1978).....397

JORNAIS SEM REFERÊNCIAS DE PUBLICAÇÃO.....403
- Com possibilidade de obter os dados de publicação..405
- Apenas a data(sem o nome do jornal)(1945.a.1982)..409
- Totalmente sem referências.....435

JORNAIS DE SÃO PAULO / SP

(2º PARTE)

D I Á R I O P O P U L A R

(1968 a 1984)

Índice

- 1968.....7
- 1977.....8
- 1978.....9
- 1982.....15
- 1983.....23
- 1984.....27
- SEM DATA.....29

26 FEV 1968

DIARIO POPULAR

DIARIO POPULAR - 26 - 2 - 1968

DISPOIS NÓIS VAI

Assim disse Adoniram Barbosa, comentando a sua nova composição que deverá ser gravada logo após o término do carnaval. a marcha foi feita em parceria com Marcos Cesar. Nome: PRIMEIRO CARNAVAL — uma homenagem prestada ao bairro de Vila Esperança. Adoniram tem também um samba de parceria com Jucata, na base dos seus sucessos antigos.

No II Passeio a Pé, uma homenagem a Adoniran Barbosa

Adomiram Barbosa, sambista-símbolo de São Paulo, será homenageado pelo prefeito Olavo Setúbal no decorrer do II Passeio a Pé, cuja realização está marcada para o próximo domingo. Adoniran participará da promoção e no final deste, na avenida Paulista, receberá a homenagem do prefeito, quando cantará sua mais recente composição, o "Samba do Metrô".

Irreverente, malicioso e sempre engraçado, o sambista, que em sua música sempre usou a linguagem do povo, nunca deixou de ser um repórter da vida da cidade, cantando o botequim, a favela, o cortiço, a cidade e todos os aspectos da vida urbana, principalmente a população da periferia, o homem sofrido e aquele que nunca teve um lugar ao sol. Um samba de Adoniram sempre nasce de um bate-papo, de uma observação da vida, duma conversa de botequim, entre copos de cerveja e de cachaça, no silêncio da madrugada. Letra e música, espontaneamente, brotam de sua cabeça, acompanhada pelo batuque com as mãos.

SUA VIDA

João Rubinato, o Adoniram Barbosa, natural de Valinhos (SP), nasceu em 1910. É filho de imigrantes, vindos de Veneza, Itália. Há 34 anos está casado com D. Mathilde de Lutius Rubinato.

Antes de iniciar sua carreira artística, trabalhou como encanador, mecânico, mascate, funileiro, metalúrgico, balconista e foi garção particular do então primeiro-ministro Civil da Guerra, professor João Pandiá Calógeras, em 1926, com apenas quatorze anos de idade.

Adoniram Barbosa adotou este nome artístico em homenagem a dois grandes amigos: Adoniram Alves, que trabalhava no Correio, e Luiz Barbosa, cantor de samba de breque do Rio de Janeiro que se fazia acompanhar com sua palheta.

Suas músicas de maior sucesso são: "Saudosa Maloca", "Samba do Arnesto", "Iracema", "Vila Esperança", todos gravados pelos "Demônios da Garoa". Seu maior êxito porém, foi o "Trem das Onze", gravado na Itália, Iugoslávia, França, Espanha e Portugal.

O PASSEIO

A Secretaria Municipal de Esportes, com a experiência adquirida no ano passado, imaginou tudo o que poderia tornar o passeio mais ameno para os participantes, colocando nos pontos mais estratégicos sempre alguma atração que torne a caminhada mais agradável. No largo de São Francisco, por exemplo, o Coral XI de Agosto cantará as tradicionais trovas acadêmicas.

Durante todo o percurso um locutor dará inúmeras informações, abordando o aspecto histórico da cidade. Mas o principal objetivo, no entanto, é realmente fazer com que a população participe. São Paulo cresceu extraordinariamente e, ainda não têm muitas opções para o lazer. Com essa iniciativa, o secretário Municipal de Esportes, Caio Pompeu de Toledo, acredita que os paulistanos entenderão o sentido de aliar o esporte ao lazer. Descontraidamente, todos os participantes terão, além das atrações culturais, uma agradável sessão de ginástica onde, acima de tudo, estará presente o espírito esportivo.

Adoniram Barbosa

Os mais jovens não devem se lembrar do "Charutinho", o personagem engraçadíssimo, e muito humano, que batia recordes de audiência no começo da década de 60. Mas a geração anterior a 55 se lembra - e como - daquela figura que habitava uma maloca, em um dos muitos morros de São Paulo, e que ganhava uma audiência fenomenal através da Rádio Record. Pois o próprio "Charutinho" é o nosso entrevistado.

Entretanto, para quem não o conheceu, resta a figura de seu intérprete, hoje bem mais famoso que o personagem: Adoniram Barbosa, o autor de "Saudosa Maloca", "Samba do Arnesto", "Trem das Onze". Com essas composições, e mais muitas outras, Adoniram ficou conhecido no Brasil inteiro como autor do "Samba Paulista", um título que renega, por não ver distinção em sambas feitos em quaisquer regiões do País.

E é esse mesmo Adoniram, que ainda mantém a mesma voz rouca do "Charutinho", que fala hoje ao "Olho no Olho", atingindo não só aos mais velhos, através do personagem, como aos mais jovens, através do autor.

O "Olho no Olho" desta semana contou com os seguintes entrevistadores: Carlos Acuio, Ira Foz, Luís Fernando Ramos, Severo Crudo, Silvia Penteado e Ruth Costa.

Aproveitando o momento, Adoniram ainda deixou, em primeira mão para o "Olho no Olho", a letra de um samba inédito seu (por sinal, muito bom): Praça da Sé.

(CONTINUA NO VERSO)

DP — Adoniran, começa falando sobre você mesmo. Quando você começou?

AB — Eu comecei no rádio, em 1934. Na Rádio Cruzeiro do Sul, no Largo da Misericórdia, como calouro. Era a Rádio Cruzeiro do Sul, PRA-6.

DP — Isso onde?

AB — Aqui em São Paulo. Eu trabalhava no comércio, na 25 de Março, e, nas minhas saídas da loja, eu passava pela rádio. Comecei a fazer amizades e daí acabei entrando como cantor, calouro. Cantando samba, como calouro. O Paraguaçu era o diretor artístico e o Jorge Amaral, o apresentador. E aí comecei. Fiz um, dois, três programas, fui premiado e aí me contrataram para fazer alguma coisa, toda semana, ganhando 25 cruzeiros. Era 25 mil réis. Hoje não dá nem prá tomar café.

DP — O "Charutinho" nasceu quando?

AB — O "Charutinho" nasceu... Bem, eu sou corintiano e o Trindade — você conheceu? — ia na Record passear sempre, e quando me via brincava muito comigo. Gostava muito de mim o seu Trindade.

DP — Em que época foi isso?

AB — Isso foi em 45 ou 46, quando ele me conheceu. Mas começou depois o "Charutinho". Aí ele ia lá passear e brincava muito comigo, era muito meu amigo. Então ele me deu uma cigarrilha — não, era um charuto. Então, o Moles, grande amigo meu, viu eu fumar esse charuto, e... "charutinho". E ficou "charutinho". Quando foi em 50, o Moles fez o programa das "Malocas", e me botou como "Charistinho" no programa. E eu fiquei "Charutinho", e famoso nas "Malocas". Começou em 54, as Malocas.

DP — Durou até quando?

AB — Ficou até 68. De 54 a 68, 12 anos, não, quase, dez anos. Ficou no ar 10 anos. Ficou no ar 10 anos, em primeiro lugar: às sextas-feiras, às 9 da noite, e domingo ao meio dia, só dava "As Malocas". Você podia passar em qualquer rua, não só na Capital mas também no Interior, e todo mundo via aquele programa, que o Moles escrevia muito bem. Você conheceu ele? Ele escrevia muito bem, um grande amigo meu. Ele botou o "Charutinho" e aí trabalhavam também Teresoca, Pafunça, Taboão, Panela de Pressão, seo Dija, uma turma boa de Maloca. E aí foi sucesso.

DP — Você gostava do apelido?

AB — Gostava. Aí comecei a fazer shows em circos. Eu lotava os circos, sabe, era barato a entrada, 10 cruzeiros a entrada, 5 a geral. Eu fazia circo às quintas, sábados e domingos.

DP — Seu sucesso no rádio, foi então, nessa época?

AB — Do Rádio foi nessa época. Mas foi difícil entrar no rádio, ninguém queria nada comigo, sabe. Quando comecei era tudo difícil prá mim. Não sei o que a minha cara tinha, que ninguém ia com a minha cara...

DP — ...Mas rádio é voz, não é cara. Se fosse televisão...

AB — ...me via e não ia com a minha cara, poxa vida. Tava vazio, o elevador, mas o cara dizia: tá lotado. Mas não é gozado isso? ..... uma coisa chata, mas é verdade. Tinha lugar prá mim, mas... Eu fui muito desprezado, muito chutado, sabe. Mas eu sou cara de agosto, sou Leão, venci pela persistência. Venci pela persistência.

DP — O que você acha do título de inventor do samba paulista?

AB — Não, não sou inventor do samba paulista. Não existe samba paulista, eu acho, porque o samba acho que é igual. Só os meus são diferentes, por causa dos temas, que eu pego o linguajar meu, que fala peguemos, fumos, "despois". Então, a a única diferença é o modo como eu faço os versos. Mas é igual o samba paulista, o carioca, baiano, pernambucano. O ritmo é aquele de samba.

DP — Mas é que diferenciaram, né, samba carioca, e você... samba paulista...

AB — Por causa da letra. Eu faço samba que fala em Casa Verde. Eu não posso falar de Copacabana, começo pela Sorocabana ,eu falo da Mooca, falo do Metrô, 23 de Maio, das nossas ruas, falo da Praça da Sé, Jaçanã, Vila Esperança, Gusmões. Até eu queria gravar uma letra aqui, publicar a letra, de dois sambas novos, sobre a Praça da Sé — que agora não é praça mais, é Estação Sé. Só tem do passado, lá, a Catedral e o Forum. Agora tá uma beleza, né. Ela está linda por baixo e por cima. Então eu fiz o samba assim:

"Praça da Sé,

Praça da Sé
hoje você é uma dama,
Estação Sé.
Quem ti conheceu
alguns anos atrais,
Como eu ti conheci, não
Não te conheci mais
Nem vai conseguir
te conhece mais,
te reconhecer,
Se hoje passar por aqui
Alguém que já faz
algum tempo
que não lhe vê, pouca
coisa tem que dizer,
pouca coisa tem que
contar, vai pensar que
está sonhando,
é natural, nunca viu
coisa igual.
É o progresslo, é o
progresslo...".

O resto eu esqueci. A nossa Praça da Sé de outrora não tem mais nada. Nem o relógio que marcava encontro dos namorados com as namoradas, o velho bonde, dim, dim, dim, dom, dim, dim. Nem o condutor, dois prá lá (Light) e um pra mi jornaleiro provocando o motorneiro, engraxate jogando cacheta o dia inteiro. Era uma gostosura ver os camelôs correr do fiscal da Prefeitura. É o progresslo, é o progresslo, é o progresslo... Mas você conhece a boca do lixo, não é. A boca brava na Gusmões, Andradas, Barão de Limeira, Barão de Piracicaba, Nébias, Aurora, Timbiras, é uma boca braba hoje de noite. No meu tempo você podia passar nessas ruas de noite, com sua irmã, com sua mãe, com sua filha, podia passear que não tinha problema. Agora não pode mais. Então ,eu fiz um samba assim:

"O meu violão
ficou como refém
nas mãos do meu amor.
E agora como é que eu
vou fazer
pá resgatá,
sem ela não posso fica,
sem meu violão
como é que eu vou faze.
Ah marvada que
que eu deixe o samba
pelo iô, iô, iô.
Essa mulher sabe
que por ela sou capaz
de tudo,
sou capaz até de travessá
a rua dos Gusmão
lendo Ali Babá e os
40 ladrão
mas deixá meu samba
pelo iô, iô, iô
não pode sê".

DP — Adoniran, você se considera um saudosista nas músicas que você faz ou um crítico?

AB — Não sou apenas um saudosista. Crítico isso eu sou sim. Não sou um saudosista, não. Eu sou,... dizem que eu sou um compositor urbano, é isso aí o que eu acho que eu sou, não sei se eles estão certo. Porque eu faço coisas de nossa cidade. Quer dizer, porque você não fala aí da Rio Branco, não conheço a av. Rio Branco, no Rio. Ipanema, então eu só falo da minha cidade, onde eu me criei e eu me criei aqui, né. Nasci em Valinhos, em Santo André onde me criei, em São Paulo, na cidade.

DP — Quantas músicas você gravou já?

AB — Eu gravei, mais ou menos, umas 60 músicas, por aí.

DP — Quer dizer que você tem umas 30 músicas sem gravar?

AB — Não. Eu gravei com o meu conjunto "Os Demonios da Garoa", eu fazia música pra eles, desde Primeira Mão, Joga a Chave, Demonios da Garoa até hoje grava as minhas músicas; é o meu conjunto predileto. Então tenho umas 60 músicas por aí, com eles. Eu também gravei, mas poucas. Eles gravaram mais músicas minhas, gravaram todas as minhas músicas.

DP — Como é que foi essa experiência de novela em televisão...

AB — Gostei muito, porque promove a gente, é bom, mas que dá um trabalho a novela, é fogo. Novela é mão de obra, sabe. Você vai pra lá, às 7 da manhã, às 6, às 5, às 8 da manhã, e não sabe a hora que sai. Na hora de almoço... não tem almoço, sabe. É gostoso, aparece um pouquinho, promove a gente, mas é uma mão-de-obra louca. Ainda mais eu gosto de ficar na rua de noite, bebendo por aí com os amigos. Agora ter que ir lá cedinho, é fogo. Novela não é sopa.

DP — Mas, apesar disso, você gosta mais de trabalhar em novela?

AB — Eu gosto. Mas eu quero ver se não faço tão já novela, sabe. Já me convidaram pra fazer, e eu não quero fazer por enquanto. Quero fazer meus shows da Secretaria de Tecnologia... Eu não sei o que é, mas eles vem e... **você vai para a Secretaria de Tecnologia?**

Eu vou. Dá pra ganhar um cachezinho.

DP — Tem sempre shows marcados?

AB — Sempre tem. Sempre tem. Uma vez por mês, duas, com o Conjunto Talismã. Eles me acompanham. Então, eu viajo com eles.

DP — E teatro, você chegou a fazer algumas vez?

AB — Teatro assim músical?

DP — Não. Teatro mesmo.

AB — Não. Já me convidaram. Muitos. O Marcos Cesar, o Randal Juliano... perguntam se dá pra entrar como ator. Porque eu sou mais ator do que compositor, sabe. Mas eu não quis fazer não. Mas agora eu preferia... cantando samba, eu, meu conjunto e o Geraldo Filme, samba enredo, ele e eu, esses sambas que eu faço. Eles fizeram de segunda, terça, quarta, quinta e sexta, no Teatro Pixinguinha. Eu gostei. A casa ficava cheia toda noite. Era uma semana de chuva. Choveu a semana inteirinha, mas foi bom mesmo assim. Eu gostei.

DP — Você prefere mais o contato com o público, não é?

AB — É, eu gosto mais. Exatamente. É o que eu faço. Eu converso bem com ele, com as mocinhas, com as crianças, brinco. Mando conversar comigo. Aquele papo...

DP — No circo, você fazia o que?

AB — Eu fazia o "Charutinho".

DP — O que o "Charutinho" fazia?

AB — Esqueci. Eram quadrinhos, e depois cantava. Cantava "Aqui Geralda", cantava "Apaga o fogo Mané", cantava meus sambas.

DP — Você teve problemas com a censura?

AB — Eu tive uma vez com o "Aqui Geralda". Mas no baile do "seo"... não sei se vocês conheceram, ... seo... Poviski, já faleceu, coitado. Porque eu dizia

(CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA)

"Aqui Geralda,
Você gosta de salchicha
com mostarda,
Aqui Geralda,
Você tocava na banda
bombarda...
Tudo bobagem lá... Ele
cortou minha onda.

DP — O que você acha particularmente da censura?

AB — Tem que existir sim. Se não abusam muito. Agora as minhas músicas não tem censura não.

DP — Mas porque tem que existir?

AB — Porque tem cara que faz cada coisa que não dá pra encarar.

DP — Em que sentido você diz isso? Pornográfico?

AB — Pornográfico mesmo.

DP — E político, você acha que deveria existir?

AB — Eu acho que censura é bom ter sim. Precisa ter sim. Prá freiar um pouco, senão é fogo, sabe. Censura tem que ter. Mas com inteligência.

DP — E censura sem inteligência?

AB — Mas vocês são inteligentes. As minhas não tem problema não. Até o samba que fiz na favela do Despejo, disse que não podia passar. Então eu fui lá e cantei... Que não podia passar, na favela. Vocês querem que eu mostre o samba? Depois vocês cortam. Só pra nós, este aqui. Disseram que era subversivo. E não é. Todo dia acontece isso. Todo dia acontece isso. Todo dia acontece isso. Sério. Coisa séria.

"Quando o oficial de
justiça
chegou, lá na favela
e contra o seu desejo
entregou pra seo Narciso,
um aviso,
uma ordem de despejo,
assinada seo Dotor.
Assim dizia a petição:
Dentro de 10 dias
quer a favela vazia
e os barracos todos no
chão.
É uma ordem superior.
Meu senhor, é uma
ordem superior.
Meu senhor, é uma
ordem superior.
Não tem nada não meu
senhor.
Não tem nada não.
Amanhã mesmo vou
deixar meu barracão,
não tem nada não meu
senhor,
vou sair daqui,
pra não ouvir
o ronco do trator.
Pra mim não tem
problema,
em qualquer canto me
arrumo,
de qualquer jeito me
ajeito.
Depois, o que eu tenho
é tão pouco,
minha mudança é tão
pequena
que cabe no bolso de trás.
Mas essa gente aí,
como é que faz?
Mas essa gente aí, hem,
como é que faz doutor?".

DP — Foi censurada?

AB — Disseram que não podia dizer "e essa gente aí?". Cria problemas. Que problemas? Não tem nada não, é. Mas eu já gravei, editei, tudo, e passou. Mas foi um pouco chato. Foi por causa de eu falar: "mas essa gente aí?" Cria problemas. Mas o que? Eu vou criar problemas? Eu? Me dá um uisque aí, tudo bem, agora eu vou criar problema. Não é bom o samba? Você gostou? É uma estorinha que acontece todo dia. Todo dia acontece isso nas favelas por aí.

DP — Desses músicos brasileiros novos, o que você acha deles? Dos compositores também? Caetano Veloso...

AB — Gosto de todos eles.

DP — Qual o seu predileto?

AB — Eu gosto do Jorginho da Mangueira, do Império do... João Ribeiro. Um muito bom cantor, do Rio, muito bom sambista, o João Nogueira. Canta bem, canta como eu gosto. O Jorginho do Império canta samba... Tem um da Vila, bom. Tem muito cara bom.

DP — E do Caetano?

AB — Não, tá bom, tudo bem. Meu amigo também.

DP — Mas dá uma opinião.

AB — Tá bom, tudo bem, ótimo ele. Eu gosto. É a vez deles. Sem lenço e sem documento, não é, com cocacola, sucesso. Tudo bom, eu gosto deles. Da Gal Costa, gravou muito bem meu samba "Trem das Onze". Cantou bem e vendeu muito disco, a Gal Costa, o "Trem das Onze".

DP — Você não acha que as emissoras de rádio abandonaram, deixaram um pouco de lado ou bastante de lado, artistas assim como Adoniram Barbosa?

AB — É. Eles deixaram bastante de lado. Você pode reparar que minhas músicas eles tocam pouco nas rádios. Difícil tocar. Não sei porque. Não sei porque que não tocam. São limpas, bonitinhas, bem feitinhas. De vez em quando tocam. Eu não pido não. Mas não toca. Sei lá porque. De vez em quando...

DP — Aqueles programas do tipo "Charutinho" que você fazia, aquela primeira fase da Record, os ouvintes viam ali o seu dia a dia retratado. Então, a Maloca, o personagem pobre, o aumento do custo de vida, a falta do [illegible] falta da carne, tudo isso era discutido dentro daquele programa com humor, esse tipo de coisas. Você acha que o pessoal de rádio está fazendo uma auto-censura em não relançar programas desse tipo?

AB — Não tem mais, não é? Não tem mais quem escreva, essa que é a verdade. Não tem mais escritor. Agora é vamos ouvir, e ouvimos "esquetinhos" sem compromisso. Não tem mais quem escreva. No rádio falta escritor. Não tem mais quem escreva. Osvaldo Moles, Armando Rosas, o Oliveira. Não tem mais quem escreva programas com conteúdo de histórias, não tem mais. O Moles fazia "Nossa Cidade", o Armando histórias, coisas bem escritas. Agora não tem mais quem escreva. Mesmo as novelas são fracas. Não tem mais quem escreva...

DP — ... A televisão foi em parte...

AB — ... Na televisão, vale tudo...

DP — Do Sangirardi, você não gosta?

AB — Do Estevam? Gosto muito. E também o irmão dele — você conheceu o irmão dele? — o Sangirardi, o que casou, era Sangirardi do Rio.

DP — E o Show de Rádio?

AB — Muito bem feito. Acho muito bom. Ele faz direitinho. Ele é bom.

DP — Você não acha isso que também um pouco é porque tenha censura, não pode falar muito, não pode tocar nesses assuntos muito perigosos?

AB — Lá não tem censura, no programa do Sangirardi.

DP — No Sangirardi, não, mas no rádio em geral tem.

AB — Tem censura, mas não corta. Passa tudo. Eu repito. Não tem mais quem escreva programas de rádio. Não tem mais escritor. Se aparecer é uma beleza, mas não tem mais escritor.

DP — Você não acha que a televisão também foi a grande culpada nessa parte, porque muitos escritores passaram a escrever para a televisão?

AB — Então, a televisão é fácil. Tem muito recurso, então é fácil escrever prá televisão.

DP — A televisão tirou muita gente do rádio, porque pagava mais, você acha isso?

AB — Não tirou ninguém do rádio, não. Pouca gente do rádio. Quem era do rádio era do rádio. Sangirardi é do rádio, é do rádio. Eu fui para a televisão. Mas poucos do rádio foram para a televisão. Bem poucos. O Dionísio, o Nóbrega, o filho dele. Poucos do rádio foram para a televisão. Agora, o Nóbrega também escrevia bem, mas só humorismo. Só quadrinhos. Agora, histórias, programas de rádio, esse não tem mais quem escreva. Sentar na máquina e fazer uma história... Porque o Moles, se eu falo dele foi porque ele foi amigo meu. Não, porque ele era inteligente, mas inteligente demais. Eu vinha da rua e chegava na rádio. Dizia assim: Moles, agora purei na esquina aí e um negão em vez, de falar eu vou, ele falou "ovô". Eu vez de falar eu vou, ele disse "ovô lá". "Ovô lá amanhã". Na hora o Moles batia e fazia um quadro prá você, um esqueti. Ele fazia, era louco. Escrevia fácil. Botava o óculos aqui na cabeça e... Era engraçado. As vezes, na Maloca, eu ensaia tudo, bonito, e dizia: Moles, não gostei. Ele dizia prá mim: "não gostou, não? Tá bom. Você que pensa". Ia para o auditório e era um sucesso. Depois dizia: "você não sabe nada". O Moles era demais prá escrever. Morreu moço.

DP — Você ficou rico?

AB — Não. Comprei uma casa, uma bomba pro meu poço, um Ford 36, deu um trabalho louco. Eu tenho um caso engraçado. Esse carro, eu sai de manhã com ele. Era um "quebra gelo", 36.

(A REPORTAGEM ACIMA CONTINUA NA PAG. 23 DO DIÁRIO POPULAR DE 15/01/78 que está afixada a partir do verso desta folha)

Sal de casa, tudo bem arrumadinho. Ligava o motor para esquentar. Lá embaixo tinha o cara que regulava carburador. Ele já ia prá lá direto, sozinho. Outro dia ele ia no borracheiro. Ia sozinho, era um carro ensinado. O que eu ganhava no circo, gastava com os mecanicos, outro dia. Ele ia sozinho na oficina, gozado. No borracheiro então era demais. Ele gostava de borracheiro, esse carro. Ele tinha paixão por borracheiro. Já ia no borracheiro. Parava lá e... ...

DP — Adoniran, você fez uma música para o Vinicius não fez?

AB — Fiz, a letra é dele e a música é minha. A letra é dele. O primeiro samba dele eu acho. O primeiro samba. Ele trabalhava na UNESCO, em Paris. Ele era da embaixada. Ele mandou prá Araci uma carta, era muito amigo dela. E dentro vinha um desses versos dizendo pa ra ela fazer o que quiser com os versos. Eu estava assim, pertinho dela, e ela me deu e eu botei a música. E dei para a Maisa gravar, e ela gravou. Ela gravou, a Maisa gravou.

DP — Pouca gente sabe que essa música é sua?

AB — Pouca gente sabe. Aí que tá.

DP — E se não me engano foi o Vinicius que inventou essa história de que em São Paulo não tinha samba...

AB — Parece que foi ele que disse que aqui era túmulo de samba. Isso já passou. É bobagem falar sobre isso. Ele falou, é um grande amigo meu e tudo bem.

DP — Você cobrou isso dele?

"Agora, eu faço shows nas faculdades, só dá jovens, me carregam no colo, e só dá eu. Juro por Deus".

AB — Não. Nem toquei no assunto, nada. Ele agora me vê, ele gosta. Ele criticou na revista "Careta" ou "Kon-Fon", do Rio, não sei, ele criticou o "Samba do Arnesto", que eu falo: "nós fumos, não encontremos ninguém". Ele criticou, mas depois no Rio pegou o samba e ele viu que não tinha importância. Aí, ele caiu do burrinho. "Nós fumos não encontremos ninguém. Nós vortemos, com baita duma reiva", não é? Ele achou que não pode falar assim.

DP — E sucesso entre os jovens? Tem muita gente que estão conhecendo suas músicas agora.

AB — Ah, isso é bom falar. Quer ver que engraçado: quando começou a "Jovem Guarda", porque até então não aparecia nada, sabe. Não aparecia nada. Quando veio a "Jovem Guarda", começou a aparecer as minhas músicas, aparecer pros jovens. Agora eu faço shows nas faculdades só dá jovem, me carregam no colo e só dá eu. Juro por Deus. Depois que veio a Jovem Guarda... mais gostam das minhas músicas. Porque que aconteceu isso aí? Quando apareceu a juventude, pela minha música "Jogue a Chave", tudos eles gostam. Lá no Parque do Morumbi, gritam. Mas gritam mesmo. Não querem que eu vá embora, não querem que eu saia.

DP — Tem gente que nem te conhecia, não é?

AB — Pois é. Agora não sei o que que é. Jovem é fogo. Nas escolas, pelo "Amor de Deus", só dá eu.

DP — Lá no Parque do Morumbi, eu vi... parece que se jogaram na lagoa do Morumbi.

AB — Eu não sei, eles me respeitam muito.

DP — Não Digo o público.

AB — Tem que ter cuidado, aí, mas muita gente. Tinha lá um moço, jovem, — que não pode, até prá mim está errado — com uma garrafa de pinga na mão. Ele chegou no portão e disse: "não vá se ofender tio, também sou seu fã teu". Como é que eles falam hoje? Assim: "Tô com você e não abro". Tome um gole aí. Moço novo, e às 10 da manhã já de fogo. Mas brabo de pinga. Tem coisa que não dá prá entender...

DP — O povo bebe pinga de manhã cedo.

AB — Não. Esse estava perdido de manhã cedo.

DP — ... aquele mau exemplo que você deu...

AB — Eu fazia assim nas "Malocas". Era isso aí. "Malocas" era isso aí. Era assim o "Charutinho". Garrafinha no bolso, aqui. No tempo que fazia circo, garrafa de pinga no bolso. Uma garrafa de Caracu cheia de cachaça, eu tramava minhas bobagens e punha pinga na cara. Eu me empolgava e saía de lá no fogo.

DP — Voc não respondeu a minha pergunta. Como você justifica o sucesso perante os jovens? Você acha que é devido a que?

AB — Eu não sei explicar isso aí. Juro como não sei explicar. Como que foi aparecer agora, depois que apareceu a Jovem Guarda...

DP — Você fez uma música em homenagem à Jovem Guarda?

AB — Fiz eu e o Marcos César: "Isso aqui é uma brasa". Eu falo dos jovens... sabe, dessa música. Porque é gozado isso.

DP — Você não acha que é porque você se comunicou muito facilmente com os jovens?

AB — Eu acho que isso aí é uma causa, porque na rua eu converso com eles. Sabe, não sei. Esquisito isso. Outro dia comecei a pensar sozinho isso daí. Como que foi acontecer, depois de tanto trabalhar, lutar muito. Quando começou a "Jovem Guarda", que eu fiz sucesso no Rio, o "Trem das Onze", campeão carioca, eu sou campeão carioca de carnaval. Sou campeão, "Trem das Onze". Depois foi um rojão. Nossa, subi assim. Hoje me procuram, eu enjeito serviço.

DP — Você já fez samba-enredo prá escola?

AB — Eu não sei fazer samba-enredo. Não sei fazer porque... a minha instrução é primária, não sei nem quem foi Duque de Caxias, nada.

DP — Você não acha que as escolas deveriam também contar histórias simples, assim?

AB — Devia ser isso samba-enredo. Não falar em...

DP — Você faria enredo assim, dentro do seu estilo?

AB — Do meu estilo, faço. Da "Maloca" e dos meus sambas.

DP — Adoniran, você ganhou o carnaval carioca com o que?

AB — Com o "Trem das Onze".

DP — Ganhou o que?

AB — Primeiro lugar em samba.

DP — Em que ano foi isso?

AB — Em 65. Primeiro lugar entre os dez sambas, foi a mais tocada no Rio, e o Carlos Lacerda, que era o governador, me deu dois milhões.

DP — O que você fez com todo esse dinheirão?

AB — Comprei uma bomba pro poço. Mandei pintar a casa. Mandei erguer o telhado que estava muito baixo. Deu prá... Fazia calor e a casa era baixa. Então o cara descobriu e ergueu um pouco mais. Eu gostei da reforma.

DP — Você é feliz, Adoniran?

"Não, não sou inventor do samba paulista. Não existe samba paulista, eu acho, porque o samba é igual (...) o carioca, o paulista, baiano, pernambucano. O ritmo é aquele de samba".

AB — Graças a Deus, eu sou feliz.

DP — Você teve muitas paixões na vida, ou não?

— AB — Não. As mulheres que tiveram paixão por mim.

DP — Você é casad Adoniran?

AB — Sou casado e desquitado. Tenho uma filha bonita e um neto lindo. Mora no Rio, minha filha. Tem trinta e poucos anos. Meu neto é lindinho. Está uma beleza. É o fim do mundo. Já toca violão. Já fala errado...

DP — Mas quando você fazia música com nome de mulher, era pra uma mulher mesmo ou invenção?

AB — Não. Tudo é imaginação da gente. O "Joga a chave", eu fiz pelo seguinte: eu morava na rua Aurora e esqueci a chave do meu apartamento. Então da rua eu gritava "joga a chave" pra minha mulher. A minha tinha caido no bueiro. E eu de fogo, "joga a chave". Aí minha mulher desceu. Aí eu fiz "Joga a chave, meu bem"...

DP — Você não acha o país muito devagar?

AB — Não. Está até depressa demais. Está depressa demais. Muito depressa. Vai acabar o mundo logo, está muito depressa isso aí.

DP — Você já viajou ou foi convidado a fazer algum show fora do país?

AB — Não. Nunca ninguém me convidou para fazer isso aí.

DP — Você gostaria de viajar para fora?

AB — Acho que não.

DP — E cantar na Broadway?

AB — Já me convidaram pra cantar, o Frank Sinatra...

DP — Depois do Valdik Soriano, você não acha que tudo é possivel?

AB — Mas ele é bom, tem uma voz bonita.

DP — É o Frank Sinatra do...

AB — Da Barra Funda. Mas ele é bom. Ele gosta de cantar.

DP — Em sua carreira existe alguma coisa que você gostaria de ter feito e não fez?

AB — Não. Fiz cinema. Fiz tudo o que podia. Só não fiz teatro, porque não quis fazer. Não gosto. Tenho medo do público. Tenho muito respeito ao público. Tenho medo de errar.

DP — Mas, e sair do Brasil, fazer alguma coisa lá fora...

AB — Não. Ninguém me convidou, mas acho que agora não ia mais. Já passou. Estou muito velho para sair da minha casa, agora. Deito cedo. Onze horas.

DP — .....se tivessem feito um convite, você teria ido?

AB — Há alguns anos atrás eu teria ido. Talvez sim, talvez não. Porque eu gosto muito da minha cidade aqui.

DP — Agora você está mais ou menos sentado na glória, assim...

AB — Na Glória, não. Na Aurora. Mas eu estou bem, graças a Deus. Dá prá mim viver tranquilo sem me bater muito.

DP — Você falou que gosta de São Paulo. Você não acha que São Paulo...

AB — Ah, mudou muito. Mudou demais. Não tem mais ..... Mudou demais. São Paulo não é mais aquilo do tempo que eu conheci São Paulo.

DP — Em que bairro você mora?

AB — Agora eu moro no Aeroporto. Morava no Brás, na Aurora.

DP — Qual a diferença do Brás daquele tempo com o Brás de agora?

AB — Muito diferente. O Brás está feio.

DP — Qual você prefere: São Paulo de hoje ou de ontem?

DP — E Iracema?

CONTINUA NA FOLHA SEGUINTE

AB — Iracema também é imaginação. É jornal isso. Do desastre de Iracema. Mas Iracema é o seguinte: jornal, todo dia acontece essas coisas, imaginação. Também o Ernesto, ninguém me convidou pra almoçar, nada.

DP — No "Iracema", você viu a notícia no jornal?

AB — Jornal, "O Dia". Era jornal de sangue...

DP — E o que você está fazendo no momento? Parece que você está se aposentando?

AB — Já estou aposentado, já.

DP — Por que?

AB — Porque trabalhei muito. Meu pai trabalhou muito e eu já nasci cansado, de tudo.

DP — Você está com quantos anos?

AB — Estou com 67. Eu fumo muito. Demais. Não é cigarro que me mata. Se eu largasse era uma beleza, mas eu... não dá. Eu vou trabalhar aí fora, então os caras, ficam os candongas perto de mim. Sabe o que é candonga? Fica perto... pra subir escada, tudo me ajuda. Não tem uísque aqui? Devia ter, né. Vamos lá embaixo? Eu pago...

DP — Você não acha o Brasil um país muito desenvolvido?

AB — Não sei o que é isso.

DP — O que você acha da democracia?

AB — Acho que é isso aí democracia. Democracia não é isso aí?

(FALTA A PERGUNTA - NÃO FOI PUBLICADA PELA FALHA DO JORNAL.)

AB — O de antigamente. Era mais calmo, você podia passear de noite por aí. Agora, você vai passear, você fica nú. Ou não? Agora não pode mais. Você está num restaurante e está com medo.

DP — Você é reconhecido nas ruas?

AB — Sou um pouco.

DP — Já foi mais conhecido?

AB — Não. Agora sou mais conhecido. Jornal, revista e televisão. Agora sou mais conhecido. Agora, pela voz me conhecem. Quando eu falo...

DP — Você tem uma voz rouca. Sua voz foi inventada ou é uma voz tua mesmo?

AB — É minha mesmo. Minha voz era um pouquinho melhor, mas eu forcei muito pra fazer tipos, fazia italiano, judeu, forcei muito, muito gelado. Mas agora tá melhor. Agora está mais como eu quero. Agora eu falo pro chofer assim: "eu vou ali". Eu tô na Ipiranga e venho até a General Jardim, é perto, dá prá vim a pé, dois quarteirões. Eu falo assim: "Não posso andar a pé. Leva ali na General Jardim" Oh, você que é o Adoniran? Nem quer cobrar. Já me conhecem pela voz.

DP — Quem fez aquela propaganda?...

AB — Foi a agência Alcântara Machado. É de uma anedota isso aí. O casal foi pro hotel e começou a conversar. O que é? Nós viemos aqui prá conversar ou prá... O que é? Aí é que nasceu a da cerveja.

DP — Você continua fazendo muita publicidade?

AB — Fiz agora um pra banco. De poupança, de um banco. Mas, pagando, bem eu faço.

DP — O que você está fazendo no momento?

AB — Só pra Cultura e Tecnologia. Só.

DP — Vai gravar algum disco?

AB — Vou gravar agora na Continental um LP com o Wilson Miranda. Isso é bom Já tenho até as músicas. No lado "A": "Favela", "Samba da Bexiga", "Praça da Sé", "Vencer é uma arte", "Aguiomar", "Eu vou pro samba", "Fica mais um pouco, amor", "Nego Serafim".

DP — Você tem alguma música inédita? Que ninguém conhece?

AB — Já cantei aí, e a dos Gusmões também.

DP — É mas falta o fim.

AB — Eu esqueci, porque não é minha parte. Quem vai cantar é outro. Vou lembrar:

"É progressio, é progressio.
mudou tudo, mudou até o clima.
Você tá bonita por baixo.
tá bonita por cima.
Só indo lá pra vê.
Mas não vá sozinho, meu senhô,
porque o senhô vai se perdê.
Praça da Sé, Praça da Sé,
hoje você é
Madame Estação Sé".

DP — O que você acha da Araci, assim com personalidade?

AB — Eu acho ela legal. Cem por cento. Gosto muito dela.

DP — Você conheceu ela quando?

AB — Conheci aqui em São Paulo. Na Tupi. Gosto muito dela. Eu saía de noite com ela na rua. Iamos prás boates. Eu e ela. Passeando. Muito legal, ela.

"Não, eu não fiquei rico. Comprei uma casa, uma bomba para o meu poço e um Ford 36".

"Não sei o que a minha cara tinha, que ninguém ia com a minha cara"...

"Então, o Moles, grande amigo meu, viu eu fumando esse charuto e... "Charutinho". E ficou Charutinho.

O samba inédito

Eis a letra, completa, do samba que Adoniram cantou em primeira mão para "Olho no Olho":

"Praça da Sé, Praça da Sé
Hoje você é uma dama, Estação da Sé
Quem ti conheceu alguns anos atrais
Não ti conhece mais,
Nem vai conseguir ti reconhecer
Se hoje passá por aqui.
Alguém que já faz algum tempo
Que não lhi vê,
Pouca coisa tem que dizê
Pouca coisa tem que conta
É natural, nunca viu coisa igual
É o progressio, é o progressio,
Mudou tudo, mudou até o clima
Você tá bonita por baixo
Tá bonita por cima
Só indo lá pra vê
Mas num vá sozinho, meu senhô,
Porque o senhô vai se perdê.
Praça da Sé, Praça da Sé,
Você hoje é
Madame Estação da Sé".

24-11-1982 — Diário Popular

No adeus a Adoniran, as lágrimas do samba

Poucas pessoas foram ao velório de Adoniran Barbosa, no cemitério da Paz, no Morumbi. O local de difícil acesso não permitiu que os seus verdadeiros admiradores pudessem chegar até o cemitério e gerou o protesto de seu parceiro, Alocin, que lamentou que nenhuma autoridade tivesse oferecido a Câmara Municipal, Teatro Municipal, ou a Assembléia para as últimas homenagens ao compositor que cantou São Paulo em todas as suas músicas.

LOCAL IMPRÓPRIO

"Para o seu parceiro em "Samba do Arnesto" e "Viaduto Santa Ifigênia", Nicola Caporino (o nome que aparece nas músicas é a inversão do Nicola), não seria aqui o local para o público dele prestar a homenagem, pela localização; foi um desleixo das autoridades, um desleixo gravíssimo, uma falta de reconhecimento do valor dele".

Mas para Adoniran Barbosa, nascido a 6 de julho de 1910, em Valinhos, batizado João Rubinato, esse esquecimento nunca foi novidade. Apesar de toda a vida artística como compositor, radialista, onde ao lado de Maria Teresa representou o personagem "Charutinho" que o tornou conhecido, e suas participações em novelas e especiais, apenas em 1973 conseguiu pôr sua voz em disco.

DONA MATILDE

"Perdi um pedaço do meu coração, mas estou como ele queria que eu estivesse", disse Matilde, sua esposa há quarenta anos, cujo nome não aparece em nenhum dos seus sambas. "Mas não era preciso, todos eram para mim". O samba "Joga a chave meu bem" é um exemplo disso.

"Nós morávamos em um apartamento, no 2.o andar, e o portão ficava trancado. Um dia ele esqueceu o molho de chaves e aprontou o maior escândalo, gritava e eu não acordava. Quando despertei ouvi aquela gritaria, abri a janela e ele gritou: "Joga a chave!", e nasceu o samba.

Matilde espelhava a tranquilidade que Adoniran esperava dela, ele que detestava velórios, que manteve o humor mesmo internado no Hospital São Luiz, onde apelidou os tambores de oxigênio de "Mercedão e Mercedinho". O compressor era a "Romineta" e a máscara de oxigênio, a "corneta", o urinol, "canhão de Navarone".

DENTE-DE-LEITE

Adoniran, que foi o fundador do primeiro time dente de leite em São Paulo, em 1948, o Barbosinha Futebol Clube, que jogava num campo que existia até pouco tempo no Parque Dom Pedro, era um compositor de inspiração. Nem a seu sobrinho, Sérgio Rubinato, que o acompanhava aos shows e viagens ele mostrava as músicas antes de achar que estavam prontas.

ARNESTO

"Ele cantarolava uma melodia dois, três dias", às vezes escrevia num guardanapo de papel e andava com ele amassado no bolso até achar que a música estava pronta, daí então Sérgio poderia ouvir. No samba do Arnesto, feito com Nicola Caporino, Adoniran aproveitou para fazer uma brincadeira com um alfaiate que ele chamava desta maneira só pra chatear.

"Naquela época ele estava fazendo o filme "O Cangaceiro" de Lima Barreto, nos estúdios da Vera Cruz", diz Nicola, que por estar sem dinheiro para ir ao Guarujá toda sexta-feira para voltar no domingo, dava desculpas quando ele ia buscá-lo em casa. Até que um dia Adoniran acabou respondendo: "Por que você não põe um recado na porta" e eu disse "Adonis, isso dá samba".

ALEGRIA DE ADONIRAN

O samba sempre foi a alegria de Adoniran, este ano ele desfilou pela escola Colorados do Brás, que foi homenageá-lo. A tardia reverência articulada pela Sociedade de Defesa das Tradições e Progresso da Bela Vista foi recusada. Valter Taverna, presidente da Sociedade, apareceu ontem, com um ofício da Secretaria de Estado da Cultura cedendo o teatro Sérgio Cardoso para o velório.

Era tarde demais para isto. Adoniran "detestava bagunça, ele é capaz de levantar e ficar bravo comigo", dizia Sérgio, filho de um dos dois irmãos do compositor, que tem uma filha morando no Rio de Janeiro, com quem sempre se comunicava.

Adoniran Barbosa foi enterrado com seu cachecol e seu chapéu, inseparáveis, no túmulo 58, quadra 7, no Cemitério da Paz. "Respeitado como sambista" afirmou Geraldo Filme, para quem "o samba paulista continua, ele deixou uma escola".

Durante a manhã, somente os familiares no velório n.o 2, do Cemitério da Paz. Mas, à tarde, amigos, compositores e intérpretes dos sambas de Adoniran começaram a chegar, para acompanhá-lo pelas alamedas até seu túmulo.

O Arnesto, ou melhor Ernesto Paulelli, advogado, que conheceu Adoniran nos corredores da rádio Record, em 1941, quando o compositor iniciava sua carreira, relembrava: "Quando conheci Adoniran, e ele ficou sabendo que eu morava no Brás, disse: vou te fazer um samba". Mas o "Samba do Arnesto só apareceu em 1955 e, das mãos de Adoniran, Ernesto Paulelli recebeu a partitura com a letra do samba, e a dedicação: "ao patrono do meu samba".

"TREM DAS ONZE"

No velório, antes da saída do caixão, apesar do choro dos familiares e amigos, um coro forte, puxado pelos Demônios da Garoa, cantava o "Trem das Onze". Em eco, aqueles que não haviam conseguido entrar na sala do velório, superlotada, repetiam os mesmos versos, comandados por um emocionado Antonio Marcos.

Coberto com a bandeira vermelha e branca do Grêmio Recreativo Escola de Samba Colorado do Brás, o caixão de Adoniran foi levado, sempre ao som do "Trem das Onze" e, em seguida, de "Saudosa Maloca", à quadra 7. As vozes das quase duas mil pessoas presentes, antes forte, agora pareciam abafadas.

A música só silenciou quando foi rezado o Pai-Nosso. E o silêncio permaneceu quando o caixão foi baixado ao túmulo e coberto com coroas de flores mandadas por amigos, intérpretes, rádios e gravadoras. Emocionados, despediam-se de Adoniran os Demônios da Garoa, Eduardo Gudin, Francisco Egídio, Geraldo Filme, Carlinhos Vergueiro e mais centenas de paulistas anônimos.

A última homenagem veio do corneteiro-mor da Sociedade Veteranos de 32 — MMDC —, Elias dos Santos Oliveira, que contou: "Há alguns meses me encontrei com Adoniran conversando com amigos na praça Marechal Deodoro". Segundo Elias, Adoniran se disse emocionado com o toque de missão cumprida, executado por ele no enterro de Elis Regina. E pediu: "Não se esqueça de mim. Mas eu não quero o toque de missão cumprida. Quero o silêncio".

Elias não se esqueceu.

RUA ADONIRAN

O prefeito Antonio Salim Curiati assinou ontem decreto dando o nome de Adoniran Barbosa, falecido anteontem, à travessa Brigadeiro Luís Antonio, entre as ruas Santo Amaro, Vicente Prado e Jaguaí, no bairro da Bela Vista. Adoniran Barbosa cujo nome verdadeiro era João Rubinato, foi um dos mais importantes compositores do chamado samba paulista, cujas raízes estão na Bela Vista e no Brás.

FOTOS NO VERSO

Os amigos e admiradores de Adoniran acompanharam o caixão, ao som de "Trem das Onze" e "Saudosa Maloca". Foto José Ribeiro

Dona Matilde, manteve-se tranquila, "como ele queria". Foto Utaro Kanai

Diário Popular
25/11/82

Que fique bem claro

Que fique bem claro, Adoniran

Hoje o "Que bem claro" não fala de aumentos. Hoje, não baixa o cacete nos políticos, nos corruptos, nos ladrões, nos desonestos, nos enganadores, nos trambiqueiros. Não. Hoje o "Que fique bem claro" chora a ausência de um homem meio anjo, um poeta. Que, bem ou mal, muito ou pouco, era amigo ou conhecido ou, quando nada, vivia no coração de cada um de nós aqui. Hoje, o "Que fique bem claro" deixa bem claro a ausência danada desse poeta que cantava o seu povo com a linguagem do povo.

Todos nós.

"Bom dia, tristeza"

"Bom dia, tristeza / que tarde, tristeza..." Assim começa um lindo samba teu, Adoniran. Teu e do encantador Vinicius de Moraes — poeta e diplomata, boêmio dos autênticos como tu, feiticeiro de almas e canções, como tu, — que hoje deve estar se encontrando contigo aí no céu.

"Bom dia, tristeza". É assim que está o coração da gente, Adoniran, desde que ele foi pisado com a dolorosa notícia da tua morte. E não há "nenhuma lâmpada com mariposas dando voltas" para aquecer esse frio. Um frio mais gelado que as úmidas madrugadas paulistas na avenida São João. Mais frio do que ficou na tua querida Praça da Sé.

Como aquecer um coração que sente a falta daquele que provou que São Paulo não é o túmulo do samba? Que o samba do asfalto é lindo, mais pungente que o samba do morro; mais cadente que o samba da praia.

Como pode um coração se aquecer se a gente pensa que vai ser difícil explicar para as crianças que o samba nasce no fim do expediente, entre uma e outra garrafa de cerveja?

Vai, Adoniran. Vai em paz. O coração não se aquece, mesmo; ainda porque tu receberás muitas homenagens, agora. Quando não precisas mais delas.

Vai te encontrar com Iracema, "teu único amor, que vive lá no céu. Bem juntinho do Nosso Senhor".

Fernanda Guimarães Lopes

Festa no céu

Lá por cima, deve estar a maior alegria com a chegada dele e sua caixa de fósforos, tirando sambas. De braços abertos, receberam o homem que contou as saudades de sua maloca e falou do trem das onze. Mas, por aqui, não. Aqui embaixo, só há tristeza. Principalmente, São Paulo. Aqui, jamais será o mesmo sem você, Adoniran.

Dirceu Alves

Ursada, Adoniran

Adoniran, essa não. Foi ursada sua. Não era pra partir assim, deixando a gente o o samba na saudade. E agora? Sem você, o apito do trem não tem graça, a maloca não tem vida. Isso não se faz, Adoniran.

Laguna

Viverás em nossa lembrança

Adoniran, fazendo coro com milhões de brasileiros, venho trazer-te também o meu adeus cheio de tristeza e saudade. Como verdadeiro artista, cumpriste tua bela missão, divertindo e embalando com teu samba o nosso sofrido povo. Razão por que já terás recebido teu justo prêmio, ascendendo aos Planos Superiores, de onde irradiarás este Brasil, teu fã, em cuja lembrança viverás...

J.A. Martins

Até sempre Adoniran

"Mais que nunca ela é saudosa, para sempre será maloca. De saudades faz chorar o Arnesto, Mato Grosso e o Jóca, que perdidos na tristeza, sem rumo estão a caminhar. De repente surge uma luz... É um trem que passa devagar, lá de dentro alguém sorri ao acenar, felizes eles ficam... é o Adoniran que vai viajar. Mas desta vez não é para o Jaçanã, é para nunca mais voltar. Mato Grosso quis gritar, mas o Arnesto curioso perguntou: Se ele vai partir por que sorri com tanta felicidade? Então o Jóca respondeu: é porque ele embarcou no trem da eternidade".

Da leitora Magda Alvarez Coelho.
Pela transcrição,

João Avedian

Tchau, Adoniran!

Adoniran partiu na terça-feira chuvosa. Os pingos caíam como lágrimas e faziam uma batucada no asfalto em homenagem ao sambista da Paulicéia. Não sei que hora ele partiu. Sei que não foi no trem das onze. Foi numa carruagem puxada pelas almas dos bulisas que morreram. Saudoso Adoniran, faça um samba no céu pra encantar a gente mais uma vez. E boa viagem, poeta. Se você encontrar o Arnesto por aí, perdoa a mancada que ele deu no Brás e pague uma cachaça para ele. Brindaremos daqui, poeta, em todos os botecos, em todas as esquinas e malócas.

Matt

Injustiçado (1)

As maiores personalidades paulistas na música popular brasileira, excluindo-se o cantor Carlos Galhardo, cognominado o rei da valsa, foram, indiscutivelmente, Adoniran Barbosa, ontem sepultado, o maioral no samba paulista e Vadico, um dos mais distinguidos compositores da nossa MPB, autor de três sambas antológico, "Feitiço da Vila", "Feitio de Oração" e "Conversa de Botequim". As letras são de Noel Rosa, o nome citado nessas composições, sendo Vadico quase ignorado pela maioria, pois raramente é lembrado, e quando o é, apenas como o parceiro de Noel. Olvidam-se de que ele foi o extraordinário compositor de "Prece", outra joia da MPB, em parceria com Marino Pinto, que fez a letra.

Adoniran Barbosa, o mais célebre compositor paulista, o homem que levantou o campeonato carnavalesco do Rio de Janeiro, em 1965, ano de seu quarto centenário, com o maior dos sambas de Piratininga, de poesia simples e comunicativa, o "Trem das Onze", ao contrário de Vadico só teve seu valor reconhecido depois dos 50 anos de idade, quando aquele surgiu muito moço, compondo em dupla com o poeta da Vila.

João sem teto

Injustiçado (2)

Mas Adoniran Barbosa e Vadico têm muita coisa em comum. Ambos descendem de famílias italianas. Adoniran, o João Rubinato e Osvaldo Gogliano, o Vadico do Brás. Ambos nasceram em 1910 e ambos, em vida, foram injustiçados. Vadico porque atribuíam suas composições a Noel Rosa e Adoniran porque sempre sofreu relativo esquecimento, até em São Paulo, onde até amigo Henrique L. Alves, evidentemente por distração, em seu premiado livro "Sua Excelência o Samba", no qual apresenta as maiores expressões da música popular brasileira em todos os tempos, esqueceu-se de seu conterrâneo, premiado no Rio, no carnaval do IV Centenário daquele Estado. Apenas na segunda edição dessa obra o autor publica uma foto antiga de Adoniran, com curta legenda, sem maiores comentários.

Eu disse que era distração porque, a respeito de Vadico, Henrique Alves soube rememorar todos os seu êxitos, só conferidos a Noel, e nada falou a respeito de Adoniran, o homem que modificou a conclusão errada de Vinicius de Moraes, que apontava São Paulo como o cemitério do samba, mas veio depois a compor, com Adoniran Barbosa, outra antológica música brasileira, o "Bom dia tristeza".

Com Adoniran Barbosa, morreu o segundo dos inimitáveis compositores paulistas. Com méritos iguais, em músicas diferentes, estão ele, Adoniran, e Vadico, o "parceiro de Noel".

João sem teto

Ei, sambista

Ei, Adoniran. Aí por cima deve haver uma praça como a da Sé, uma [illegible] 13 de Maio, deve ter muita [illegible] com São Paulo. É [illegible] Adoniran. Pegue sua caixa [illegible] e manda bala. Tire uns [illegible] os celestiais. Mas, não [illegible] saudosa maióca.

Cholinha

Duas lembranças de Adoniran

De Adoniran Barbosa guardo duas lembranças já perdidas no tempo. Meus irmãos tinham uma loja no Brás, na avenida Celso Garcia, quase vizinha do antigo e famoso cinema Braz Politheama. Uma tarde, em 1938, Adoniran entrou na loja, cumprimentou meus irmãos e disse que naquele dia ele começara a trabalhar na Rádio Educadora Paulista, PRH9, como publicitário. E queria um anúncio da loja. Simpático e insinuante como sempre foi, Adoniran conseguiu o anúncio, que era de 30 mil réis por dia, com direito a 10 irradiações. E era com prazer que ele sempre me dizia: "Foi meu primeiro caché em rádio".

A segunda aconteceu ainda em

CONTINUA NO VERSO

1938, já no final do ano. Era às vesperas do Natal e um grupo do Exército da Salvação armara a sua tradicional panela na esquina da avenida Celso Garcia com a rua Bresser. Adoniran passava. Eles tocavam sua música e pediam donativos. Os transeuntes olhavam e nada de donativos. Foi quando Adoniran inesperadamente avançou e começou a cantar um samba — "Lata d'água na cabeça" se não me falha a memória. — Em poucos minutos a panela "ferveu".

Deus há de tê-lo perto de si porque era um puro de coração.

Chaul

Ciao Charutinho

A cuíca, o pandeiro, o violão, o cavaquinho, o vagabundo, o boêmio, o trabalhador, o homem do povo estão de luto. Morreu Adoniran Barbosa o ator e compositor de tantos sucessos, cantando São Paulo pelo Brasil inteiro e até no exterior. Adoniran, que nos anos 50 interpretava o **Charutinho, na série "Histórias das Malocas"**, na Rádio Record (escrita por outro que já se foi, Osvaldo Moles), mais do que artista, era figura humana inacreditável. Anos atrás, ainda garoto, vi Adoniran, na velha praça da Sé, conversando com indigentes, como se fosse um deles, com uma boina na cabeça. Chora o Bixiga, chora o Brás, a Mooca, Vila Esperança, Barra Funda, Jaçanã, chora o Brasil. Ciao João Rubinato, Adoniran, **Charutinho.**

E.L.

Figurinha carimbada

Claro, Adoniran Barbosa foi um grande compositor de samba. O maior que São Paulo já teve. Não vou, portanto, escrever sobre o óbvio ululante. Escreverei algumas linhas, portanto, da figura humana que foi o Adoniran. Sem dúvida, uma figurinha carimbada, dessas que não se encontram facilmente. Adoniran era o que era. Não posava. Simples, sincero. E como gostava de uísque!

Pelas ruas e bares do Bixiga, cruzei com Adoniran diversas vezes. "Oi, Adoniran, como vai?". E ele, com sua voz rouca: "Vou bem, meu filho, vou bem". Não ia. Adoniran nunca teve uma saúde boa. Ultimamente, contudo, estava pior. Chegou até a ser internado. Para os mais íntimos, sua morte não chegou a ser surpresa.

A última vez que vi Adoniran foi num bar aqui perto do jornal, no Mutamba. Ele estava, sozinho, sentado numa mesa. Batucando, claro. Sentei perto e afinei-os ouvidos, pois, afinal, ele poderia estar compondo mais um samba e eu não poderia perder a oportunidade de testemunhar. Mas — vejam vocês — apareceu um garçom — que bom sujeito não era, certamente — pediu para que Adoniran parasse com aquele "barulho". Não me contive. Me levantei e disse: "Moço, isso não é barulho. É samba. É do Adoniran".

Paulo Lopes

Adoniran partiu

Morreu Adoniran. Mas sua música, ou melhor, seu samba, o nosso samba, esse não morre jamais. Adoniran será sempre lembrado, eternamente lembrado, não só por suas composições, como também pela sua maneira especial de ser, por sua boemia ingênua, por seu gênio brincalhão, por seu temperamento bondoso, como é o temperamento, a índole de todo o verdadeiro artista. O Trem das Onze partiu e desta vez levou para sempre nosso Adoniran. Agora, nós é que ficamos à espera desse trem, que um dia vai levar-nos também. E para junto de Adoniran.

A.Q .Pena

Eles não conseguiram

Demoraram tanto tempo para reconhecer o talento desse homem que, quando o fizeram, só de raiva, ele foi embora.

Edgard de Oliveira Barros

Homenagem justa a Adoniran Barbosa

Se nenhum vereador teve ainda tempo de pensar no assunto, eu ajudo com a minha sugestão: por que não se apresentar projeto na Câmara Municipal dando o nome de Adoniran Barbosa a uma rua da Capital? Acho que ninguém melhor do que ele merece essa homenagem. Adoniran Barbosa imortalizou, em suas composições, aspectos sociológicos desta cidade, cantou a sua garoa, seus tipos característicos, o sistema de vida que caracterizava a cidade dos tempos do trem da Cantareira, dos bondes, dos sambistas, dos malandros das malocas... Adoniran Barbosa (aliás João Rubinatto, que era seu verdadeiro nome) está indelevelmente ligado a esta cidade, por isso merece mais do que ninguém ter seu nome perpetuado num logradouro público. Ele merece muito mais do que ilustres desconhecidos que hoje são nomes de ruas e que, em muitos casos, tiveram essa homenagem por pura influência política. Aí fica a sugestão.

Odair R. Alves

Depois, nada

Depois de você, nada mais Adoniran. Depois de você , o vazio. Também, pudera! Você partiu e levou o samba, pô...

Avedian

O Anjo da Noite

Adoniran Barbosa não morreu, porque os poetas não morrem jamais. Agora, do seu "EU" maravilhoso está vindo à tona um taciturno anjo querubim, o verdadeiro guardião dos pórticos da noite. Da boemia simples, o mais novo jardineiro das flores estelares, um confidente da lua.

Da sua lira descalça de claves ou pentagramas, acaba de nascer uma luminosidade infinita, um verso pagão acariciado pelo páramo celestial. E a música despretensiosa já floresce nas esquinas do tempo. Na garoa fina da Paulicéia percorre os fantasmas corredores do café, explode em magia no inesquecível trenzinho da Cantareira, invadindo nostalgicamente a arquitetônica e maquiada Praça da Sé. Não demora um segundo, e o pueril linguajar acalanta as lágrimas do sereno. O mágico Adoniran, de uma nuvem outonal tecida pela esperança, espelha sua ledice. A alegria envolve as ingremes ruas do Brás, vai até o Bixiga e entranha-se pelo Jaçanã afora. A felicidade não é composta de argamassa e lembranças quebradas. O poeta do Olimpo retira do seu mágico chapéu de feltro compreensão e melguice. E na calada da noite um bêbado irreverente pede licença "pra dizê: Adoniran nóis fumo e encontramo você, partindo no trem da eternidade"...

Anderson França

Saudades

Adoniran, escuta. Queria dizer um monte de coisas, falar de tudo, de tudo que você representou. Mas, não dá. O máximo que consigo é repetir saudades, saudades, saudades. Saudades de você, Adoniran.

Bussab

Pense (é bem melhor)

O poeta é um fingidor,
finge tão completamente
que chega a fingir que é dor
a dor que deveras sente.

Fernanda Pessoa

(Através do mais genial poeta de língua portuguesa, a homenagem a Adoniran Barbosa)

Todos nós.

X

S.P. DIARIO POPULAR - DATA: 26/11/82.

O futebol homenageia Adoniran

O cantor e compositor Adoniran Barbosa, falecido na terça-feira, foi homenageado postumamente em todos os campos de futebol, na noite de ontem. No Pacaembu, no Parque Antártica, no Canindé, em Santo André e em Campinas, momentos antes de serem iniciadas as partidas, pelos alto-falantes dos estádios ouviu-se a música "Trem das Onze", gravada pelos Demônios da Garoa, imortal criação de Adoniran. Em seguida, houve respeitoso minuto de silêncio.

A homenagem do futebol paulista deveu-se à grande paixão que Adoniran devotava ao esporte. O compositor raramente frequentava os estádios, porém era muito amigo de jogadores e dirigentes.

Adoniran. Nóis queria tanto ficá mais uns minuto com você!

Igual a você, Adoniran, não encontremo ninguém.

Por isso nóis queria tanto que você ficasse.

Nóis queria ir de novo lá na casa do Arnesto, rever a Pafunça, perguntar ao Moacir como vai a vida de casado, encontrar o Mato Grosso, o Joca, pegar paia nas grama dos jardins.

Todas essas coisas que, sem a sua voz rouca pra nos incentivar, nóis não faz mais.

Mas o destino diz que sente muito, mas não pode ser. O trem que vai lá pro céu não tem hora.
Não respeita dia, tarde, noite, madrugada ou manhã.

Mas leve uma certeza, amigo querido: de você, nóis vai sempre se alembrar.

Din-din-donde você estiver, escuta a homenagem dos admiradores, amigos e companheiros de alguns trabalhos, da Alcantara Machado, Periscinoto Comunicações.

DIÁRIO POPULAR
São Paulo, 28 de NOVEMBRO de 1982

DIÁRIO POPULAR
São Paulo, 28 de Novembro de 1982

Diário Popular 28/11/82

Adoniran, a gente ficô cum baita dum nó na garganta.

Diário Popular - 01/12/82

"Trem das Onze" na missa de Adoniran

O conjunto Talismã canta alguns sucessos de Adoniran Barbosa diante do altar.

Cerca de 400 pessoas estiveram ontem à noite na Catedral da Sé para rezar pela alma de Adoniran Barbosa. A missa de 7.o dia, oficiada pelo cônego Dario Bevilaqua, contou com a presença quase que exclusivamente de pessoas do povo, aquelas que o compositor tão bem retratou em suas canções.

Repetindo o que ocorreu no enterro de Adoniram, o conjunto Talismã cantou, com a colaboração de Arnaldo, o único do grupo Demônios da Garoa que compareceu à missa, as famosas "Trem das Onze", "Samba do Arnesto" e "Saudosa Maloca". A viúva do compositor, Matilde Lutilis, recebeu do GRES Colorado do Brás a bandeira da escola que cobriu o caixão de seu marido antes do enterro.

TEATRO DO COTIDIANO

ELIS — AMPLA, TOTAL E IRRESTRITA

ISABEL VASCONCELOS

(Com muita saudade)

Quando terminou o ano de 1980, brincando, eu costumava dizer que ficara orfã. Isso porque 1980 levara com ele algumas das pessoas que mais influenciaram minha adolescência, minha juventude: Sartre, McLuhan, Lennon, Vinicius... A lista era grande, bem grande.

Mais orfã ficamos, nós, mulheres do Brasil, sem Elis Regina. Agora já tem um ano. Um ano sem Elis. E, neste momento, escrevo por ouvir uma fita que reúne duas saudades: Adoniran Barbosa e Elis Regina cantando juntos num bar do Bixiga (Meu Deus, será que vão deixar morrer também os bares do Bixiga?)

Nossa geração foi uma geração carente de líderes. Foram cassados antes mesmo de se firmarem como líderes. Sumiram. Levitaram. Nem a música — a popular, a poesia do povo, da gente — resistiu. Chico, Cae, Gil se auto-exilaram. Até Rita Lee.

Rita Lee, que hoje espalha alegria e bota uma fé de leão nessa cidade cinza; Rita Lee, que nasceu Mutante e junto com a Tropicália; até Rita Lee levou seu "susto", passou pela tentativa de difamação. São águas passadas.

Como passadas são as estampas do discutido mártir da Latino América, Chê Guevara (o mesmo que foi condecorado pelo então presidente da República, sr. Jânio da Silva Quadros). Passado substituído gradativamente. Nos anos 70 a Liberdade, no Brasil, era "uma calça velha, azul e desbotada". Com um detalhe: ela (a calça ou a liberdade?) custava os olhos da cara. Em vez de líderes deram à nossa juventude o delírio do consumismo desenfreado, a idiotíssima competição do status, o não-pensar.

Muito tempo sem líderes. Sem caminhos alternativos.

"Você é quem manda, falou tá falado, não tem discussão. A minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão" (Chico Buarque). Chico costumava mandar 40/50 músicas para a Censura na expectativa de conseguir liberar 12 para gravar seu LP anual.

E Elis — a "elitista", a "antipática", a Pimentinha — ia crescendo. A cada show. A cada trabalho. A cada disco. A cada passo. Revelou gente nova, gente que, sem ela, talvez não conseguisse abrir caminho, não conseguisse espaço para mostrar seu trabalho. Batalhou pelo músico, pelo músico profissional, essa classe sofrida, como sofrida é toda a manifestação cultural neste país de infelicidades.

Elis ia completar 37 anos quando morreu. Morreu de uma dose de cocaína. Ou morreu de um tiro no peito. O tiro disparado todos os dias em todos os cantos deste mundo louco. O tiro que está na TV, no rádio, no jornal de amanhã. O meu tiro Ou o seu. Nesta guerra cotidiana.

Elis viveu apenas 36 anos. Muito me entristece pensar que, para os meus filhos, ela será qualquer coisa assim cheirando a história como foi, para mim, Carmen Miranda.

Elis era uma voz — e que voz! — a mais no Cordão da Liberdade, no Bloco da Paz.

Quando da morte de Elis, naquele triste 19 de janeiro de 1982, disse o cartunista Henfil do papel desempenhado pela cantora no processo da abertura e na popularização da Anistia, através da música de João Bosco e Aldir Blanc (O Bêbado e A Equilibrista): "Esta Anistia deveria chamar-se Anistia Ampla Total e Elis Regina".

Tenho certeza que de lá do outro lado do mundo, ela o ouviu. Soltou sua inesquecível gargalhada e morreu de rir.

Diario Popular

ANO XCIX | SÃO PAULO Segunda-feira, 4 de abril de 1983 BRASIL

Uma semana de festas no 3.º aniversário do Museu do Bixiga

Com festas que durarão toda a semana, o Museu do Bixiga vai comemorar seu terceiro aniversário. Além da programação cultural, que incluirá exposições, teatro e homenagens a personagens do bairro, não faltarão a comida típica italiana e o vinho.

Sempre com início marcado para as 21 horas, a programação é a seguinte:

Dia 4-4 — "A noite dos quatro gigantes" — nesse dia, serão homenageados Adoniran Barbosa, Agostinho dos Santos, Pedro Galasso (o primeiro a ser campeão sul-americano de boxe) e Feitiço (o primeiro a jogar em duas seleções de futebol — a brasileira e a uruguaia). A homenagem será no Museu do Bixiga, à rua dos Ingleses, 165, quando será inaugurado o "Cantinho dos quatro gigantes", com a presença de Feitiço e de Pedro Galasso, e de familiares de Adoniran e de Agostinho dos Santos. E, além da música a cargo do Trio Internacional, será oferecido vinho, acompanhado de sardela e beringela.

Dia 5-4 — "Documentos" — exposição de fotos inéditas de Paulo Santiago, no Carbono 14 (rua Treze de Maio, 363). São 40 fotos de Paulo Santiago, também diretor do Museu do Bixiga, mostrando todas da década de 70, e Chile de Allende, Oscar Torrijos, Nadia Comaneci, Bjorn Borg e outros assuntos. Essas fotos ficarão expostas até dia 20 de abril.

Dia 6-4 — "Bella Ciao" — A comédia, que foi a mais premiada peça teatral no ano passado, mostra quarenta anos de vida de um imigrante italiano e os movimentos políticos que ele atravessa: o anarquismo, o surgimento do Partido Comunista, as revoluções de 1924 e 1932 e o getulismo. No Teatro Taib, à rua Três Rios, 246, ao preço único de Cr$... 1.000,00.

Dia 7-4 — "Adoniran Bar" — inauguração do bar à rua Rui Barbosa n.o 240, que pretende ser uma homenagem ao compositor e cantor Adoniran. Para a inauguração, será feita uma exposição de fotos inéditas do compositor, apresentação de gravações em vídeo e música ao vivo com suas composições. Das 21 às 23 horas, o chopp será grátis.

Dia 8-4 — "O teatro maluco de Zé Fidélis" — Premiada com o Troféu Mambembe 82, esta comédia é a montagem de 15 cenas escritas pelo antigo humorista Zé Fidélis, famoso no rádio nas décadas de 30 a 50, e hoje com 72 anos de idade. No Teatro Cultura Artística, 196, ao preço de Cr$ 3.000. A renda será revertida ao Museu do Bixiga. E, depois da peça, típica festa italiana, com sardela, beringela e muito vinho.

Também de Paulo Santiago é esta foto: "Trabalhadores chilenos", de 4-11-71

DIÁRIO POPULAR 7-8-1983 PAG. 6

Emoção e afetividade foram a tônica da inauguração (Foto José Augusto)

Adoniran Barbosa está de volta ao Bixiga: agora, oficialmente

Ao meio dia de ontem, frio, apesar do sol e do céu claro, ao som da música "Vélo Mestre", de Braulio de Castro e Paulo Elias, Adoniran Barbosa voltou oficialmente ao Bixiga, cujas ruas percorria todas as noites, fazendo nos balcões de botequins desconhecidos grande parte dos sambas que hoje são a memória da boêmia simples da cidade, do drama do homem anônimo. Sua viúva, Matilde Barbosa e o prefeito Mario Covas, desataram juntos nessa hora a fita que amarrava a bandeira de São Paulo, cobrindo um busto do compositor, trabalho do escultor Luis Morroni. O Bixiga acolhia assim, definitivamente, na praça Dom Orione, o boêmio que o amou tanto.

AS MÚSICAS

As músicas de Adoniran foram sendo ouvidas uma a uma, executadas pelo conjunto que o acompanhou nos últimos anos da sua vida, os músicos do "Talismã" e cantadas por todos os presentes, do prefeito, ao secretário das Administrações, Sampaio Doria; o presidente da Paulistur, João Doria Junior e o secretário de Esportes e Turismo, Caio Pompeu de Toledo. A certa distância, no parque infantil instalado no meio da praça, as mães atentas às crianças que brincavam, também acompanhavam as músicas do compositor, embora, até aquela hora o sistema de som não pudesse funcionar, porque não haviam levado fiação com metragem suficiente para ligá-lo.

CUMPRIMENTOS

Francisco Batista Esteves, presidente da Associação Brasileira de Cultura, que teve a iniciativa de encomendar a escultura e entregá-la à cidade e Armando Pugisi, o idealizador do Museu do Bixiga, eram cumprimentados pelos moradores, ao mesmo tempo que o administrador regional da Sé, Welson Gonçalves Barbosa era assediado por moradores das proximidades, artaidos pela festa e que queriam autógrafos e fazer reivindicações.

A tarde, já com som e mais divulgação (a inauguração foi adiada três vezes), a festa deveria continuar, prometia a Paulistur e então com oportunidade para todo o mundo cantar e apresentar-se nos palanques armados para isso, mesmo, os conjuntos amadores.

Adoniran Barbosa: saudade e homenagens 1 ano depois

"Se o sinhô num tá lembrado, dá licença de contar..." Que aqui há saudade, saudade de você, dotô do samba, senhor João Rubinato — para o povo, Adoniran Barbosa. E foi ontem à tarde, no Museu do Bixiga (bairro que você tanto amou) que sua viúva Matilde Rubinato-Barbosa ou Barbosa Rubinato, cantou e contou muito de você. Chorou, também, lembrando o que ela chamou "os 40 anos só de amor".

"Porque a gente se adorava" — disse Matilde — "e quando ele estava morrendo me disse: Eu te levo junto". "E hoje ela vive lá no céu".

Eu só não morri até agora — explica Matilde — porque vocês estão dando muita força para mim. E porque eu quero construir um Museu Adoniran Barbosa. Um museu não, que isso é coisa pra D. Pedro I e Princesa Isabel, quero construir um acervo das coisas que foram dele".

D. Matilde depositou flores no busto de Adoniran e acompanhou a homenagem) solene das rádios (Foto de José Ribeiro)

SÃO PAULO

Entusiasmada, já recobrada da forte emoção que viveu durante todo o dia de ontem, quando dezenas de repórteres a procuraram para falar sobre Adoniran Barbosa, Matilde explica sua idéia: "Já temos um terreninho aqui na rua Adoniran Barbosa. E até o prefeito Mário Covas disse que o terreno era muito pequeno pra tudo o que o Adoniran representou para São Paulo". Praça da Sé, Praça da Sé, hoje você é Madame Estação Sé". "O Arnesto nus convidô, prum samba ele mora no Brás". / Moro em Jaçanã, se eu perdes este trem, que sai agora às onze horas, só amanhã de manhã".

AMOR E TRABALHO

Matilde Rubinato-Barbosa fala do amor e do trabalho de Adoniran Barbosa. Ela fala bastante, sem ordem cronológica. São memórias esparsas, reminiscência de 40 anos de vida em comum: "No começo da carreira do Adoniran, entre 35 e 43 ele só fazia música romântica, e de repente ele se transformou num compositor que só falava de maloca".

Compositor-cronista, Adoniran retratou com um senso de humor, um tanto quanto amargo, o dia-a-dia da gente simples da nossa cidade. "Lá no morro, quando a luz da Light pifa a gente apela prás vela, que alumia também" / "Mas um dia, nóis nem pode se alembrar, veio os homem com as ferramenta, que o dono mandou derrubar".

FILOSOFIA DA MALOCA

"Aí eu perguntei pra ele — diz uma Matilde indignada — você afinal me achou com cara de maloqueira? E ele me respondeu: Que é isso, meu bem, você sempre foi pobre, mas nunca passou fome, nunca jejuou nas ruas".

Agora, uma Matilde romântica e chorosa lembra seu grande amor, no início do casamento: "Acontece que a gente era muito pobre, porque ninguém fazia shows como hoje. Ele só cantava em circo e de vez em quando no Cine-Teatro Colombo, lá no Brás, ou no Coliseu, no Largo do Arouche. Mas eu queria uma aliança, porque a gente já estava casada. A', ele tirou uma corda do cavaquinho e me fez uma aliança, e eu tenho ela até hoje". "Com a corda mi do meu cavaquinho, fiz uma aliança pra ela, prova de carinho". E o interessante — completa — é que cavaquinho não tem corda mi, mas ele quis rimar assim, e assim ficou".

TEMPOS DUROS

"Mas como era difícil ganhar o dinheiro — diz Matilde — e depois que o Oswaldo Molles morreu (era o produtor do programa de rádio "Histórias das Malocas", interpretado por Adoniran), ele achou que nunca mais ninguém ia escrever pra ele, apesar de que era sempre o próprio Adoniran quem dava as idéias". "Eu trabalhei o ano inteiro, pra ganhar o meu dinheiro, numa cerâmica, fabricando potes".

NO VIZINHO

Ontem, precisamente às 17 horas, quando todas as emissoras de rádio, a pedido de Matilde, tocaram músicas de Adoniran Barbosa, nenhum aparelho de rádio funcionava no Museu do Bixiga, porque todos tinham quase ou mais que 50 anos. E dona Matilde não teve dúvidas, lançou mão de uma velha idéia das pessoas sem formalidade, uma idéia "bixigosa": "Vamos ouvir no vizinho! Mas em qual vizinho? Qualquer um!". E foi lá, na casa do vizinho, ao ouvir a voz de Adoniran Barbosa que Matilde chorou muito. "Iracema meu grande amor foi você".

MISSA E SHOW

De várias formas Adoniran Barbosa foi homenageado. Às 17h15, diante do seu busto, na Praça Dom Orione, samba da Vai-Vai, duas coroas de flores e um verso, colado por um admirador: "O trem das onze você num vai pegá, mas não precisa, porque Deus lhe deu asas para voar".

Às 19 horas, uma missa na igreja que tinha em Adoniran seu mais assíduo frequentador, a Nossa Senhora de Achiropita, no Bixiga. A maior parte dos fiéis eram de moradores no bairro, que lá foram rezar por sua alma. "E hoje ela vive lá no céu. Ela vive bem juntinho de Nosso Senhor".

Às 21 horas, no Centro Cultural São Paulo, a homenagem dos compositores e intérpretes de São Paulo: Renato Teixeira, Eduardo Gudin, Demônios da Garoa, Grupo Talismã, Toquinho e outros artistas cantaram as dezenas de músicas deste criativo e único compositor. "Eu Violão, seu criado, ela Cuica de Souza, Cavaquinho de Oliveira Pentedo".

(Fernanda G. Lopes)

7-8-1984 Diário Popular

Liberado local para o Museu Adoniran Barbosa

PAG. 5

Uma lágrima solitária rolou lentamente pelo rosto da viúva Matilde Rubirosa Barbosa quando o secretário interino de Esportes e Turismo, Sérgio Barbour, declarou oficializado o espaço onde será instalado em novembro o Museu "Adoniran Barbosa", seu falecido marido e considerado uma das grandes glórias da Música Popular Brasileira. E que neste ato aparentemente simples, dona Matilde começava a ver concretizada a sua grande luta para reunir toda a obra e documentação envolvendo a vida do saudoso Adoniran Barbosa. Na busca desse objetivo ela percorreu São Paulo quase inteira, encontrando sempre boa vontade. Mas, quando o local não era apropriado havia alguma coisa que impossibilitava a sua escolha definitiva. Desta batalha para preservar a memória do grande compositor participaram ainda Armando Pugliesi, a museóloga Ana Maria Leitão e a jornalista Silvia Guelfi.

Foi então que o secretário Caio Pompeu de Toledo, de Esportes e Turismo, tomou conhecimento do projeto e imediatamente resolveu liberar o cofre do Espaço Turístico (verdadeiro monumento do artesanato germânico da década de 30) para a instalação do Museu "Adoniran Barbosa". E ontem, ao som das mais belas melodias compostas pelo próprio Adoniran executadas pelo Conjunto Talismã, o Museu começou a ganhar expressão física. Muitos artistas estiveram presentes ao ato que contou com a presença do coordenador de Turismo, Caio Luiz de Carvalho, outro intransigente defensor da idéia.

O MUSEU

Embora destinado a reunir e preservar a obra musical de Adoniran, o MAB será uma espécie de repositório da Música Popular Brasileira como um todo. Vai desenvolver pesquisas e reunir todo tipo de documentação que realce a MPB. Sua maior força será a história que vai procurar organizar. Mas sua finalidade será também a de constituir-se em base de informação e orientação para futuros estudos sobre a Música Popular Brasileira.

Este seu caráter foi muito bem ressaltado no discurso do secretário interino, Sérgio Barbour, que lamentou a rapidez com que o brasileiro esquece os seus valores artísticos e culturais.

Armando Puglisi inaugura, em janeiro, sua Cantina do Museu, na Rua dos Ingleses, Bixiga. Farão parte da cantina o Bar Adoniran, cuidado por Matilde Barbosa e o Spazio Bardi, que abre com a mostra Pequena Retrospectiva de Zélio, o famoso cartunista e artista plástico.

DIÁRIO POPULAR

pular

Adoniran Barbosa hospitalizado

Muita gente desconhece João Rubinato, mas todos já ouviram falar no seu nome artístico: Adoniram Barbosa. Na verdade, a lista de pacientes internados do Hospital São Luiz não consta o nome de Adoniram Barbosa, mas sim João Rubinato que, desde a última terça-feira se encontra internado em conseqüência de uma forte crise de bronquite, obrigando-o a ser transportado de ambulância até o Hospital.

HÁ 20 ANOS

Já com 72 anos de idade, Adoniram Barbosa fuma muito, e segundo sua esposa Matilde Rubinato, "a bronquite o afeta há uns 20 anos seguidos, aproximadamente. E terça-feira, por volta das 22,30 horas, fui obrigada a trazê-lo ao Hospital, pois ele atravessava uma crise muito forte".

Em vez de melhorar, quarta-feira, às 17,30 horas, aproximadamente, Adoniram teve outra recaída, sendo obrigado a ser removido para a UTI —Unidade de Terapia Intensiva. No entanto, ontem, às 15 horas, ele foi finalmente removido para o quarto 509, do Hospital São Luiz, onde se encontra em franca recuperação.

ALTA

De acordo com seu médico, Walter Fuentes, a causa da internação de Adoniram deu-se em conseqüência de uma "forte bronquite e de uma desidratação." Ele prossegue sendo atendido e, provavelmente, daqui a uns três ou quatro dias, deverá receber alta. Agora ele está bem".

Cynira Arruda

Agildo muito informal

UM sucesso está sendo **Agildo Ribeiro** no teatro. Um show onde você ri do começo ao fim com as críticas políticas, sátiras e pontos de vista desse talentoso artista. **Agildo** coloca no espetáculo um clima tão informal entre ele e o público que se as coisas que são ditas por ele fossem ditas por outro ator soariam muito mal. O espetáculo tem ritmo, muito visual, roupas interessantes e faz pensar em certas incoerências como o fato de **Derey Gonçalves, Cosinha** e ele estarem juntos num programa de domingo às cinco da tarde, e sexta-feira, depois da novela das oito, ir ao ar um programa infantil... Não dá para entender. E com isso o seu trabalho, que é dirigido aos adultos, como o dos outros dois artistas, fica obviamente prejudicado pela Censura. **Agildo** é excelente e de tal forma envolvente que, certa vez, estávamos todos em roupa de gala para um **réveillon, black-tie**, em Correas, na casa do **Albino Avelar**, quando fomos antes tomar um drinque na casa do **Miele** e lá encontramos **Agildo** com o **Paulo Silvino**. Começamos a conversar e as risadas eram tantas que as horas foram passando e nós nos esquecemos que **era réveillon**, só nos lembrando quando a meia-noite já estava longe.

Nicole Puzzi escolheu uma comédia de **Walcyr Carrasco** para a sua primeira experiência como atriz e produtora, teatral. **Walcyr** optou por **Ney Gallo** para viver o **Douglas**. A estréia esteve superlotada, as gargalhadas foram contínuas e as críticas muito favoráveis. **Paulo Autran, Leilah Assumpção, Pery Salles** foram prestigiar o espetáculo, que tem direção de **Jacques Lagoa**. **Nicole**, eufórica, junto de suas irmãs, dizia quase sem fôlego, emocionada: "Você gostou? Agora não vai só escrever que eu sou um dos rostos mais bonitos do vídeo, não é?" Ela faz o público rir muito e tem oportunidade de mostrar que, além de bonita, tem talento. E para os que querem conhecê-la ainda mais, ela aparece com o busto nu em cena. **Ney** está muito tranqüilo e bem como ator, e tudo indica que esse trabalho será o início de uma nova carreira para ele. Por agora, ainda mantém todo seu esquema de **designer** de moda, com sua loja, desfiles etc. Enquanto puder conciliar, vai fazendo as duas coisas.

Eduardo Mascarenhas fica ótimo usando camisas pólo, como tem aparecido na TV Manchete. Valoriza muito mais seu visual do que camisas sociais usadas como se fossem esporte. É um presente da Rede Manchete podermos ouvi-lo todos os dias.

Célia Coutinho fez lipoaspiração. Qual é a idade ideal para a plástica? Acho que é aquela em que a própria pessoa sente necessidade. O grande medo é ficarmos com o rosto esticado demais como muitos que vemos na TV.

A elegância não está na roupa que vestimos, mas como a vestimos. Reparem em **"Partido Alto"**, como **Lilian Lemmertz** é elegante fazendo uma personagem bem pobre. Ela, além de talento, tem raça e estilo.

Encontrei a **Betty Faria** fazendo compras, linda e esfuziante. Comprava presentes para os existidos do signo Balança.

UM "flash" histórico: o cantor-compositor Jorge Costa, no dia de sua homenagem no III Whisky em São Paulo, recebe no palco D. Matilde, que não é outra senão a esposa de Adoniran Barbosa. Cantaram juntos sucessos do saudoso Adoniran.

●●●●●●●

NA MOSTRA

ROBERTA Close, a grande sensação da exposição do fotógrafo Dimas Schittini na Marco Polo. A mostra, chamada "Men" (só focalizando "portraits" de homens), exibe também Roberta. Que, afinal, é homem. Foi o "gossip"...

●●●●●●●

INOVAÇÃO

PELA primeira vez a música contemporânea eletroacústica, criada a partir de critérios arquitetônicos, é utilizada como tema de abertura de um programa de televisão. O pioneirismo pertence à TV Cultura — SP, no programa "Panorama", apresentado diariamente às 19h30min, um apanhado dos programas, concertos e espetáculos da cidade. O compositor é o jovem músico e arquiteto Emanuel de Melo Pimenta, *que levou dois meses para compor a obra.*

Amaury Junior

"Democraticamente" agredido

ESTA coluna não poderia se ausentar do registro do inexplicável procedimento do segurança do ex-Presidente **Jimmy Carter**, ao agredir um cinegrafista da Rede Manchete. O fato, além de grave, é irônico porque **Carter** se diz defensor dos direitos humanos e no entanto mantém entre os seus anjos da guarda um elemento obviamente desqualificado para protegê-lo "democraticamente". O mais lamentável, porém, foram as explicações de Carter: não se sabe se desconcertado pelo incidente (a hipótese é caridosa), ele simplesmente minimizou o fato, ao dizer que é muito comum no seu país e que acontece em todos os regimes democráticos.

"DÉBUT"

JOHN **Travolta** vai fazer sua estréia como diretor num filme em que ele não aparecerá. **Travolta** firmou um acordo com a Columbia para dirigir "Greenwich", a história da família **Griswald**, cuja história o impressionou bastante.

O LADO MILITAR

JAMES Stewart (76 anos), que está em visita ao Brasil, tem um currículo eclético. Poucos sabem, por exemplo, que durante a II Guerra Mundial o ator cumpriu 20 missões como piloto de avião-bombardeiro na Alemanha, tendo sido promovido ao posto de coronel. Ao desligar-se do serviço militar em 1968 foi General-Brigadeiro da Reserva da Aeronáutica, o mais graduado "entertainer" das Forças Armadas.

Gal, nas Bahamas

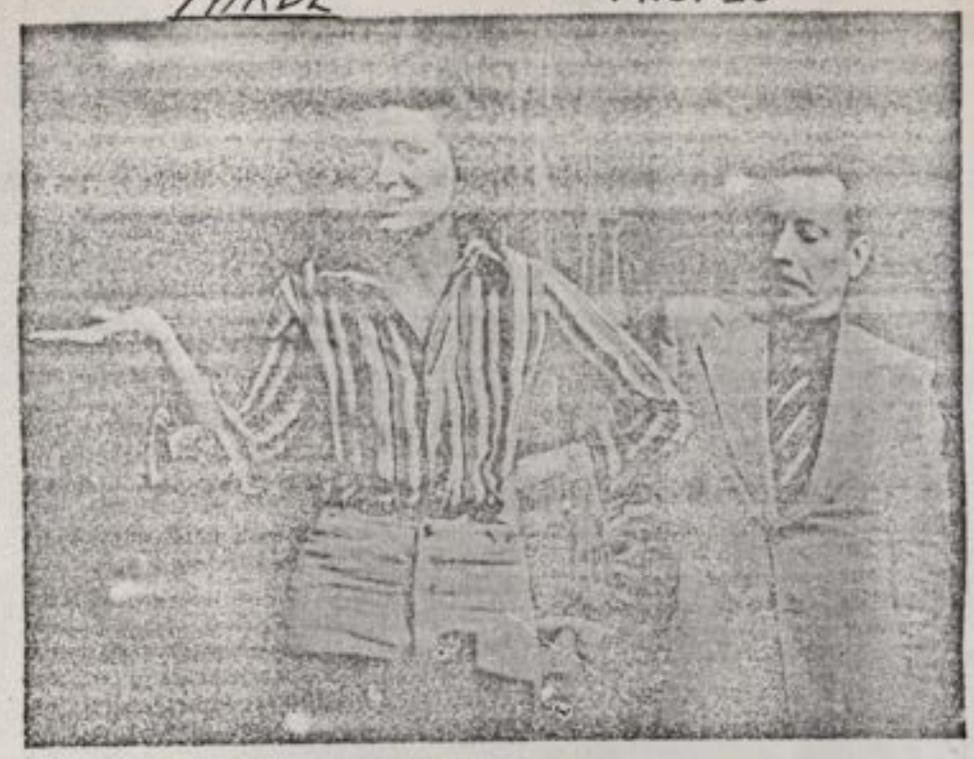
A convite de **Nélson B. de Souza** e do Ministério do Turismo das Bahamas, um grupo de jornalistas (incluindo esta coluna de AMIGA) voou até Freeport e Nassau, depois de uma rápida parada em Miami. Conosco estavam **Consuelo Badra, Calil Simão, Wilson Frade, Nelbe Chateaubriand, Fred Suter, Mathias Resende, Elza Wolcoff, Antônio Carlos Escudero, Luiz Mesquita** e **Gabriel Rosado**. Bem, uma das coisas que chamou a atenção nas casas de disco das ilhas foi a presença de artistas brasileiros nas prateleiras, mas ("too bad") na seção de músicas argentinas. Especialmente **Gal Costa**. Mas a viagem foi deliciosa. São mal informados sobre nossos cantores, mas copiam bem o nosso ritmo: o "goombay" é (digamos) primo do nosso samba.

NEI Gonçalves Dias tem alguns caprichos especialíssimos. Um deles é com os cabelos. O único autorizado a colocar suas mãos sobre a cabeleira de Nei é Rafael De La Lastra.

Irene é melhor

SENTADA ao lado de Claudia Cardinalle, Irene Ravache *recebia elogios. "Quem disse que a Claudia se parecia com Irene? A nossa Irene é mais bonita..."*

POPULAR DA TARDE SÃO PAULO, DOMINGO, 27/3/1977
PAG. 10



ANGELA MARIA MÃE OUTRA VEZ

ADONIRAN BARBOSA, patrimonia da Música Popular Brasileira numa das preferidas poses como profissional; ELIS REGINA, que deixou o show "Falso Brilhante" no Teatro Bandeirantes para esperar com tranquilidade, a chegada da cegonha; JUSSARA FREIRE e HENRIQUE CESAR, na peça "Alegro Desbum" atual cartaz no Teatro Paiol; o religioso NELSON NED que está nos Estados Unidos, conseguiu retumbante sucesso no México; a cantora ANGELA MARIA, essa extraordinária intérprete da música brasileira, anunciando o sua quinta filha adotiva. Que atitude maravilhosa. Darcy Reis, chefe do Departamento Esportivo da Rádio e TV Bandeirantes e LOUREIRO JR. um dos mais completos comentaristas esportivos do País.

POPULAR DA TARDE

São Paulo, 23 de janeiro de 1984.

PAG. 17

LIRIO, CANTA ADONIRAN BARBOSA

Foi criada no Jaçanã, a Associação Museu Memória do Jaçanã, com a finalidade de preservar a história e tradição do referido bairro.

A entidade cujo presidente, é o incansável Silvio Bitencourt, que pretende lançar o Bar-Trem das Onze, em um vagão da antiga Cantareira que será cedido pela Fepasa teve sua criação no dia 30 de dezembro do ano passado, sendo que seu lançamento oficial, está marcado para a próxima quarta-feira, dia 25 de janeiro, data da fundação da cidade de São Paulo.

ADONIRAN BARBOSA

Como não poderia deixar de ser, a festa de lançamento da mencionada entidade que será realizada na confluência da rua Benjamim Pereira com a rua Antônio César Neto, com início às 9 horas, girará em torno do saudoso Adoniran Barbosa, pelo fato de sua imortal música "Trem das Onze", falar de perto sobre a tradição do Jaçanã, sendo mesmo considerada como o hino oficial do bairro.

PROGRAMAÇÃO

A programação da festa será a seguinte: às 9 horas show artístico com o Conjunto Os Impossíveis, às 11 horas o cantor e compositor Lírio, estará homenageando Adoniran Barbosa, com a música São Paulo Chora Adoniran, contida no disco "O Sonho", por ele recentemente gravado.

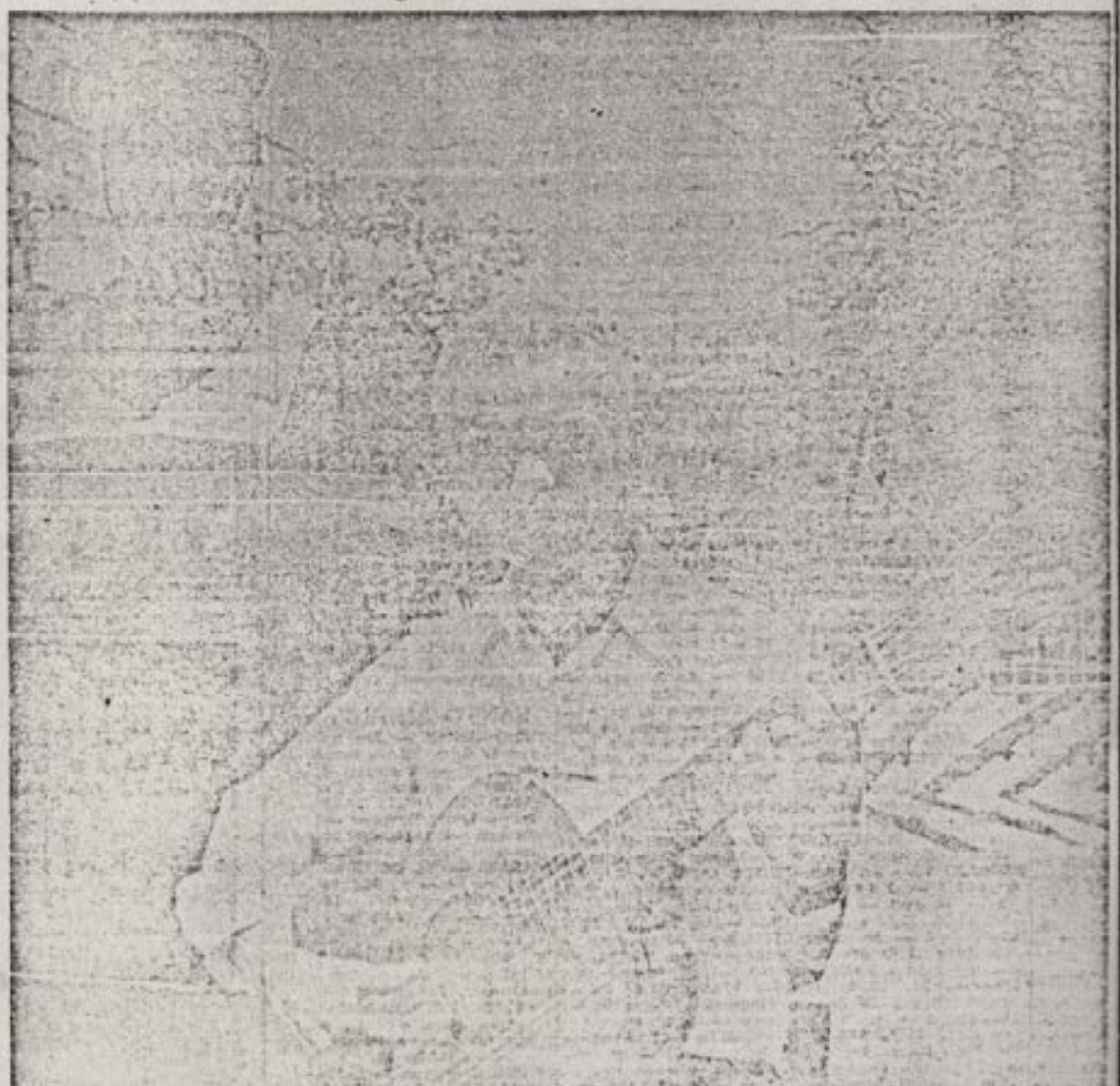
QUEM É O LIRIO

Maurício Silva, é o verdadeiro nome do cantor Lírio, que desde pequeno, assim é chamado por seus familiares. Lírio, diz estar muito contente em poder homenagear seu ídolo Adoniran Barbosa, pelo fato de ao fazê-lo, estar prestando em seu modo de entender um justo tributo àquele que soube contar e cantar em prosa e versos a paisagem urbana de nossa querida São Paulo, que na próxima quarta-feira completará 430 anos de fundação.

Lírio fez questão de dizer ainda que sua maior felicidade, foi haver lançado oficialmente seu disco no último dia 15 de janeiro, na feira comunitária de trocas do Bixiga, na Bela Vista, perante um grande público.

O disco O Sonho", já foi tocado no programa Balancê da Rádio Excelsior de São Paulo, apresentado por Osmar Santos e Fausto Silva, sendo também tocado no programa Roda de Samba da Rádio Diário do Grande ABC, apresentado pelo sambista Sabu.

Lírio, mineiro de Resplendor, se diz agradecido a todos aqueles que com ele colaboraram na gravação de seu disco, lembrando ainda que possui inúmeras outras músicas compostas, sendo uma delas um samba de enredo, feito em homenagem ao Diário Popular onde trabalha há algum tempo.



Lírio, junto ao busto de seu ídolo Adoniran Barbosa, localizado na Praça [illegible], próximo a Rua 13 de Maio, no Bixiga, Bela Vista.

P O P U L A R D A T A R D E

(1977 e 1984)

Índice

- 1977.....33
- 1984.....34

F O L H A D A N O I T E

(1944 a 1956)

Índice

+ 1944.....37

- 1946.....38

- 1947.....39

- 1948.....41

- 1952.....43

- 1953.....44

- 1955.....49

- 1956.....54

- SEM DATA.....55

RÁDIO

UM ARTISTA QUE ESPEROU

O rádio tem esplêndidas lições de fôrça de vontade, de paciência, de longa e inalterável esperança no futuro e no destino, através das vicissitudes, dos obstáculos e das desilusões proporcionadas pelos homens e coisas do mundo. De vez em quando, nos livros de formação moral, nessas histórias atualmente tão clássicas, "De como me tornei milionário", "O aleijado que foi campeão de corridas" e outras tantas, a gente encontra exemplos assim. Nenhum, entretanto me parece mais sugestivo, nestes últimos tempos, que um artista de rádio, cujo sucesso, se foi repentina explosão de luz, foi construído apesar de tôdas as canetadas que levou da vida.

Hoje, êle é "alguém", mas, meu Deus, as canetadas foram abundantes e variadas, conscientes e inconscientes. O amigo ouvinte liga o rádio e pode até ficar uma hora ouvindo uma porção de gente, e ouvindo só êle. Primeiro, pernóstico, sestroso, malemolente, Zé Cunversa, campeão da vida e da mordida, a piria em forma de preto. E quando o cordão continua, feito seleção de futebol que entra em fila indiana na cancha, vem Pernafina, o chofer das piza napolitana, dos conceitos magistrais, da voz com liza de aço n.o 4. "Evem" Ervilha Riso, a mulher labareda, Sinesio Trombone, o popularíssimo gostoso da Vila Matilde, o impressionante Professor Percival Redegondolo Sabinchas de Alcoforado, Don Segundo Sombra, a sombra viva de Carlito Gardel, e tôda uma coleção de vozes, de trejeitos, de micagens, de imitações doces, melifluas, rascantes, terminando nessa criação do Moleque Barbosinha, ídolo de uma multidão de guris, que diàriamente se acotovela talvez apenas para vê-lo nas suas trapalhadas.

Êle é um exemplo de tenacidade, que venho acompanhando desde que entrei no rádio, quando os seus conselhos eram os melhores dentro da espontaneidade de que se vestiam. Enquanto todo mundo teimava em me ensinar a falar, a respirar no microfone, a irradiar futebol, a ler textos, êle apenas me ensinava a compreender os homens do rádio, os invejosos, os ferinos, os inconscientes. Êle tinha uma larga escola e quando às vezes, olho para os degraus que já subi, ainda o vejo lá em baixo, com o chapéu Humphrey Bogart de lado, a larga mão espalmada, sacudindo niqueis, me ensinando a viver num ambiente em que a erudita e decantada "struggle for life" é mais pronunciada que em qualquer outro. Depois, êle subiu todos os degraus com facilidade, porque tinha esperado anos. Hoje êle é Adoniran Barbosa. Cartas. E os Evangelhos diriam: Bemaventurados os que confiam nos homens, porque um dia encontrarão um homem que os descobrirá...

BLOTA JUNIOR

DIVERTIMENTO E AÇÃO NOS

QUINTA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1946 FOLHA DA NOITE

50.000 WATTS DA RADIO RECORD

Adoniran Barbosa reaparece hoje em "Barbozadas do Barbosa", às 20 horas

COMO? SEMPRE O MESMO E TÃO DIFERENTE? — Aqui estão varios flagrantes dos "tipos radiofonicos de Adoniran Barbosa". No alto (da esquerda para a direita) — O popular "astro" dos microfones com Ivo de Freitas, na dupla caipira e nos professores de inglês Richard Morris and Richard Morris. Em baixo — Barbosa como é. Barbosa no Zé Conversa, o malandro e Barbosa no Don Segundo Sombra.

Na noite de hoje, a Radio Record vai apresentar ao seu microfone, de volta de suas longas ferias, o seu astro popular e esperado pelo publico radiouvinte do Brasil Trata-se de Adoniran Barbosa, um criador de tipos radiofonicos que todos conhecem como: — o moleque Barbosinha, o judeu Moisés Rabinovich, o professor de inglês Richard Morris, o veneto Gijo Magnagatti, o pretinho Zé Conversa, o discursador prolixo e produtor de "bestialogicos professor Sinesio Trombone e muitas outras personalidades radiofonicas que todos aplaudem com calor.

Hoje, às 20 horas, acompanhado pelos mais destacados elementos do "cast" da Radio Record, Adoniran Barbosa se apresentará em "Barbosadas do Barbosa", um desfile de seus tipos radiofonicos, em que aparecem tambem Mariamelia, José Rubens, Ivo de Freitas (Hans Von Chueruts), Dircinha e outros artistas da B-9.

O Regional do Armadinho acompanhará o conhecido astro dos microfones paulistas, que o Brasil inteiro conhece através da onda da Radio Record e de suas

FOLHA DA NOITE

São Paulo, 05 de julho de 1947

ESPETACULO TEATRAL EM HOMENAGEM À DEPUTADA CONCEIÇÃO SANTAMARIA

Os artistas de São Paulo vão homenagear a deputada Conceição Santamaria, no proximo dia 14, no Circo Seysel, com a realização de um grande espetaculo de variedades, por motivo de ter conseguido incluir no texto da nova Constituição uma clausula pela qual os teatros e os circos ficarão isentos de impostos, a partir do dia 9 do corrente.

Assim é que, pelo palco da po-

Adoniram Barbosa

pular casa de diversões do largo da Polvora desfilarão "astros" e "estrelas" do Teatro, Circo, Radio e Variedades, tendo já se inscrito os seguintes artistas: Manuel de Nobrega, Henrique e Arrelia, Balet Sergio Maia, Genesio Arruda, Mazaropi, Pagano Sobrinho, Ludmir Rieta, Adoniram Barbosa e Ivo de Freitas, Nino Nelo, Simplicio, Fernando Balerosi, Rui Lemos, tenor Pedro Celestino, Egle Bueno e Felicio, Marcia Ribeiro, Marilu Lomar, Nina Rosales, Januario de Oliveira, Toni Leme, Ariel Sampaio, Humberto Aponte e outros.

A deputada Conceição Santamaria será saudada em cena aberta pelo radialista Manuel de Nobrega.

PAG(2)

TODO O CUIDADO E' POUCO COM OS FORA-DA-LEI!

Em "O crime não compensa" são irradiados oportunos ensinamentos policiais

EXPERIMENTADO DELEGADO ENSINA AO PUBLICO COMO SE DEVE DEFENDER CONTRA OS MELIANTES — DESFILAM, ATRAVÉS DO MICROFONE, DE MANEIRA AMENA, EM FORMA RADIATRAL, OS GRANDES CRIMES DA CRONICA POLICIAL PAULISTA — COMO NASCEU TÃO PROVEITOSO PROGRAMA — O SURPREENDENTE EXITO ALCANÇADO — DONDE SE CONCLUI QUE DELINQUIR AINDA NÃO E' GRANDE NEGOCIO...

Texto de RUI DE CÁRDENAS
Fotos de A. PIROZELLI

"O crime não compensa" é um velho "slogan" norte-americano decalcado no "Crime doesn't pay", proveitosamente divulgado em documentarios cinematograficos de franco exito e tão ao sabor das multidões, constituindo precioso manancial de ensinamentos de combate aos fora-da-lei.

Com este titulo, o delegado Artur Leite de Barros Junior, titular especializado de Vigilancia e Capturas, mantem atualmente, obtendo franca aceitação, através do microfone da "Radio Record", um programa de ensinamentos policiais, sob a forma radiatral deveras acessivel e na verdade impressionante.

No intuito de informar o publico leitor, que, por sua vez, tambem é apaixonado admirador do radio — um dos veiculos mais atualizados para a divulgação de ensinamentos populares — quisemos, numa curiosidade muito natural, colher como foi que nasceu esse programa criminal e qual a sua verdadeira finalidade, alem do seu aspecto de atraente passatempo.

Nada melhor para isso, que ouvir pessoalmente o seu diretor intelectual, e foi o que fizemos, realizando assim mais uma reportagem dentro da propria policia, entrevistando um antigo e experimentado policial.

PROPAGANDA CONTRA O CRIME

— Foi assim, começou o dr. Leite de Barros em palestra conosco. Há muito que eu, em artigos, em palestras, muito antes do tempo em que exerci a Secretaria da Segurança Publica, vinha preconizando a necessidade de instituir-se uma intensissima propaganda contra o crime por meio da radiotelefonia. Considero a palavra falada mais persuasiva do que a palavra escrita.

— E como pensava que fosse essa propaganda?

— Nada mais simples. Divulgando os processos de que lançam mão os delinquentes, descrevendo a respectiva tecnica, ficariam eles desarmados e impossibilitados de levar a cabo os seus designios criminosos. Isso é intuitivo. Como combater o inimigo sem lhe conhecer, aproximadamente, a força, a capacidade defensiva e ofensiva? Sem a cooperação social, a Policia nada fará!

— Mas essa divulgação da tecnica do crime não será algo perigosa, e não será contraproducente, alertando espiritos menos prevenidos, e estimulando-os, talvez, ao delito? aventamos.

— Nada disso, sorriu o delegado Leite de Barros. Precisamos lembrar-nos que um publico suficientemente educado sob o aspecto policial está tambem capacitado a defender-se a tempo e a hora. No caso, por exemplo do "conto do vigario" e das suas multiplas modalidades, como fazer para combatê-lo, como embaraçar a sua ação crescente e perniciosa? Eis um problema de palpitante atualidade. Esclareçam-se os incautos, e fatalmente diminuirá a criminalidade.

NO AR, MAIS UM PROGRAMA...

— Quer dizer que até que, um dia, a idéia germinou?

— Sim, foi bem isto. Um dia, alguem teve a mesma idéia de combater o crime por meio das ondas eletro-magneticas. Quem era o denodado apostolo? Algum jurista? Algum criminalista, pratico ou teorico? Algum jornalista valoroso? Não, não era nada disso...

— E, finalmente, quem o autor da idéia?

— Foi o ativo e dinamico "business-man", mr. Richard Pen, representante da grande empresa industrial "Colgate Palmolive", que, nos Estados Unidos, mantem programa identico. Queria ampliar a sua propaganda comercial e resolveu ampliá-la, prestando relevante serviço social ao nosso país.

— E quando principiou a ser irradiado esse programa?

— Em fins de janeiro do corrente ano, coadjuvado por Osvaldo Moles, iniciei a vitoriosa cruzada. A semente germinara e a colheita ia começar.

— E a sua estréia, enfrentando o microfone?

— A minha estréia, (aqui muito entre nós) como narrador de barbaros e rapinantes episodios, não deixou de me comover um bocado. Era martinheiro de primeira viagem. Mas, sem curso ortofonico, porque não possuo, com favor de Deus, nenhum vicio de articulação como o "cecear, o blesismo o rotacismo", ou diferente complicação de natureza fonetica, derivante de algum recalque psico-analitico — enfrentei, fazendo das tripas coração, o temivel e pavoroso microfone. Todavia — convem assinalar — não cuido e não cuidarei de alterar a entonação da minha voz porque, no programa aprovado pelo sr. Secretario da Segurança Publica, continuo a ser o Delegado de Vigilancia e Capturas, representando, bem ou mal, a nossa tão criticada Policia Civil.

UM PROGRAMA DIFERENTE

— E como é apresentado "O crime não compensa?"

— Cabe-me o encargo de extrair do nosso arquivo os casos que Osvaldo Moles, sob a minha obscura supervisão, radiofonizam em linguagem objetiva e direta, como exige a tecnica dessa nova arte. Na composição dos "scripts", emprega-se a "linguagem falada", e não a "linguagem literaria", pois o radiofilo quer compreender as palavras no momento da irradiação e, por isso, não pode, não tem tempo para consultar quaisquer d'cionario de algibeira. Como a "linguagem falada" — é a linguagem usual — segundo a lição do grande linguista Charles Bally, no seu livro "A Linguagem e a Vida".

— há necessidade, por parte do interlocutor, de se adaptar à lingua que se supõe mais inteligivel para o seu ouvinte. Por essa soberana razão, nela predominam os vocabulos usados por todo mundo. O dialogo então deve dar uma sensação de realidade, reproduzindo as palavras que as pessoas representadas profeririam em tal situação.

— E quanto aos termos de gíria?

— Temos, por vezes, empregado em nosso programa, os termos de gíria. O que caracteriza as gírias, consoante a douta opinião de Gladstone Chaves de Melo é a preocupação "esoterica," o cuidado que têm os componentes de grupos sociais, tais como soldados, ladrões e outros de criar a sua linguagem, diferente, ininteligivel aos estranhos. A linguagem delas é uma barreira, uma defesa. Divulgando, pois, "gírias de criminosos" e traduzindo o seu verdadeiro sentido, de modo indireto, neutralizamos a maneira eficiente de se defender contra a defesa dos inimigos da sociedade.

— Tem o programa "O crime não compensa" o carater de novela policial?

— Não. Ele não é novela. Não é teatro. Nem "grand-guignol". Nem é cinema. Ele é simplesmente radio-teatro. Ele é documentario sonoro de crimes celebres. Ele é palavra, é som, é ruido. Sua fonte é rigorosamente documental. Seu repertorio, constituido de casos arquivados no Departamento de Investigações. Seus cenarios sonoros têm cor eminentemente local, representando nossas paisagens, urbanas e rurais. Seus crimes foram praticados em territorio paulista. Não são feitos em serie. Não são estandardizados.

O ROMANCE POLICIAL

— Que pensa o proposito do romance policial?

— Alvaro Lins, no "Jornal de Critica" (5.a serie) dedica um capitulo a este genero literario. Depois de um estudo interessante sobre a sua origem que se encontra na atração do enigma, escreve ele o seguinte, que vale a pena repetir: "E é na construção do enigma que se apuram as possibilidades e as qualidades de imaginação do romancista. Numa imaginação que deve ser racionalmente controlada, pois que tudo aquilo que for imaginado há de suportar depois um processo de decomposição pela analise. O romance policial tem a feição de uma magica que parece de efeito sobrenatural até que o prestidigitador explica a sua realidade interna, e o observador exclama: "Como era facil! Como teria sido possivel a qualquer um de nós descobrir o enredo?" Em suma, pelo seu enigma, o romance policial é antes de tudo um problema que se resolve com as faculdades da observação, da intuição, da analise. O crime fica colocado em cena com todos os elementos de um problema, às vezes de uma precisão algebrica, sendo necessaria então, para lhe encontrar a chave, uma inteligencia igualmente matematica". Muitos criticos o consideram sub-literatura, reduzindo-o a um problema de algebra intelectual. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, o romance policial é um genero literario, bem definido e apreciado. Nesses paises existem sociedades denominadas "Crime Club" e "Detective Story Club", que se entretem em escolher os melhores romances aparecidos e recomendá-los aos amantes dessa nobre arte...

— ... E assim o seu programa tem uma alta finalidade... uma finalidade educativa...

— Sem duvida. Não é outro o nosso escopo. Com a escamoteação, atraente e imperceptivel, da atenção dos radio-ouvintes, procuramos inculcar, na sua mente, idéias sãs e necessarias à preservação da ordem social. E a boa propaganda contra a má propaganda. E a sugestão benefica contra a sugestão malefica como sugere Roberto Lira. E assim de tudo que é apresentado, com a conclusão consequente de que "O crime não compensa".

(FOTOS COMENTADAS NO VERSO)

A esquerda, o dr. Leite de Barros, em meio de artistas da "Record", lê um dos episodios policiais a ser irradiado no programa "O crime não compensa". — À direita, um grupo de artistas da "Record" apresentando o programa "O crime não compensa": Osvaldo Moles, Gastão Rego Monteiro, Manuel Durães, Juliano Randal, Maria Amelia, Jeanette Ribeiro, Moncha Rios, Maria Consuelo e Domingos Pinho.

Apresentação, dentro do programa "O Crime Não Compensa", do episodio policial: "Aventuras de Meneghetti", vendo-se José Rubens, vivendo o papel de "Meneghetti", Adoniram Barbosa, no de garçon de uma cantina do Brás, e Osmar Cardoso, no de "dr. Waldemar Doria"

Folha da Noite
24/05/48
PAG 2 (Cont.)

FOLHA DA NOITE
08 de Dezembro de 1952

ADONIRAM BARBOSA, CANGACEIRO E COMPOSITOR

Adoniran Barbosa como aparece no filme "Os Cangaceiros", no papel do "homem-arsenal"

ADONIRAN BARBOSA é aquele radio-ator de voz tão engraçada que interpreta personagens diferentes com entonações variadissimas, e que o ouvinte está acostumado a acompanhar através da onda da Record. Pois o radio-ator se tem revelado tambem ator de merito no cinema nacional. Dentro de pouco tempo, teremos em exibição esse "Cangaceiros" de que tanto se espera, e que Lima Barreto está dirigindo. O proprio Adoniran está muito confiante no exito desse filme, do qual ele é um dos cangaceiros. Faz o papel de "homem-arsenal", e são seus companheiros Milton Ribeiro, Alberto Ruschel, Marisa Prado, Neusa Vera, Vanya Orico.

E não param aí as atividades cinematograficas de Adoniran. Já

Já se acha em estudos o novo filme de Lima Barreto "Cantico da Terra", no qual Adoniran interpretará o papel de um velho

está em estudos um novo filme, tambem dirigido por Lima Barreto, "Cantico da Terra", para o qual Adoniran já fez alguns testes.

Conversamos com radio-ator muito rapidamente, entre dois programas, na emissora da rua Quintino Bocaiuva. Parece que sua vida, atualmente, dividida entre radio e cinema, se tornou um pouco febril. Como será quando principiar a televisão Record, que não tardará muito em vir?

Mas assim mesmo, com pressa, Adoniran informa-nos que seu fraco, na vida, é pelas morenas. E que tem pavor de ficar velho sem dinheiro e sem mulher. Gosta de andar a pé, longamente, em colóquio com seu companheiro e amigo, o cachorrinho Peteleco. Alma afetuosa e bucolica, como se vê. Adoniran é bem diferente do que o imagina o fã.

Para o Carnaval de 53, Adoniran gravou quatro sambas, de sua autoria entre os quais se acha um dos sucessos de Emilinha Borba, "A Louca Chegou". O compositor, radio-ator e cangaceiro Barbosa é meio rival do Chang: cada vez que faz uma gesta ou uma entonação de voz, muda de personalidade.

FOLHA DA NOITE
São Paulo, 06 de fevereiro de 1953

Carnaval nas "boites" da cidade

Historia em dois tempos de Crescencio, o boemio mais falado — Ontem e hoje — Chegou a folia

Texto de KACITO
Fotos de Alfredo DALLA LUCHE

Clemente Crescencio da Anunciação Pedrosa, ou melhor, o Crescencio falado das rodas boemias da cidade, andava, desde o inicio de janeiro, um bocado aborrecido. Ele, que era velho frequentador de tudo quanto é estabelecimento de diversões da Paulicéia, principalmente daqueles que se denominam "boites", sentia-se tremendamente deprimido.

Crescencio entrava numa delas e só via (ou não via), gente falando baixinho, suavemente, sob a luz acolhedora de faroletes mais ou menos em penumbra.

Em materia de musica e de uisque, então, era aquela agua... Era só "blues", "foxes" e, de vez em quando, algum samba-canção do Lupicinio Rodrigues. Daqueles que falam em cadeira vazia e outras calamidades, como sabeis...

O bem amigo Crescencio (o Crescencio falado das rodas boemias da cidade), sofria. Sofria, mas, não estrilava, que, na sua santa e vã filosofia, "bronca é ferramenta de otario"...

MAS, HOUVE UM DIA...

Crescencio, então, deixou de frequentar as "boites" em penumbra da grande Paulicéia que ele tanto ama. Foi chorar sua dor junto aos travesseiros. Outro dia, porem, precisamente quando a folhinha marcava 3 de fevereiro de 1953, Crescencio saiu à rua. Olhou para o relogio (legitimo Jean Perret, importado da Suiça diretamente para ele) e pensou:

"Bom, já está na hora do velho boemio sair! Vamos ver com andam as coisas lá pela Cinelandia".

E foi.

Parou em frente à primeira casa (onde os garçons são mais seus camaradas e o "maitre" é velho amigo de infancia). Parou e foi entrando, muito timidamente. Na primeira porta, não aconteceu nada. Mas, na segunda...

"A LOUCA CHEGOU, Ô Ô!"

Foi precisamente na segunda porta que Crescencio sentiu que algo de novo estava acontecendo naquela casa tão sua conhecida. Tocaram-lhe, direto na cara, um vastissimo rolo de serpentina, misturada com seus três quilos de confete. E o grito veio lá de dentro, numa chamada estranha para os ouvidos de Crescencio.

— "A louca chegou, ô ô ô!"

Foi aí, senhores, que o boemio percebeu que o Carnaval paulista havia chegado e que, dali por diante, quem não quisesse molhar-se na "chuva" de confete, tinha de ficar em casa, feito caramujo. Os ouvidos do Crescencio quase arrebentaram, naquela noite, de tanto ouvir musica carnavalesca. Que deixavam longe, bem longe, aquelas suaves melodias que só podem ser ouvidas a dois...

TODO MUNDO NA FOLIA

Depois, depois o boemio mais falado das rodas grã-finas da cidade perdeu-se no grande tumulto. Hoje, ele pode ser encontrado em qualquer lugar da cidade, pulando e cantando, feito louco, a marchinha mais em voga. Da Linda Batista ou do João Dias; da Araci de Almeida ou do Nelson Gonçalves.

Acabou, finalmente, a tristeza do Crescencio. Hoje ele é outro. Tão outro, que mandou colocar, bem enquadrado, lá na porta do seu escritorio, um cartaz de lindas letras desenhadas e que diz assim:

"Fechado para BALANÇO".

Balanço das batucadas, como haveis de imaginar...

Déo Maia é a porta-estandarte

INTERCAMBIO DE VALORES

Pode haver quem acredite que cada arte deve viver como certas vizinhas orgulhosas, que antes morrem do que podem emprestado, na porta seguinte, um remedio salvador. Pode haver quem afirme que deve existir teatro puro e cinema funcional, como se a arte admitisse fronteiras, como se a tecnica especial de cada arte fosse mais importante do que a Arte... O teatro atual dá um exemplo interessante, buscando no cinema e até no radio meios de enriquecimento, e ao mesmo tempo voltando, cada v mais, à dignidade e à sublimidade das mais antigas escolas declamatorias, e anulando, portanto, fronteiras do tempo e do espaço. Mas não pretendemos subir um milimetro sequer "acima das botas", como o sapateiro de outrora não devia fazer. Falamos mesmo de radio, e do valvem que se nota deste para o cinema, assim como da televisão para o teatro, e vice-versa.

Os artistas da atualidade talvez pareçam buscar angustiadamente uma forma mais perfeita. Mas talvez queiram, objetiva e simplesmente, mudando de uma forma para outra, estabilidade economica. Graça Melo, cavaleiro andante do teatro, está trabalhando em televisão. Mazzaroppi, que o radio lançou e firmou na opinião popular, colabora no cinema nacional com entusiasmo. Anselmo Duarte e Ilca Soares foram do cinema para o radio, ao contrario de tantos outros, que o cinema foi buscar nas emissoras de radio. Parece que Dionisio Azevedo vai afinal realizar seu sonho de fazer o cinema que deseja. Outros artistas, como as irmãs Batista, participam de filmes com frequencia, mas pertencem de alma e coração ao radio.

Alberto Ruschel, "cangaceiro" que do cinema foi para o radio, e Adoniran Barbosa, "cangaceiro" que o cinema foi buscar no radio. Ambos da Radio Record.

E não é impossivel fazer de um bom artista de radio um excelente ator teatral, ou vice-versa. Impossivel é conseguir que alguem, destituido de talento e de sensibilidade artistica, obtenha o apoio do publico em qualquer modalidade. Que o publico — esse desconhecido — sabe perfeitamente premiar valores e reconhecer talento. Se mais não exige em certas formas artisticas, como o radio, é porque lhe negaram a necessaria cultura, e que, em absoluto, não significa que não possua gosto ou espirito critico. — I. L.

Milton Ribeiro, "cangaceiro" tambem encontrado nas Associadas, onde trabalha há muito tempo. A foto fixou um momento da homenagem oferecida a Lima Barreto, e o "Capitão Galdino" está sentado junto de Marisa Prado e de um dos produtores do filme. Este, segundo declaração da propria estrela, será muito breve o seu marido.

PREMIADO EM CANNES "O CANGACEIRO" ZAMPARI — O HOMEM QUE VENCEU A BATALHA DO CINEMA NACIONAL

O presidente da Vera Cruz não contem seu entusiasmo pelo premio conquistado em Cannes — "O povo brasileiro foi o grande premiado" - afirma o engenheiro — As instalações da Vera Cruz nada ficam a dever às dos melhores estudios do mundo — "O que fizemos só foi possivel graças aos pioneiros do cinema nacional" - Texto na 2.ª pag.

Reportagem de NOÉ GERTEL
Foto de A. PIROZELLI

A consagração de "O Cangaceiro" em Cannes, onde pela primeira vez o cinema brasileiro obteve um dos mais expressivos premios internacionais, vem pôr em evidencia o homem que venceu e transpôs os mais dificeis obstaculos que se antepunham à setima arte: o engenheiro Franco Zampari. E' ele o homem que venceu a batalha do cinema nacional, dando-lhe base economica, superestrutura solida, sem a qual jamais a nossa incipiente cinematografia poderia sair do terreno da improvisação.

Quando Franco Zampari abandonou sua privilegiada posição na Metalurgica Matarazzo, há alguns anos, onde exercia o cargo de engenheiro-chefe, para dedicar-se ao teatro e, posteriormente, ao cinema, seu gesto foi encarado por muita gente como o de um alucinado. Não era possivel admitir tal decisão num homem que pensasse normalmente e que tivesse o senso das medidas.

— "Desde que cheguei ao Brasil, entretanto, não pensei em outra coisa", diz-nos o presidente da Vera Cruz. E quando, num circulo de amigos, travou-se uma discussão sobre as inuteis tentativas para a criação de um teatro permanente no país, nos moldes dos existentes na França ou na Italia, opus vigorosamente a minha opinião, convencido que estava de que o Brasil e seu povo, igual ou até melhor do que qualquer outro povo do mundo, seriam capazes, pela formação, pela riqueza de seu folclore, pelo elevado gosto artistico de sua gente, de oferecer bom teatro."

TEIMOSIA E PERSISTENCIA

Conta-se que quando Franco Zampari terminou a discussão, sentiu-se como que desafiado. E no dia seguinte apresentava sua demissão na Metalurgica que o contratara logo após ter terminado o curso politecnico da Universidade de Napoles. Acertadas as contas, fez os calculos e achou que com a ajuda de alguns amigos certos poderia fundar a Sociedade Brasileira de Comedia, de onde surgiu o Teatro Brasileiro de Comedia, hoje uma realidade indiscutivel, um marco importante do teatro nacional.

— "Evidentemente, diz-nos o entrevistado, a razão não era apenas a de tirar a limpo uma discussão que se prolongaria muito. Sentia-me cansado da fabrica, da rotina, e guardara em mim uma paixão irresistivel pelo teatro. Hoje estou satisfeito porque ganhei a discussão — acrescenta sorrindo — e porque pude contribuir com alguma coisa para o teatro brasileiro."

Formado em 1921, veio para o Brasil em seguida, naturalizando-se brasileiro, "porque percebi logo que aqui ficaria para o resto de minha vida".

CINEMA COMO INDUSTRIA

— "Acreditei sempre — diz-nos o sr Franco Zampari — nas possibilidades do cinema brasileiro, e logo após a consolidação do T.B.C. comecei a pensar na sua criação, em forma industrial. Sabia que o Brasil tinha todas as possibilidades artisticas. Conhecia o esforço de alguns homens pelo cinema brasileiro. Pude sempre compreender o imenso sacrificio que fizeram algumas criaturas dignas do maior respeito e admiração, para realizar um filme no país. Quando assistia a uma pelicula brasileira podia sentir que havia, ali, uma dose imensa de sacrificios e de dedicação, e isso convenceu-me das possibilidades da setima arte. E devo dizer que os filmes que realizamos, na Vera Cruz, não teriam sido possiveis sem o gigantesco esforço daqueles pioneiros, verdadeiros desbravadores que, com o minimo de recursos e muito idealismo, nos deram peliculas realmente notaveis. Por outro lado, compreendia que as possibilidades artisticas do povo brasileiro eram imensas, inesgotaveis. E aprofundando melhor o projeto, pude chegar à conclusão de que apenas faltava a base industrial, os recursos materiais."

Depois de alguns estudos preliminares, contando apenas com alguns bons conselhos e enfrentando tremendas barreiras, Franco Zampari, em 1950, lançava a Companhia Cinematografica Vera Cruz, anunciando um vasto programa, do qual, diga-se de passagem, todos duvidaram.

— "Eu sabia, entretanto, que havia quem acreditasse no cinema nacional, alem do pequeno grupo que sempre lutou por ele. Era o povo brasileiro. O carinho e entusiasmo com que o povo acolhia um filme brasileiro, de qualquer qualidade, firmavam em mim a convicção de que eu poderia sempre contar com ele, para qualquer emergencia e em qualquer situação. E assim foi."

A PRIMEIRA NA AMERICA DO SUL

A Companhia Cinematografica Vera Cruz é hoje a primeira na America do Sul. Equipara-se, como area construida e como recursos tecnicos, aos maiores estudios americanos. Com 10 mil metros quadrados de area coberta e com um equipamento moderno e completo, tem capacidade para realizar quatro filmes de longa metragem, simultaneamente, e isso é suficiente para dar uma idéia de seus recursos.

— "A Vera Cruz existe há apenas dois anos. Mas nada fica a dever, em materia de recursos, a qualquer companhia cinematografica do mundo. Estamos com quatro equipes trabalhando e no proximo ano estaremos produzindo um filme por mês. Nestes dois anos realizamos pelo menos três filmes de repercussão internacional, alem de "O Cangaceiro": "Tico-Tico no Fubá", "Sinhá Moça" e "Caiçara". Estamos trabalhando em outros filmes da mesma estatura, como "Floradas na Serra", "O Tronco e o Veneno" e "Telegrama de Artaxerxes". Estou mais do que otimista e, o que é pior, orgulhoso..."

Alguns "scripts" estão aguardando oportunidade na estante

PODERÁ SER O MELHOR CINEMA DO MUNDO

A uma pergunta do reporter, sobre seu otimismo, declara-nos o entrevistado:

— "Acho que o cinema brasileiro leva uma imensa vantagem sobre qualquer outro e poderá vir a ser o melhor cinema do mundo. O exito de "O Cangaceiro" demonstra, em primeiro lugar, que as fontes artisticas nas quais o cinema brasileiro pode se inspirar são de extraordinaria receptividade, pela sua beleza e originalidade. Não tenho duvida de que dentro em pouco a Europa inteira estará cantando "Mulé Rendera" e "Sôdade". Temos no Nordeste uma fonte folclorica inesgotavel, na nossa historia elementos que constituem grandes motivos para o cinema, e quem assistir a "Sinhá Moça" terá mais essa prova. Só isso é suficiente para conquistar o publico de todo o mundo."

E prosseguindo:

— "Resta o aspecto economico, o principal. Acho que a fase mais perigosa do cinema nacional já está superada. As dificuldades dos primeiros dias — que são tristes e devem ser esquecidas — foram vencidas, graças principalmente à confiança do publico. As outras dificuldades ainda estão aí, e sem duvida poderão ser vencidas".

E Zampari nos pergunta, para depois responder:

— "Sabe o que representa para a nossa economia o cinema nacional? Lembremo-nos que cada pessoa contribui, por uma hora e trinta minutos de diversão que lhe dá o cinema estrangeiro, com um pouco de dinheiro que se vai. Lembrem-nos o que isso representa em divisas. E agora vejamos o lado contrario. Quanto poderíamos ganhar se o cinema nacional pudesse criar tão grande numero de filmes que ocupassem permanentemente as salas de projeção do país. E mais ainda: alem do dinheiro ficar aqui, criaríamos, com a exibição de boa quantidade de peliculas no estrangeiro novas divisas em nosso favor. Cada filme nacional que exibimos representa milhares de dolares que não saem, e cada filme nacional que exibimos no estrangeiro representa milhares de dolares que ganhamos. Não quero com isso dizer que se deva suprimir a importação, é evidente. Podemos e devemos conhecer o cinema de todo o mundo, mas temos a obrigação de encarar com equilibrio o aspecto economico, que é o mais importante."

E finalizando, diz o criador da Vera Cruz:

— "Se pudermos produzir uma meia duzia de filmes do nivel de "O Cangaceiro" e "Sinhá Moça" por ano, não tenhamos duvidas, estaremos vitoriosos na batalha do cinema nacional. E é o que mais desejo. Se é verdade que essa luta que venho travando me tirou a tranquilidade e a boa vida que sempre levei, é verdade tambem que me sinto bem feliz com o que tenho feito. E bem compreendo que depois do exito de "O Cangaceiro", em Cannes, minha responsabilidade e a de meus amigos da Vera Cruz aumentaram consideravelmente. Temos o dever e a obrigação de corresponder à confiança que em nós depositou o povo brasileiro, o grande premiado no Festival Internacional de Cannes."

Gente de radio vence em outras artes

Martus Matias, da Radio São Paulo, tal como aparece no filme "Cais do Vicio"

AINDA no outro dia Cassianinho Gabus Mendes, agil diretor da TV-Tupi, nos confessava: "A tarin.ba do radio é preciosa para quem deseje atuar no video. Adotamos agora um sistema, para os que pretendem ingressar na TV como interpretes: primeiro mandamos fazer um estagio de seis meses ao microfone das Emissoras Associadas, porque a pratica radiofonica desenvolve e amadurece rapidamente a capacidade do interprete."

Por isso, não é de admirar que um Adoniram Barbosa, veterano das lides do sem-fio, se haja saido tão bem logo de cara, no papel de "Homem-Arsenal" do filme "O Cangaceiro", repetindo agora sua façanha em tipo inteiramente oposto, o de um espanhol engraçado, em "Esquina da Ilusão". José Rubens e Geraldo José de Almeida saíram-se magnificamente em "Uma Pulga na Balança", o mesmo acontecendo com Nair Belo em uma pontinha de "Simão, o Caolho", filme em que tambem apareceram com exito Osvaldo de Barros e Edair Badaró. Heitor de Andrade, Maria Vidal e Lolita Rodrigues saíram-se muito bem em "Quase no Céu", apesar das deficiencias do argumento e da direção. Osvaldo Moles e Miroel Silveira realizaram com otimo rendimento a adaptação cinematografica de "Simão, o Caolho" e "A Familia Lero-Lero" (ainda não exibida, da Vera Cruz). Lima Barreto foi homem de radio. Dionisio Azevedo brilhou ao lado de Olga Navarro no Teatro Cultura Artistica, interpretando "Nina". E Milton Ribeiro, antes de celebrizar-se como o "Capitão Galdino", foi elemento de apoio no elenco do T.B.C., tendo representado em "Nick-Bar", "Do Mundo Nada se Leva" e varias outras obras.

Os exemplos, nesse terreno, não pararíam mais, e com certeza estamos até nos esquecendo de algum, importantissimo, que de momento não nos vem à lembrança. Mas vem isso ao caso porque, para muitos, o radio é considerado ainda uma arte inferior. Então, como se explica o fenomeno de que raramente os artistas de radio fracassem em outras atividades, ao passo que é tão comum o caso de artistas vindos de outros meios de expressão fracassarem no radio?

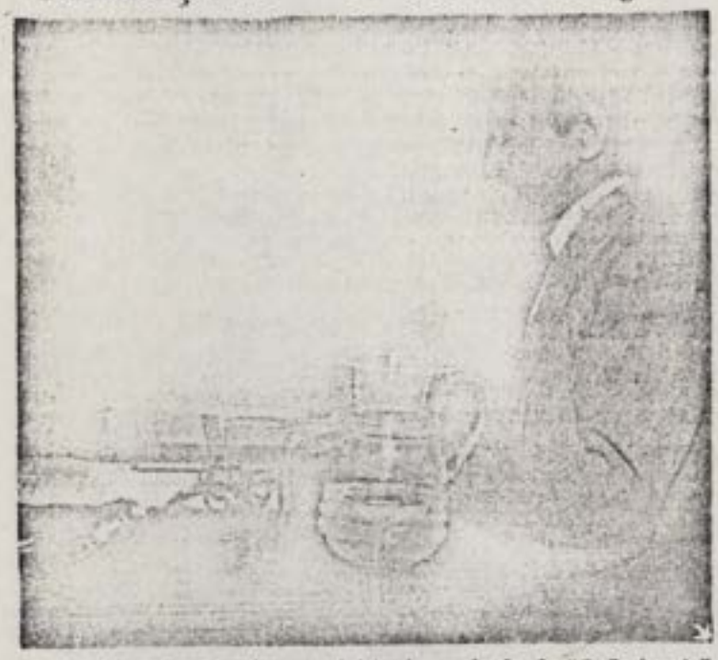
Bem, vamos ficar por aqui, que o assunto é um vespeiro. Lembremos um ultimo acontecimento cinematografico que reune uma porção de gente de radio. Está para ser exibido o filme "Cais do Vicio", cujos principais papéis são interpretados por Maria Aparecida Alves (Princesa do Radio), Martus Matias, Alfredo Todaro e Laura Luana, todos da Radio São Paulo. Aparecem tambem Neide Fraga, num numero musical, e Home. Marques, em outro. Francisco J. Ferreira é o diretor, e a produção de Oscar Batista, da "Guaira Filmes". Vamos ver se não se trata de outro "Liana, a Pecadora", não é?

Adoniran Barbosa, cujo talento o cinema tanto tem aproveitado, e que agora integra a equipe da TV Record

*

ADONIRAM BARBOSA filmou todo o ultimo domingo ("A Carrocinha") e toda a segunda-feira em Santa Branca. Pegou um carro à tardinha, especialmente para assistir à leitura de "O Sertanejo", pelo proprio Lima Barreto. E às 3 da madrugada voltou para o local de trabalho. Um grandissimo praça o Adoniram!

Começou "O Sertanejo"



A "Vera Cruz" ordenou o início da produção de "O Sertanejo". O Lima Barreto respirou fundo, remoçou de quinze anos, retemperou as forças, e pôs mãos à obra, já dando início, ativamente, aos trabalhos de preparação final de seu esperadíssimo filme. Hoje deve ter embarcado para a Bahia, com o Chick Fowley e o João Maria dos Santos, para a escolha definitiva dos locais de filmagem. E dentro de trinta dias ordenará o embarque do material, equipe e intérpretes da obra, baseada na história lendária do Antonio Conselheiro, do Cirino, da Maria Paula e da Regina. Eis "o cabotino" na foto, durante a leitura do roteiro de seu segundo filme de longa metragem.

VAI SER "O CONSELHEIRO"

LIMA BARRETO apresentou, segunda-feira ultima, ao numeroso publico que lotou o T.B.C., o ator Adonirã Barbosa, que faz radio e já fez "show" de buate e varios filmes. Lima falou com grande entusiasmo sobre o papel do Barbosinha no seu proximo filme "O Sertanejo". "Vai ser a mais importante e formidavel criação cinematografica de todos os tempos! Ninguem, jamais, em toda a historia do cinema, terá uma oportunidade igual!"

Adonirã fará "O Conselheiro". No filme nunca se falará de "Antonio Conselheiro", mas simplesmente de "O Conselheiro", o lendario personagem do Nordeste brasileiro. Barbosinha vai ter sua grande chance no cinema nacional.

FOLHA DA NOITE

ANO XXXIV 1ª PÁGINA N.º 10.163

SÃO PAULO — SEGUNDA-FEIRA, 6 DE JUNHO DE 1955

"A CARROCINHA" JÁ TEM ASSEGURADOS OS MERCADOS DE NUMEROSOS PAÍSES

Um filme brasileiro do qual se espera o maximo — Um excel nte "cast" — Mazzaropi e Doris Monteiro os principais interpretes

Em julho proximo deverá ser lançado o filme "A Carrocinha", realização nacional dirigida pelo jovem Agostinho Martins Pereira, segundo uma historia de Valter George Durst. Tudo se espera desse filme, que marcará, sem duvida nenhuma, um ponto alto na nossa vida cinematografica. Durst é um cineasta capaz e, sobretudo, excelente escritor de argumentos. A posição que vem ocupando, pela elevação do nivel artistico de nossos filmes, e a responsabilidade com que encara o cinema, como arma de cultura, permitem-nos encarar com otimismo esse filme. E Agostinho Martins Pereira, como diretor, é tambem uma força jovem, da melhor escola, que há muito vinha aguardando uma oportunidade no cinema. Como assistente de direção está Galileu Garcia, que já o foi de Lima Barreto em "O Cangaceiro", e o diretor de fotofia será o excelente Deheinzelin. A musica é de Simonetti, o nosso melhor especialista.

Mazzaropi e Doris Monteiro, numa cena de "A Carrocinha"

MERCADOS ESTRANGEIROS

Que "A Carrocinha" marcará mais uma etapa importante no dificil caminho que o cinema brasileiro vem trilhando, não há duvida. Basta dizer que sua produtora, a "Jaime Prades", através da "Fama Filma", fará a distribuição da pelicula em varios paises. Estão, por ora, garantidos os mercados de Espanha, Portugal, Mexico, Cuba e outros paises da America Central, Uruguai, Argentina e Chile.

Os interpretes do filme são Mazzaropi, Doris Monteiro, Modesto de Souza, Adonirá Barbosa, Kleber Macedo, Luisa de Oliveira e muitos outros.

A filmagem da pelicula foi feita na cidade serrana de Santa Branca, onde Mazzaropi vive o papel de Jacinto, um laçador de cachorros.

Adonirá Barbosa

ADONIRA BARBOSA nos confessa seu entusiasmo pelo sucesso magistral de seus sambas "Saudosa Maloca" e "O Samba do Arnesto", campeões de vendagem (mais de .. 100.000 discos vendidos no Estado), agora conquistando tambem o Rio e todo o Brasil. O Barbosinha está ganhando muito dinheiro. "Vou empatá-lo todo em meu sitio", declarou-nos o compositor e ator do momento.

E a "Maloca" não veio

PERDOE-NOS o nosso amigo Adonirá Barbosa, mas temos de lhe passar um "pito" de publico. Então isso é coisa que se faça? Você acertou conosco — lembra-se? — uma festinha intima no "Clubinho", com a presença dos "Demonios da Garoa", da dupla "Ouro e Prata" e de um humorista seu amigo. Seria naquele simpatico local, na ultima quinta-feira. O motivo da festa: uma louvação, regada a samba, do compositor desse formidando samba que se chama "Saudosa Maloca". Pois muito bem: você, Adonirá, primou pela ausencia, deixando-nos, a nós, a Inesita, o Vanzolini, o Adolfo, o Sá e tantos mais, a "ver navios". Como você é o grande praça que é, e como você compõe sambas tão deliciosamente brasileiros, nós, seus desfeiteados, seus esquecidos, seus abandonados amigos e admiradores, perdoamos a "mancada". Mas apareça, velhinho! Ainda queremos ouvir os "Demonios" cantarem a "Maloca", a saudosa maloca que já foi, não é mais maloca.

Será lançado dentro em breve o filme nacional "A Pensão de Dona Estela"

MAIS um filme brasileiro, esforço da produção nacional, será lançado dentro em breve. Trata-se de "Pensão de Dona Estela", com Jaime Costa, Maria Vidal, Liana Duval, Adonirá Barbosa, Lola Brah, Ramiel Juliano, Marcia Vasconcellos, Carlos Araujo e Jaime Batista. O filme apresenta ainda numerosos musicais interpretados por Carmelia Alves, Eros Voros e Jamburú, com uma escola de samba. A direção é de Ferenc Fekete e Alfredo Palacios. Narra a película divertida historia, cujo centro é

Jaime Costa, Maria Vidal, Liana Duval, Adonirá Barbosa e Lola Brah no elenco — Episodios hilariantes numa tipica pensão brasileira

uma pensão tipicamente brasileira. E' ali que reside um simpatico malandro, cuja maxima, sempre repetida, dá o seu retrato: "A vida é samba, radio e futebol". Essa filosofia baseia-se na realidade. E' que na pensão os unicos que conseguem alguma vitoria sobre a

Lola Brah, Maria Vidal e Jaime Costa

Maria Vidal e Jaime Costa

vida são Dadá, filha da dona da pensão, que é cantora de radio, Zuza, que é o mais querido meia-esquerda da cidade e já está indicado para integrar a seleção brasileira, e Marly, a empregada, candidata seria a "rainha do auditorio". Os outros são fracassados: o Dr. Moreira, medico que prestou brilhante concurso, não consegue nem emprego nem clientes; o Dr. Siqueira, monarquista, Nhonhó, guarda-livros da pensão, e outros.

Hospedam-se na pensão cinco rapazes do interior, que pretendem estudar. Mas passam o dia cantando samba, na esperança de algum dia formarem um conjunto com o qual possam vencer no radio. Há amor tambem, entre os velhos e os mocos.

Dessa situação é que se extraem os episodios mais hilariantes de "Pensão de Dona Estela". Nhonhó, o guarda-livros, é Jaime Costa; Estela, a dona da pensão, é a simpatica e excelente atriz Maria Vidal; Dadá, a cantora de radio, é Liana Duval, igualmente uma de nossas boas atrizes de cinema; o Dr. Siqueira é Adonirá Barbosa e Zuzú é a expressiva Lola Brah.

FOLHA DA NOITE
O MAIS VERSATIL DOS JORNAIS

ANO XXXIV — N.º 10.468
SÃO PAULO — SEGUNDA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 1956

FOLHA DA NOITE

RÁDIO

SEMANA EM REVISTA

A Rádio Record, transmitiu domingo, ao meio-dia, o seu programa "Semana em Revista", escrito por Oswaldo Moles e do qual participaram diversos elementos da referida emissora. "Semana em Revista" é um programa que já tem alguns meses — ou anos — de existência e que, não obstante, consegue agradar até hoje. Consiste na teatralização de fatos — os "faits divers" dos franceses — ocorridos durante a semana. E' um programa leve, sem grandes pretensões e, por isso mesmo, agradavel e interessante.

O de domingo, por exemplo, esteve bom. Não direi que me fizesse rir a bandeiras despregadas. O primeiro "sketch", todavia, foi delicioso. Versava sobre uma briga ocorrida, antes do jogo São Paulo-Palmeiras, por causa do mesmo jogo. As "orações" dos torcedores, nomeadamente, estavam estupendas.

Aliás, não é possivel escrever acerca desse programa sem destacar, de maneira especial, a atuação de Mariamélia e Adoniran Barbosa. Principalmente a primeira. Já a ouvi em diversas peças de rádio-teatro, sem que entusiasmasse o seu desempenho. Como rádio-atriz é apenas discreta. Interpretando, porem, a parte de personagens caricatas, a "italianinha" ou a "negrinha pernóstica", é incomparavel. Tem graça, naturalidade, chiste, sem exageros, e é surpreendentemente fiel em suas caraterizações. Adoniran Barbosa, secunda-a muito bem.

Seriam, contudo, incompletos e falhos estes brevissimos reparos se eu não dissesse ainda qualquer coisa a propósito do programador. Oswaldo Moles é, indiscutivelmente, uma das figuras mais interessantes e de maior personalidade do nosso rádio. No género que parece ter adotado não conheço quem se lhe compare. Se Mariamélia e Adoniran Barbosa dão vida ao que ele escreve, é Oswaldo Moles quem dá vida ao que dizem eles. Não data de hoje a minha admiração pelo talento de Oswaldo Moles, que tem feito, sem o prometer, o que muita gente promete, sem o fazer: por inteligência no rádio. Os programas por ele apresentados ao microfone da Record são, quase sempre, felicissimos. "Zé Cuaversa e Catarina" — tambem com Mariamélia e Adoniran — "Noé e Perna Fina", "Seu Brandão e Dona Marocas", certas "Casas da Sogra", contam-se entre alguns dos momentos de verdadeiro bom humor que tem proporcionado o rádio. E, o que é mais importante, um bom humor fino, inteligente — eu diria sadio — que não precisa da pornografia para fazer rir de verdade. Em suma: o autêntico bom humor.

QUINCAS BORBA

FOLHA DA MANHÃ

(1941 e 1957)

Índice

- 1941.....59
- 1957.....60

FOLHA DA MANHÃ
29 de janeiro de 1941

Carnaval do povo

Os foliões que aparecem — Ninguém pode parar — Iniciativas e mais iniciativas — Trio de Ouro — Castro Barbosa — Os Fenianos do Rio de Janeiro — Prazeres — Cartola — Portela — Os cartazes do momento

O dr. João Ferreira Fontes, Presidente da Rádio Cosmos, prosseguindo na série de iniciativas do Carnaval do Povo, depois do desfile monstro do dia 25 e das irradiações feitas diretamente de oito bairros da Capital no sábado e domingo passados, prepara grandes outras novidades para os próximos dias. — O "Trio de Ouro" — dupla preto e branco, com Dalva de Oliveira, e Castro Barbosa, um conjunto e um cantor possuidores de grande renome no broadcasting nacional, já foram contratados pela PRE-7 para o Carnaval do Povo. — Heitor dos Prazeres, Cartola e Portela com a Embaixada do Samba Carioca, enquanto aguardam o "barulho" dos bairros nos dias 1 e 2 de Fevereiro próximo, estão fazendo os seus programas nos estúdios da Rádio Cosmos, diariamente, das 21 às 22 horas juntamente com os "Cranesmos Cá de Casa" — animados por Adoniram Barbosa e Ricardo Dias. — Hontem, o dr. Ferreira Fontes recebeu a visita do Secretário dos "Fenianos Carnavalescos" do Rio de Janeiro afim de tratar dos preparativos para a vinda, a São Paulo, de S. M. Rei Momo — O Único — que chegará a esta Capital, no dia 15 de Fevereiro próximo, acompanhado de uma Embaixada composta de 54 elementos dos "Fenianos Carnavalescos" fantasiados a caráter. E o povo paulista, naquela ocasião, numa proclamação vibrante colocará o Rei Momo no seu suntuoso trono após uma grande e nunca vista parada carnavalesca na cidade. É por isso que anda por aqui pela terra o velho Adamastor Magalhães, Secretário Geral dos "Fenianos" do Rio de Janeiro. Planos importantes... é que os cariocas, instigados pelo dr. Fontes, deliberaram mesmo tocar fogo na cangica paulista. E a coisa vai pegar!... O samba do Rio parece que vem de mudança para a terra de Piratininga. "Salve êles"! — Folia favelesca mexendo com a alma paulista. Que coisa louca!... Vamos esperar, mesmo porque quem espera sempre alcança, e nós queremos, pelo Carnaval do Povo, alcançar, êste ano, o maior carnaval de São Paulo. Para isso, a Rádio Cosmos está aí.

FOLHA DA MANHÃ
27 de setembro de 1957

Folha da Manhã
27-9-1957

NOSSA CIDADE

RECEITA PARA FUTEBOL

EM PRIMEIRO LUGAR, exigem-se do cabra certos atributos inerentes ou intrinsecos: se nasceu no interior, é indispensavel que na infancia e na adolescencia tenha conhecido pé a pé (melhor, no caso, que palmo a palmo) todos os terrenos abandonados, todos os pedacinhos de gramado que, na cidade que o viu de calças curtas, se prestassem, bem ou mal, à pratica de um bom salameio. E' preciso, mais, que tenha conhecido a emoção de acariciar uma lustrosa bola de capotão, antes de um racha bravo, quando o normal era jogar com bola de meia, feita com trapos tirados de uma mala velha, costurada a capricho sob a vigilancia da molecada entendida no assunto. E' preciso, ainda, passar por todas as infantis provações do sofrimento fisico, guardando nos pés e nas canelas as marcas dos dedões sem champa, dos cortes de caco de vidro, do tijolo que surgiu inexplicavelmente no lugar da bola, na hora da arremetida furiosa para o gol. E' preciso que se tenha aprendido a curar as feridas com terra e outro ingrediente mais prosaico... é preciso, em suma, que se tenha sido moleque de rua, de pés descalços, dono do mundo, sem dinheiro para comprar uma bola. E se o camarada nasceu na capital, é só transportar tudo isto para o plano do seu bairro, que naturalmente dará na mesma.

Depois, para encurtarmos a historia, virá a fase em que o individuo correrá o risco de ficar entendendo muito de futebol. Atenção, rapazes, para não estragar o prato. Convem entender, sim, mas não ao ponto de ir para o estadio com a preocupação de saber se o seu time está jogando com a tatica do "W", se a produção baixou porque o meia de ligação não está em cima do centro-medio adversario, se o zagueiro lateral deveria estar plantado na area ou se o centro-avante deveria procurar entrar pelos flancos... Não, não vá ver uma partida com a preocupação dos tecnicos e dos comentaristas. Concentre toda a sua emoção nas jogadas bonitas, nas fintas desconcertantes, nas paradas de bola, esqueça-se da sua capacidade de raciocinar, durante aqueles noventa minutos, guarde toda a sua energia para o momento do grito desvairado de "gooool!" na cara do torcedor adversario.

Outro ingrediente importante: se possivel, procurar sentar sempre no meio da torcida brava e aprender certas maneiras sutis de irritar os "inimigos", sem lhes dar oportunidade de partir para cima de você, porque, então, entre outros inconvenientes, ele poderá ser mais forte ou você irá acabar a torcida no carro de presos.

Muitos outros condimentos poderiam ser aconselhados, mas a receita permite que os deixemos a cargo da imaginação ou das emoções do eventual cozinheiro. Para terminar, apenas mais um, que, no entender do "cronista", e no caso especial do seu paladar, dá o sabor exato ao prato: para gostar mesmo de futebol é aconselhavel que se torça para o Corintians, que, alem de ser uma especie de sintese de tudo isso, é o unico que sabe dar alegria, mesmo quando perde. — Ci.

J O R N A L D A M A N H Ã

(1941 e 1942)

índice

- 1941.....63

- 1942.....65

Jornal da Manhã
05 de fevereiro de 1941

JORNAL DA MANHÃ 1941

Jornal da Manhã
07 de fevereiro de 1942

ADONIRAM BARBOSA

Não tanto como o Lamartine Babo, mas assim mesmo magrinho como êle só. Magrinho e engraçado. Vive com uma pilhéria na ponta da língua, pronta para ser contada como substituta dos melhores remédios para o fígado. Às vêzes, até um trocadilho acontece. Bom? Mau? Depende do momento, do ambiente, do cenário (vocês sabiam que o cenário é indispensável para a qualidade do trocadilho? Pois é. Tanto assim que os cariocas brilham no gênero...).

Outro dia, à porta de qualquer confeitaria perdida em qualquer canto da cidade, êle apareceu ao lado de Blota Júnior. Veiu gingando, chapéu jogado para trás da cabeça, paletó aberto, feito quase de quem quer bripar. Mas quando chegou, sorriu. É dessa forma que êle me..e com os outros: sorrindo. E que "nuances" de sorriso! Uns irônicos, outros sarcásticos, outros caçoistas, outros sinceros e outros, ainda, sem classificação. Serão neutros, possivelmente. Nesta hora de opiniões cheias de conseqüências, a neutralidade ainda é uma grande vantagem...

E depois dessa conversinha, pensamos ser desnecessária a apresentação do dono do retrato que está aí em cima. Entretanto, para que ninguém alegue ignorância, vai aqui o seu nome: Adoniram Barbosa, "speaker" e humorista da Cosmos.

C O R R E I O P A U L I S T A N O

(1936,1953 e 1956)

índice

- 1936.....69
- 1953.....70
- 1956.....71

O Paulistano 1936

Adoniran Barbosa, um principe do samba que não tem corôa...

Adoniram Barbosa, cuja "pinta" vemos estampada nas circunjacencias desta nota, é o sambista piratininganc que é um dos principes da nossa mu-

Este é o Adoniran Barbosa

sica regional, mas não tem corôa — porque os "coroados" — diz elle — já passaram da época".

Já fez musicas "de abafar", como sejam "Soccorro", samba de arromba; "Marcha-ré", marchinha; "Minha vida se consome", samba e outras tantas quantas que estão em plena vigencia neste Carnaval.

CORREIO PAULISTANO
25 de janeiro de 1953

CINEMA Correio Paul. 25-1-53

"O CANGACEIRO"

"O Cangaceiro", que Lima Barreto realizou para a Vera Cruz e está presentemente em exibição nos cinemas da Serrador, é o primeiro filme que faz justiça ao Brasil e nos dá esperanças de que, finalmente, poderemos confiar em que o nosso cinema encontrou seu homem. Com esse filme, pode-se dizer que o Brasil já tem o seu cinema, porque "O Cangaceiro" tem qualidades suficientes para figurar em qualquer certame internacional. Com Lima Barreto conseguimos atingir aquela maturidade que já estava tardando, comprometida não só pela aventura de muitos pseudos cineastas, como pela deficiencia natural no início do estabelecimento de nossa industria cinematografica. De todas as produções já realizadas pela Vera Cruz, cremos que "O Cangaceiro" é a melhor e marca o início de uma fase realmente auspiciosa, pela qual nos congratulamos com a empresa de São Bernardo do Campo. E damos um bravo a Lima Barreto pelo seu trabalho, realizando uma obra que jamais será esquecida na historia do nosso cinema.

"O Cangaceiro" reflete, na sua historia, uma epoca que se celebrizou tristemente nos anais da vida do Nordeste, quando a vida humana tinha seus destinos pendentes do arbitrio e da violencia dos reis do cangaço, chefiados por Lampeão. O "capitão Galdino Ferreira" do filme, nada mais é que o famigerado Virgolino Ferreira, e o argumento, concebido por Lima Barreto, apenas uma pagina tirada da propria vida brasileira naqueles ominosos tempos. Sua historia tem sabor de realidade, é sincera, humana e dolorosa, como quase tudo que se relacionava com as populações nordestinas sujeitas ao dominio dos cangaceiros e do banditismo. E não fantasia nenhum aspecto, local, social ou humano, porque tudo o que o filme nos mostra poderia ser perfeitamente real. A não ser o desprendimento de Teodoro, sacrificando-se pela jovem professora, o que poderia merecer alguma critica, mas que tambem poderia ter acontecido, porque, muitas vezes, a vida é mais fantasiosa que a propria ficção. Os lances mais vivos, as passagens mais cruentas, chegam a emocionar profundamente a platéia, que custa a crer que no tempo do cangaço pudesse imperar tamanha violencia. Mas as cronicas e as noticias do tempo ai estão, atestando a veracidade dessa lamentavel situação. O filme faz justiça à realidade, embora com isso castigue os nervos do espectador mais sensivel.

Como espetaculo, "O Cangaceiro" possui grandes qualidades. A cenarização inteligente possibilitou um desenrolar expressivo, a qual a direção imprimiu um sentido vivo e movimentado, jogando muito bem com as personagens dentro da historia. Condução habil, que revela o pulso de um grande diretor, consciente de sua missão e sabendo perfeitamente o que fazer com semelhante material, humano e tecnico. Talvez Lima Barreto tivesse exagerado um pouco, não como diretor ou realizador, mas como interprete. Apaixonado pelo filme, talvez nem tivesse percebido estar sendo dominado pela emoção, ao enfrentar os bandoleiros, e-revelado, assim, pelo histerismo. Um pouco mais de sobriedade e o diretor teria se igualado ao interprete. Sua exposição da paisagem social da epoca, porem garante-lhe um lugar de relevo e faz esquecer qualquer outra falha.

A fotografia faz justiça às possibilidades pitoricas da nossa paisagem, e tirou dela toda a beleza, seja nas cenas contrastantes do entardecer, projetando os cavaleiros sobre um fundo de nuvens de fascinante esplendor, como nas caatingas castigadas pelo sol e no emaranhado da floresta. A parte musical, expressiva e regional, com alguns motivos populares que ambientam a ação do filme e emprestam-lhe um sabor peculiar de extraordinaria beleza. A ação viva, pontilhada de momentos de inteligente concepção, dramatica ou humoristica, prende a atenção do publico em todo o filme.

Pela primeira vez no cinema brasileiro, os artistas parecem viver as personagens e não apenas representam papeis e recitam dialogos. A interpretação é das mais perfeitas e verossimeis, impressionando, no primeiro plano, as figuras de Alberto Ruschel e Milton Ribeiro, ambos perfeitos e convincentes, imprimindo um senso profundamente dramatico aos tipos que incarnam. Vanja Orico, Marisa Prado tambem atuam elogiosamente. Das pontas, Adoniram Barbosa é o melhor, "roubando" todas as cenas em que intervém, caraterizando um cangaceiro em ruinas. Um esplendido coadjuvante, que não pode ser esquecido para filmes futuros.

Por tudo isso, "O Cangaceiro" é um belo filme, que revela magnificos valores para o nosso cinema, projetando, principalmente, o nome de Lima Barreto como o diretor do melhor filme brasileiro feito até hoje. Um filme que deve ser visto e aplaudido, que poderá representar honrosamente o nome do Brasil no exterior. Não o percam.

WALTER ROCHA

CORREIO PAULISTANO
24 de junho de 1956

INAUGURADA COM GRANDE SUCESSO A

"VI SEMANA DO CINEMA BRASILEIRO"

nas espetaculares festas do

"JUBILEU DE PRATA"

com a presença dos maiores astros e estrelas do Brasil:

ANSELMO DUARTE – ELIANA – CILL FARNEY – FADA SANTORO – ARNALDO MONTEL – OSCARITO – MARLY SOREL – MIRO CERNI – JULIE BARDOT – ANKITO – MARGÔ LOURO – RENATO MURCE – JAYME COSTA – SILVIA FERNANDA e muitos mais

estando convidados, ainda, todos os artistas de São Paulo, entre os quais: ADONIRAN BARBOSA – INEZITA BARROSO – HELIO SOUTO – RUTH DE SOUZA – HENRICÃO – RICARDO CAMPOS – ARRELIA – RANDAL JULIANO – PAGANO SOBRINHO – SANDRA AMARAL – MILTON RIBEIRO – MAZZAROPI – LIANA DUVAL

e ainda:

PRODUTORES — EXIBIDORES — TÉCNICOS — DIRETORES

TUDO COMO MAIS UM PRESENTE DA

A MAIOR

Correio Paulistano . 24/6/56

A PLATÉIA

- 1941.....75

A PLATÉIA
31 de janeiro de 1941

Carnaval do Povo!!!

PELA REDE

Expresso Transportes Brasileiro
Casas Pernambucanas
Caracu'

SABBADO - DOMINGO

O Microphone — PRE-7 — em novos bairros
Lapa — B. Funda — Belém — V. Marianna —
Penha — Pinheiros — Sant'Anna — Pary

DIARIAMENTE — — A'S 21,00 HORAS

PRAZERES — CARTOLA - PORTELLA

com as suas Embaixadas do Samba
Em Programmas de Estudios com
ADONIRAM BARBOSA — RICARDO DIAS

"OS CRANEANOS CA' DE CASA"

DIA 1 DE FEVEREIRO A'S 19,15
"TRIO DE OURO" — DUPLA PRETO E BRANCO — DALVA DE OLIVEIRA

Dia 4 de Fevereiro

"CASTRO BARBOSA"

PRE-7 Radio Cosmos

Em Combinação com A PLATÉA

A PLATÉIA
04 de fevereiro de 1941

Carnaval do Povo!!!

PELA REDE
Expresso Transportes Brasileiro
Casas Pernambucanas
Caracu'

DIARIAMENTE — — A'S 21,00 HORAS
Em Programmas de Estudios com
ADONIRAM BARBOSA — BLOTA JUNIOR
e
"OS CRANEANOS CA' DE CASA"

Sabbado — Domingo

Dia 8 Dia 9

NOVOS BAIRROS

BREVEMENTE
"TRIO DE OURO" — DUPLA PRETO E BRANCO — DALVA DE OLIVEIRA
"CASTRO BARBOSA"

PRE-7 Radio Cosmos

Em Combinação com A PLATÉA

A PLATÉIA
04 de fevereiro de 1941

"Carnaval do Povo"

DIARIAMENTE — às 21 horas

Programas de estúdio

— com —

Blota Junior - Adoniram Barbosa

— e —

OS CRANEANOS CÁ DE CASA

SABADO — dia 8 —

DOMINGO — dia 9 —

NOVOS BAIRROS

PRE-7 Rádio Cosmos

O D I A

(1947,1961,1965 e 1968)

índice

- 1947.....81
- 1961.....82
- 1965.....83
- 1968.....84

O DIA - São Paulo
05 de julho de 1947

A dupla "Gijo Manhagato e Von Chucruts" tambem no grande espetáculo do dia 14

5/7 47

Está despertando invulgar interesse o grande espetaculo que, na noite de 14 do corrente, se

Adoniram Barbosa, um dos componentes da dupla famosa da Record

realizará no Circo Seyssel, em homenagem á ilustre deputada Conceição Santamaria, por motivo da sua simpatica e desassombrada atuação da Camara, conseguindo a isenção de impostos para teatros e Circos.

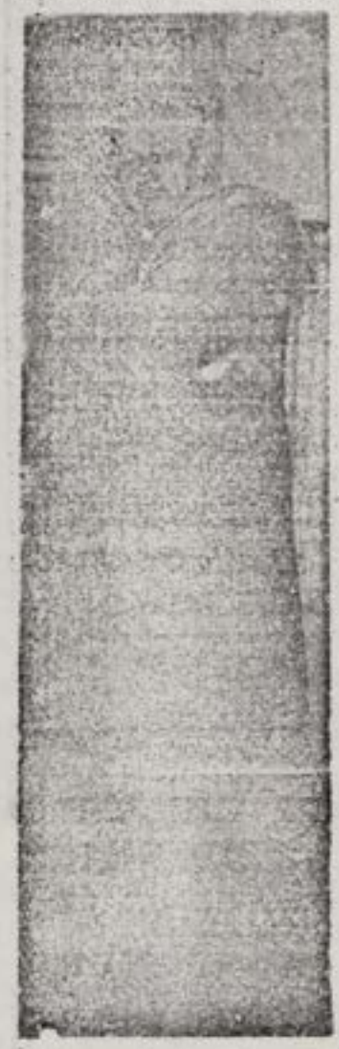
Haverá um sensacional desfile de «astros» e «estrelas», como os nomes já noticiados alem de outros elementos destacados de todos os setores de diversões que se estão inscrevendo. Agora passou a formar ao lado dos demais, a famosa dupla da «Record» — «Gino Manhagato e Von Chucruts». (Adoniram Barbosa e Ivo de Freitas), artistas aplaudidos e festejados.

A homenageada estará presente será saudada em cena aberta pelo deputado e radialista Manoel da Nobrega.

O Dia
São Paulo, 23 de Maio de 1961

DETENÇÃO DE "CHARUTINHO" ACABOU EM ANIMADO "SHOW"

ADONIRAM Barbosa, o conhecido "Charutinho" da Rádio Recorde, aqui aparece de corpo inteiro, numa fotografia apanhada na madrugada de ontem, quando apareceu duas vêzes seguidas na



Central de Polícia a fim de explicar ao delegado de plantão que não fôra por sua vontade que "dera com os ossos" no velho casarão do Pátio do Colégio. Tudo aconteceu devido ao fato de haverem — êle e outros colegas — tomado um taxi para uma corrida à Vila Carrão, onde tomariam parte num "show" do Circo Jussara, todavia, surgindo com o motorista um desaguisado em virtude dêste último não gostar da algazarra que o grupo fazia e de ser vítima de alguns "trotes". Após explicações à autoridades, Adoniram e colegas foram dispensados, mas, horas mais tarde o conhecido artista novamente compareceu à Central, desta vez por haver violado a lei de transito, dirigindo o seu carro contramão, por várias ruas da cidade, sendo "brecado" por uma guarnição da R.P., que o deteve para esclarecimentos. Foi então que, após alegar que não vira o sinal vermelho (coisa difícil de se acreditar tratando-se de um camarada que "enfia agulha no escuro"), e de ser pela segunda vez "liberado", resolveu dar um pouco de alegria ao tradicionalmente melancólico casarão, improvisando um "show" que entreteve delegado, policiais e repórteres por longos minutos que no entanto pareceram poucos a quantos ali se achavam. Mais tarde Adoniram se dirigiu ao D.S.T. a fim de retirar seu veículo que havia sido "guinchado" por determinação da autoridade. A julgar pela foto, o radialista estaria preparado para uma viagem ao Polo Norte!...

X

PÁGINA 6

São Paulo, sabado, 1.o de maio de 1965

CEARA' CONTRA 007 — Consuelo Leandro e Jô Soares encabeçam o elenco de humoristas na novela diaria do Canal 7, "Ceará Contra 007", das 20.30 horas. No desenrolar da historia vai aparecer ainda muita gente: Adoniram Barbosa (foto) Golias, Borges de Barros, Durval de Souza, Gledy Mariz, Ronny Rios, Silvio Silveira Simplicio Cidinha Campos até o repórter policial da Record, Cecio Ribeiro.

O DIA

23 FEV 1968

O DIA

SÃO Paulo, Sexta-Feira, 23 de Fevereiro de 1.968 Página 9

ADONIRAM BARBOSA

O famoso compositor de O TREM DAS ONZE, SAUDOSA MALOCA e muitas outras composições está com mais uma bomba para soltar depois do carnaval. Ele ainda não escolheu o cantor para interpretar sua recente composição, feita em parceria com Marcos Cesar. Trata-se de uma marcha, com o título PRIMEIRO CARNAVAL. É uma homenagem que a dupla presta ao bairro de Vila Esperança, por ter o melhor carnaval de São Paulo.

E por falar em Carnaval, Adoniran foi convidado pelo Prefeito Faria Lima para passar o carnaval em Guarujá. Esse mesmo convite também foi feito pelo poeta Guilherme de Almeida. E, Barbosa acrescenta: "dispois nóis vai, dispois nóis vorta".

A HORA
(1953,1959 e 1961)

Índice

- 1953.....87
- 1959.....91
- 1961.....97

A HORA - São Paulo, 09 de Março de 1953

Adoniram Barbosa deixou o rádio para ser cabeleireiro no Brás!

«SEMPRE DESEJEI VIVER COMO O POVO SIMPLES E MELHOR SENTIR SUAS ASPIRAÇÕES», DECLARA O COMPOSITOR DE «A LOUCA CEGOU» — SUA ESTRÉIA NO CINEMA NÃO FOI COM «O CANGACEIRO» — O CONHECIDO RADIALISTA EXPÕE OS MOTIVOS DE SUA DECISÃO -(Leia na 11.a)

Esta foto mostra a satisfação de Adoniran, já instalado em sua barbearia no Brás.

A HORA

ombro a ombro com o povo

Ano VIII || S. Paulo, 2.a-feira, 9-3-1953 || N. 2226 || Dir : DENNER MEDICI

(Reportagem desta folha de rosto no verso) (PAG. 11)

PAG. 11 - A HORA - São Paulo 09/03/1953

CURIOSO GESTO DE UM ATOR

Adoniram Barbosa deixou o radio para ser cabeleireiro no Brás!

«Sempre desejei viver como o povo simples e melhor sentir suas aspirações», declara o compositor de «A louca chegou» — Sua estréia no cinema não foi com «O Cangaceiro» — O conhecido radialista expõe os motivos de sua decisão

No microfone, Adoniram é um verdadeiro rei. Quem não conhece suas magistrais interpretações? Agora ele vai abandonar tudo, para viver uma parte de sua vida, onde sempre quis estar: com a gente simples!

Adoniran Barbosa, o popularíssimo astro da Radio Record tomou uma decisão serissima: vai trocar seu privilegiado lugar de radialista, para montar uma barbearia no Brás.

E' sem duvida uma atitude bastante exquisita, pois, ninguem desconhece o grande valor de Adoniran como homem de microfone.

Sua vida, inteiramente consagrada ao Radio, é toda revestida de trabalho, dedicação e sacrificio. Dessa forma, não só os colegas da Record, como diretores da emissora, tentam de todo o Brasil, inclusive os desviar o rapaz de seu intento que prevêem, vai causar muita surpresa.

Mas, fiel a sua vontade, Adoniran Barbosa já alugou um comodo na rua 21 de Abril, esquina da rua Maestro Cardim, e montou um modesto salão de barbeiro, onde atenderá fãs amigos e freguezes.

Adoniran Barbosa, ou seja Barbosinha, está no radio há 12 anos. Durante esse periodo fez de tudo no Radio. Desde a locução, até a produção. De tecnico, a compositor de sambas. Seu talento fervilhante, nunca o deixou ficar parado, e, por isso, raro era o setor artistico onde não estivesse o irriquieto Adoniran.

Tendo recentemente aparecido no filme "O Cangaceiro" no papel do "Homem arsenal" sua presença foi saudada como a de uma autentica revelação. O que pouca gente sabe, entretanto, é que sua presença no cinema data de 1944. Foi na "Cinedia" pela mão de Ademar Gonzaga, que Adoniran fez o filme "Pif-paf".

Depois veio "Caidos do céu", onde vivia o papel de um judeu, vendedor ambulante de gravatas, cujo "script" era de Oswaldo Moles.

O MOTIVO DA ATITUDE

Durante todo o tempo em que atuou no Radio, Adoniran compôs sambas, dos quais muitos foram verdadeiras roqueluches, como a ultima batucada deste Carnaval: "A louca chegou".

No inicio de sua carreira, lutou desesperadamente para que algumas de suas produções fossem gravadas, mas, como sempre acontece, houve obstaculos. Agora, após ter vencido em toda a linha, seus sambas são procurados por quase todos os cantores do dia. E' o atestado de seu valor.

Assim, ao sabermos da atitude de Adoniran, fomos solicitar sua palavra, tentando desvendar o véu de misterio que cobria sua vida.

Inicialmente ele afirmou:

— "De fato, você tem razão Montei uma barbearia no Brás E, se escolhi aquele lugar, foi porque ali julgo existir a verdadeira S. Paulo. E' o povo bom e simples, que sempre emprestou á nossa terra, o cunho caracteristico que ela possui Quero, e sempre desejei, viver como o povo simples e melhor sentir suas aspirações. E minha grande vontade, seria um dia poder viver no microfone um desses personagens saidos das ruas famosas do Brás.

E' o italiano sentimental. E o japonês verdureiro, é enfim o espanhol barbeiro. São essas magistrais figuras que me atrairam para minha decisão

Esteja certo: estou felicissimo por me tornar barbero".

E' pena que este talentoso jovem deixe o radio. Mas, se ele julga ser feliz com os simples, é bem bom que vá para sua barbearia.

DESVENDADO O MISTERIO

O rapaz falava com segurança e fé inquebrantavel.

Depois de discorrer sobre o Brás, o velho bairro de S. Paulo, voltou a falar sobre sua vida artistica no Radio, que agora vai deixar:

— "Fiz varias experiencias Fui radialista e uma serie de outras coisas. Um dia surgiu uma oportunidade no cinema.

Aproveitei-a. Sai-me bem. De fato, o cinema é uma grande arte que sempre me atraiu.

Lima Barreto, meu velho amigo, veio um dia buscar-me para o filme "O Cangaceiro". As filmagens seriam fora de S. Paulo, e era necessario "quebrar" o galho com a direção da Radio Record. Mas, como sempre, a direção foi "mãe", e embarquei para Vargem Grande do Sul.

Realizei o trabalho e agradei ao diretor. A critica tambem me foi favoravel. O cinema, então, passou a ser como o Radio, minhas grandes esperanças".

— E, qual o genero de filme, que você gostaria de fazer? — perguntamos ao entrevistado.

— "As comedias que fazem chorar, como as de Chaplin. E gostaria de interpretar somente personagens saidos do povo. Pessoas simples e boas".

— Mas, você, deixando o Radio, perderá uma grande oportunidade de realizar seu sonho, pois, no microfone, poderá realizar em parte o seu intento.

— "Mas quem falou que vou deixar o Radio definitivamente? Nunca. Vou apenas me ausentar durante as filmagens de "A esquina da Ilusão", que Ruggero Jacobbi dirige para a Vera Cruz.

— Quer dizer...

— "Isso mesmo. A historia da barbearia no Brás, nada mais é que a realização de meu grande sonho: interpretar o papel de um espanhol simples, que possui uma barbearia no Brás".

— Ah! Bem.

— "Pois é. Jamais deixaria a Record. Isso nunca. Vou fazer Cinema, Televisão e Radio".

— E está satisfeito com o papel?

— "Muito. Serei "Pepe barbeiro me o picareta, mais ou menos o Líder do Novo Mundo, onde vai italianadamente, ao "Onnga", o verdureiro, "te", o dono da cantina rão" o jornaleiro, e "na", a cartomante.

Gente simples, boa, tal, que em cada can Paulo marca, indele esse gostinho bom de bandeirante".

1953

OS «CARTAZES» TAMBEM TÊM BARRIGA!

«SÓ FALTA O «TUBARÃO» COMER A GENTE VIVA!»

BARBOSINHA, O CANTOR, O HUMORISTA, O ARTISTA DO CELULOIDE E O COMPOSITOR, FALA A' REPORTAGEM DA «A HORA» SOBRE O CUSTO DA VIDA

O povo e o artista ficam com a alegria e o trabalho. Mas os exploradores ficam com o dinheiro — O que sobrou do "Cangaceiro" foi unicamente alimento para o espirito — Mora, provisoriamente, há onze anos no "apertamento" — A coisa não está boa não.

Se fosse pensar na vida no duro, Barbosinha já estaria assim, e não precisaria desta caracterização que tão bem o disfarça.

Quando a «gaita» andava curta, o Barbosinha era meio gordo e o «Teleco», magro. Agora o «Teleco» está gordo e o Barbosinha, magro.

Talvez você não conheça o Adoniran. Mas conhecerá, ao menos de nome, o Barbozinha, da velha «Escola Risonha e Franca». Ou ainda o «Zé Conversa», com aquele «cangaceiro» do filme que marcou epoca, graças ao Lima Barreto & Cia. Belo. Não importa, o nome, pois o Adoniran, ou melhor, o Barbozinha, é um só. Vozeirão mais grosso que ele proprio, destinado a cantar sambas de malandro, alisa agora uma barbicha rala que usará para interpretar uma figura popular em filme que começará a rodar dentro em breve.

Barbozinha é pau para toda obra. E' cantor, humorista de radio, astro de cinema, compositor. Nas horas vagas, é boemio.

Há de pensar o fã daquela figura marcada que ele, ganhando bem em todas essas coisas, levaria uma vida de lorde e não se importaria com os preços. Mas e.:, que interpreta a alma popular, a situação da gente modesta que vive na maloca, que depende exclusivamente dos favores da cidade grande, tambem tem o seu mau pedaço de caminho. Não poderia fielmente traduzir tudo aquilo se não sentisse, profundamente, os problemas populares. Ele não é o tipo sofisticado que muita gente pensa. Não vive na torre de marfim dos astros orgulhosos. Não tem aquela vida de sonho que todos pensam. Há os que, ingenuamente acreditam receber ele, depois de cada exibição dos filmes em que trabalha, boladas de dinheiro. Os vizinhos, rindo, dizem-lhe:

«Está ficando cheio do bandido, hein...»

Mas está, hein. Está nada. Se bem que não peça esmola na rua, que não precise andar dando facadas, a vida de astro não está lá pelas alturas do céu.

Os «cartazes» tambem têm barriga. Quem tem barriga, tem fome. Quem tem fome sujeita-se à expoliação permanente dos «tubarões» dos generos alimenticios. Não adianta ganhar rios de dinheiro, quando são necessarios rios de dinheiro para comer. Não para comer o dinheiro, mas quase! Cada bago de arroz está valendo uma fortuna.

Mas vamos ouvir, porem, Barbozinha. A vida é dele e ele vai dizer como ela é.

PROVISORIAMENTE

«A vida não está boa não — disse na voz de um dos 16 tipos que imita perfeitamente, Barbozinha. — Eu vejo tudo dando uma olhada prá trás. Prá trás da vida, é logico.

«Me mudei prá cá em 42, mais ou menos. (O apartamento é uma casa de pombos: um quarto, banheiro, terracinho, lembrança de cozinha e hall). Era provisoriamente. Pagava, naquele tempo, 360 cruzeiros de aluguel.

«A gente sonha, é logico, em ter uma mansão, tipo de artista que todo mundo acredita que tenha. E vai ficando muito no provisoriamente. Pois estou quase sonhando há onze anos. Provisoriamente, é logico.

«Esperava, melhorando, guardar uma bolada e fazer miserias, mas qual. Não dá jeito. Quando eu pagava o apartamento 360 cruzeiros, ganhava 800 na radio e o quilo de arroz custava Cr$ 3,50, sonhava com grandes coisas. Trabalhava o dia inteiro, dava um duro miseravel. Queria melhorar. E melhorei no duro. Já passava para o tempo bom. Tambem, já vinha tarde. Olha que uma vez fui receber os meus direitos autorais num disco e me deram, com todo o jeito possivel quatrocentão. Quarenta centavos hoje. Vai ver que era o direito autoral do disco que eu mesmo comprei!

«Bem, com tudo isso, a gente sempre «progrede» que Diabo. E eu sonhava. Dava um duro louco.

«Não «diantou». Nada, nada».

«E tive que ficar provisoriamente aqui no apartamento. «Apertamento» é jeito melhor de se chamar isto...»

A VIDA SOBE TAMBEM

Todos têm a impressão de que o artista ganha no mole, muito dinheiro, para fazer uma coisinha átôa. Mas qual! Alem daquela coisa indefinivel, que vem do berço, que existe naturalmente em certos privilegiados, o artista, seja ele cantor, galã de cinema ou radionovela, precisa de ensaios. Precisa decorar letras e papéis. Precisa repetir, até cansar, cenas e cenas, para chegar á quase perfeição da arte pura. E é sacrificio sem conta ensaiar horas e horas seguidas, para no final interpretar ante a camera ou ante o publico por alguns minutos a cena comum. O dinheiro não vem no mole, não. E' suado. E quando chega a vir em quantidade apreciavel, a vida já está pelas alturas.

«Com toda aquela trabalheira, eu acabei vencendo. O Osvaldo Molles começou a se interessar. Foi ele quem me fez. O Blota Junior deu, tambem, uma mãozinha. Fiz sucesso na Escola Risonha e Franca. A Tupi, então, me quis levar para lá. Me ofereceu 2 mil cruzeiros. A Record cobriu a proposta. E, naturalmente, eu fiquei lá mesmo com os amigos. Dai prá frente, melhorou muito. Em 46 e 47, trabalhei em dois filmes: «Pif-paf» e «Caidos do céu».

«Mas pensam que eu podia realizar os sonhos. Nada disso. A vida não está sopa não, velho. Ganhava 800 e não dava prá nada. Agora ganho 18 mil e...

— Vai indo bem?

«Qual, sió. Continua não dando. Tudo subiu. Os «tubarões» só faltam comer o povo vivo.. Tá louco. Continuo, por estas e aquelas, provisoriamente no apartamento. E não dá nem prá se mexer. Dá, Matilde?»

Entrou, então, em cena, a patroa do Barbozinha. Começou a fazer o recenceamento, auxiliada pelo Adoniran:

«Isto está apertado demais, apesar da gente ter emagrecido um bocado. Vivemos que nem sardinha em lata. E não somos muita gente: só o Barbozinha, eu, o Teleco, o Tico e a Maria. A Maria ajuda um bocado na cozinha e é habitante de algumas horas».

Naturalmente os leitores querem saber quem é o resto. Lá vai: o Teleco é um terrier de grande personalidade, figura popular no bairro e o Tico, um pintassilgo. Todos continuam morando provisoriamente no apartamento...

«E que a gente queria viver num palacete, não há duvida — diz Barbozinha. Mas com que roupa? O custo da vida parece um rojão? O dinheiro vem duro e suado e vai escorregando facil. A gente entra de manhã no estudio e vai até os quintos dos infernos em horas prá ganhar o dinheiro para os exploradores».

AS CONTAS

«De vez em quando, a gente resolve fazer contas. Então ninguem dorme sossegado. A não ser o Teleco, que não pensa em nada e leva a melhor vida da casa. Mas é um problema, esse tal de orçamento. Há dinheiro. No «Cangaceiro» eu ganhei os meus 39 mil cruzeiros. Mas gastei 15 lá e o resto aqui, assim num zopro. E, prá esquecer as maguas, a gente sempre toma alguma coisinha. O dono do bar prá ser agradavel, pendura. E para ser agradavel, recebe tambem no fim do mês. Quando o dinheiro vem grosso, tudo já tem lugar onde ser empregado. Eu pago as contas lá na Radio. Vem a bolada.

«Tá prá você.

«Tá o seu

«Tá...

«Tá...

«Tá...

«E fico só com as quireras. De vez em quando aparecem, no fim, dois judeus.

(CONTINUA NO VERSO)

— senhórrr não se esquecerr de mim?

— E dó Jacó, senhórr se lembrárrr?

— «Eh! gente. Agora é jogar no palitinho. Um recebe já e o outro passa na semana que vem...»

Ainda bem que o remedio é esse...

E' TUDO PARA MELHOR...

«Mas vontade de trabalhar não falta. Graças a Deus que não — continua o Barbozinha. — Eu sempre estou disposto a fazer tudo. Agora, graças ao esforço do Paulinho de Carvalho Filho e do Erasmo Alfredo, aí vem, dia 27, a T.V. da Record. Vou dar duro, tambem. E com prazer...»

Assim, o milionario criador de tipos que é Barbozinha, embora enfrente a vida como qualquer um de nós, ainda tem vontade de aumentar o trabalho para alimentar os sonhos da bela mansão idealizada para substituir o apartamento provisorio.

«A coisa não está boa não. Eu sei disso. Todos sabem disso. Se a gente luta prá viver, há os que nem lutar podem. Mas é como diz o professor Pancracio no novo filme de Abilio Pereira de Almeida, no qual vou trabalhar:

«E' tudo para melhor, no melhor dos mundos...»

«Tambem, pior não pode ficar mesmo...»

— Não pode mesmo — ajudou Matilde. Eu, por mim, gostaria que melhorasse. Mas parece que não há jeito. Há, isso sim, muita ganancia. Ganha-se muito e gasta-se mais ainda. Vou sempre á feira e, cada semana a gente encontra as coisas mais caras. O Barbozinha se mata de trabalhar. Ganha bastante, mas com a vida do jeito que está, não sobra nada. Uma fortuna fica nas contas de casa. O que sobrou, por exemplo, do trabalho do «Cangaceiro»?

— Aí é que estão as coisas! — responde Barbozinha com aquele seu jeito todo especial. — Aí é que estão elas. Pode não ter sobrado nada em «grana», mas, cá entre nós sobrou a gloria de haver cooperado para um dos celulóides que marcaram epoca no cinema. Isso é umo gloria e vale mais que o dinheiro... Se vale...»

No final, os homens que interpretam a alma do povo, desde os nossos revoltados irmãos do Norte até os trabalhadores das grandes cidades do Sul, esses artistas que fazem parte do povo, que nele vão buscar o porque de sua arte, levam, dos trabalhos e da arte, uma só lembrança, uma só gloria contribuir para algo que significa progresso. Progresso de uma cidade, de um povo, de uma arte. Fica-lhes, ao homem e ao artista, unicamente a gloria porque o dinheiro... o dinheiro os «tubarões» levam com facilidade...

A HORA-SP
23/09/53
PAG. 14 (CONT.)

A HORA
São Paulo, 30 de outubro de 1959

"Gerarda": fora do ar!

Por portaria baixada a 28 do corrente mês, o diretor da Divisão de Radiodifusão, orgão da Secretaria da Segurança Publica, no uso de suas atribuições e tendo em vista a impropriedade da letra da marcha denominada «Aqui Gerarda», de autoria de Adeniran Barbosa e Ivan Moreno (Joca), proibiu sua difusão pelas estações de radio, de televisão e interior do Estado, sendo, e alto-falantes. Essa proibição vigora não apenas para a Capital como tambem para todo outrossim, extensiva às casas comerciais, que não poderão tocar sua gravação em discos, à guiza de propaganda.

CENSURA

O referido diretor, em portaria datada de 27 do corrente mês, previne ás empresas gravadoras de discos, para os devidos efeitos, a fim de se eximirem de qualquer penalidade, que toda e qualquer letra para ser musicada só poderá ser gravada mediante previa autorização, nos termos do art. 5.o, letra «E», do decreto-lei n. 12.009, de 14 de julho de 1941.

A HORA — Sexta-feira — 13-11-59
PAG 8
1º CADERNO

"CHORA NA RAMPA" NÃO É EXPRESSÃO FEIA: É PINGA "MATA GUARDA"

"GERARDA" OPERADA SERÁ LIBERTADA!

"CHARUTINHO" CONTA A HISTORIA DA PROIBIÇÃO

No entender da censura, a musica de Adoniran «Charutinho» Barbosa, continha malicia —— Povo canta a musica proibida e diz á larga: «Aqui, Gerarda!» —— Compositor e cantor amargurado —— Na «sarsicha» foi que a «bomba» estourou —— «De noite todas as gatas são pardas» nada esconde de imoral —— Bisturi irá funcionar?

A população inteira, apesar das dificuldades, ainda diz: "Aqui, Gerarda". Essa expressão que ganhou, as ruas, surgiu num programa radiofonico, muito usada pelo «Charutinho», Adomiran Barbosa, em sua «Historia das Malocas». Ninguem sabe ao certo o que quer dizer a frase. No entanto, ela atravessou as fronteiras de São Paulo e se espraiou pelo resto do Brasil, aplicando-se nos mais diversos sentidos e acontecimentos diários.

Para adoçar o espirito amargo do paulistano, assoberbado com a correria diária, a falta da carne e o preço do feijão, a greve dos transportes e a proximidade de novos movimentos de agitação, o popular humorista da Rádio e Televisão Record, Adomiran Barbosa, já que a frase havia caido no agrado de todos, compôs a musica «Gerarda».

CENSURADA

Acontece que alguem, na censura, entendeu que a pagina musical popular escondia um pouco de malicia, sendo «apimentada» demais para ser divulgada. Paralelo a isso, determinaram a apreensão dos discos já prontos e enviaram comunicado aos meios difusão para que não irradiassem a musica sob pena de estarem sob as penas legais.

Isso veio transtornar tudo. Mas o povo, que é o juiz supremo, não se esqueceu da letra e canta-a em todos os lugares.

Ficou resolvido, destarte, que a musica somente poderia ser divulgada «em recintos fechados», por ser tendenciosa.

«CHARUTINHO» AMARGURADO

O heroi das "Historias das Malocas", o "Charutinho", com essa portaria expedida mal na letra da musica. Mas debalde. Dessa forma, estou estudando um jeito de levala á "sala de operações".

«CHARUTINHO», em sua «maloca»: Que mal fiz a Deus?»

Contudo, isso viria a transformar a feição da musica perdendo "Gerarda" o seu gosto popular. Ademais muitos milhares de discos já haviam sido prensados e o prejuizo da fabrica, do autor e de quem gravou a pagina musical já sobe a muitos milhares de cruzeiros.

"CHORA NA RAMPA": E' FEIO?

A parte que deverá ser retirada, é a expressão: "chora na rampa, negrão". Mas isso, como diz o "Charutinho", nada tem de feio ou indecente, porque é "marca de cachaça lá do morro do Piolho".

Não adiantaram os argumentos do compositor de "Saudosa Maloca". Quando entrou no detalhe da "sarsicha" foi que a "bomba" estourou: "A musica tem que ser operada mesmo", disse o homem. "De noite todas as gatas são pardas", acabou de transbordar o caldo. Ai ficou determinado que a circulação "interna) de "Gerarda" só poderá ser em recinto fechado: circo, cinema, teatro, "boite" ou "infernin-ho", menos em radio, alto-falantes e televisão. E finaliza o Adoniran:

— "E', desse jeito não vai não. Em tudo acham que estou maliciando"...

(CONTINUA NO VERSO)

A HORA
13/11/59
PAG 8
(cont.)

Como a «Gerarda» não pode ser irradiada, Adoniran ouve-a numa «alta-fidelidade». A' esquerda, «Charutinho» dedilha o violão...

«Chora na rampa», quando não é cachaça do morro do «Piolho», é o peso que a «turma das malocas» carrega

pelo chefe da Divisão de Diversões Publicas, da Secretaria de Segurança, se encontra amargurado. Não se conforma com a medida e já entrou em entendimentos com aquela autoridade para que revogue a sua determinação".

VAI SOFRER "OPERAÇÃO"

Adoniran, falando à reportagem, declarou:

— "Entrando em entendimentos com o sr. Scrosoppi, da DDP, não consegui grande coisa. Parece mesmo que terei que submeter a "Gerarda" a uma intervenção "cirurgica". Mostrei, linha por linha, que nada havia de

ADONIRAN olha, desconsolado, para o «disco proibido»

EXEMPLAR
CR$
3,00

HORA — Sexta-feira — 13-11-59
SÃO PAULO

PAG. 8

"CHORA NA RAMPA" NÃO É EXPRESSÃO FEIA: É PINGA "MATA GUARDA"

"GERARDA"

PAG. 8

OPERADA SERÁ LIBERTADA!

"CHARUTINHO"

CONTA A HISTORIA DA PROIBIÇÃO

No entender da censura, a musica de Adoniran «Charutinho» Barbosa, continha malicia —— Povo canta a musica proibida e diz á larga: «Aqui, Gerarda!» —— Compositor e cantor amargurado —— Na «sarsicha» foi que a «bomba» estourou —— «De noite todas as gatas são pardas» nada esconde de imoral —— Bisturi irá funcionar?

A população inteira, apesar das dificuldades, ainda diz: "Aqui, Gerarda". Essa expressão que ganhou, as ruas, surgiu num programa radiofonico, muito usada pelo «Charutinho», Adoniran Barbosa, em sua «Historia das Malocas». Ninguem sabe ao certo o que quer dizer a frase. No entanto, ela atravessou as fronteiras de São Paulo e se espraiou pelo resto do Brasil, aplicando-se nos mais diversos sentidos e acontecimentos diários.

Para adoçar o espirito amargo do paulistano, assoberbado com a correria diária, a falta da carne e o preço do feijão, a greve dos transportes e a proximidade de novos movimentos de agitação, o popular humorista da Rádio e Televisão Record, Adoniran Barbosa, já que a frase havia caido no agrado de todos, compôs a musica «Gerarda».

CENSURADA

Acontece que alguem, na censura, entendeu que a pagina musical popular escondia um pouco de malicia, sendo «apimentada» demais para ser divulgada. Paralelo a isso, determinaram a apreensão dos discos já prontos e enviaram comunicado aos meios difusão para que não irradiassem a musica sob pena de estarem sob as penas legais.

Isso veio transtornar tudo. Mas o povo, que é o juiz supremo, não se esqueceu da letra e canta-a em todos os lugares.

Ficou resolvido, destarte, que a musica somente poderia ser divulgada «em recintos fechados», por ser tendenciosa.

«CHARUTINHO» AMARGURADO

O heroi das "Historias das Malocas", o "Charutinho", com essa portaria expedida pelo chefe da Divisão de Diversões Publicas, da Secretaria de Segurança, se encontra amargurado. Não se conforma com a medida e já entrou em entendimentos com aquela autoridade para que revogue a sua determinação".

«CHARUTINHO», em sua «maloca»: Que mal fiz a Deus?»

VAI SOFRER "OPERAÇÃO"

Adoniran, falando á reportagem, declarou:

— "Entrando em entendimentos com o sr. Scrosoppi, da DDP, não consegui grande coisa. Parece mesmo que terei que submeter a "Gerarda" a uma intervenção "cirurgica". Mostrei, linha por linha, que nada havia de mal na letra da musica. Mas debalde. Dessa forma, estou estudando um jeito de levala á "sala de operações".

Contudo, isso viria a transformar a feição da musica perdendo "Gerarda" o seu gosto popular. Ademais, muitos milhares de discos já haviam sido prensados e o prejuizo da fabrica, do autor e de quem gravou a pagina musical já sobe a muitos milhares de cruzeiros.

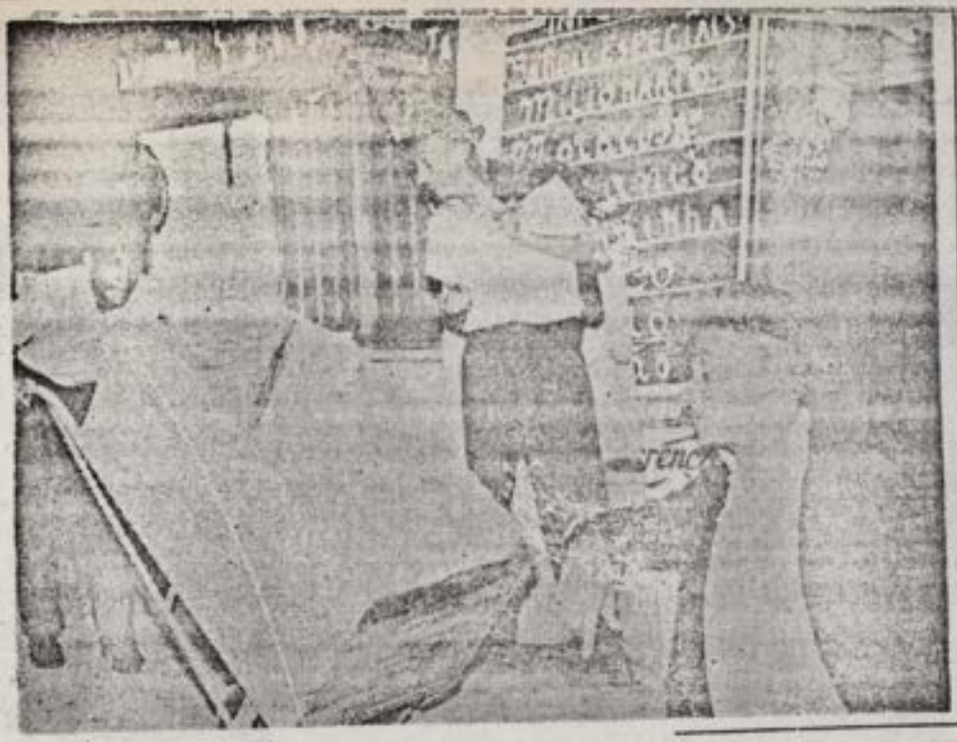
"CHORA NA RAMPA": E' FEIO?

A parte que deverá ser retirada, é a expressão: "chora na rampa, negrão". Mas isso, como diz o "Charutinho", nada tem de feio ou indecente, porque é "marca de cachaça lá do morro do Piolho".

Não adiantaram os argumentos do compositor de "Saudosa Maloca". Quando entrou no detalhe da "sarsicha" foi que a "bomba" estourou: "A musica tem que ser operada mesmo", disse o homem. "De noite todas as gatas são pardas", acabou de transbordar o caldo. Aí ficou determinado que a circulação "interna) de "Gerarda" só poderá ser em recinto fechado: circo, cinema, teatro, "boite" ou "infernínho", menos em radio, altofalantes e televisão. E finaliza o Adoniran:

— "E', desse jeito não vai não. Em tudo acham que estou maliciando"...

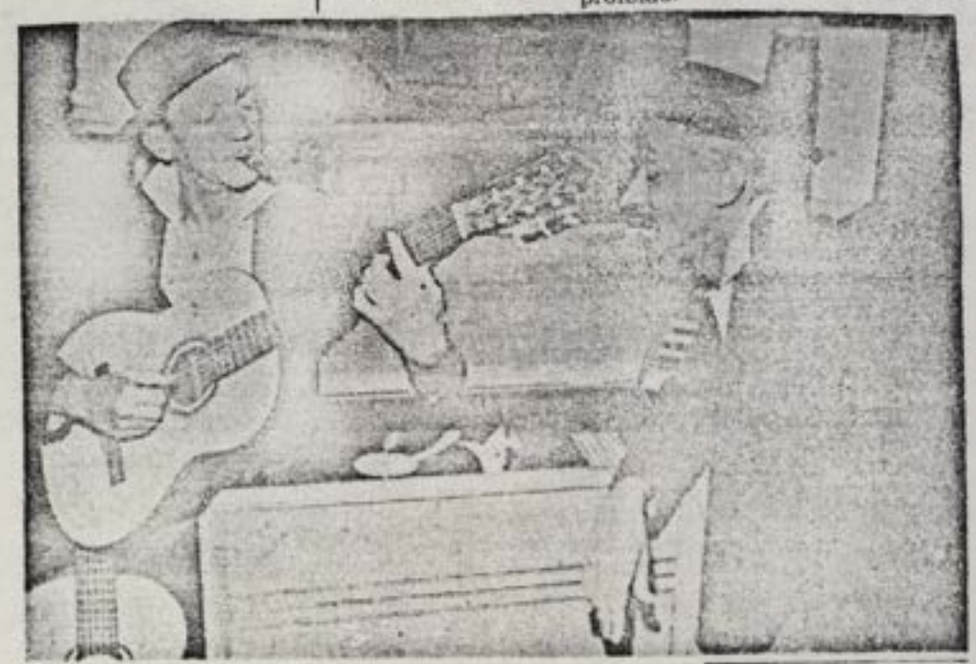
(FOTOS COMENTADAS - NO VERSO)



«Chora na rampa», quando não é cachaça do morro do «Piolho», é o peso que a «turma das malocas» carrega

A HORA-SP
13/11/59
PAG. 8 (CONT.)

ADONIRAN olha, desconsolado, para o «disco proibido»



Como a «Gerarda» não pode ser irradiada, Adoniran ouve-a numa «alta-fidelidade». A' esquerda, «Charutinho» dedilha o violão...

A Hora
São Paulo
23 MAI 1961

"Charutinho" deu "show" na Central

Adoniran Barbosa, artista de radio na vida real, João Rubinato, (50 anos, casado, rua Aurora, 579, apto. 22), que representa a personagem "Charutinho", esteve ontem duas vezes na Central de Policia. A primeira foi aos 30 minutos, quando se desentendeu com o motorista de praça Alejandro Acunha Blanco (av. Pinheiros, 152, Santo Amaro). "Charutinho", tinha contratado uma corrida à Vila Carrão, onde ele e seus colegas Celma Rodrigues de Paula "Tafunchinha"; Venerio Martins, "Venancio das Malocas"; Pulgencio Santiago "Tiburcio" e as irmãs Antonieta e Dora de Paula, "Duo Brasil Morena" [illegible] arte num [illegible] O motorista [illegible] itinerario andou dando volta pela cidade e os artistas acabaram perdendo o [illegible] do veiculo [illegible] rista [illegible] aventura [illegible] "Charutinho" apelou para [illegible] 46 narrando os fatos [illegible] foram encaminhados à Central de Policia [illegible]

A segunda "visita" de Adoniran à policia, foi por volta das 3,30 horas. Depois da primeira diligencia, Adoniran, tomou seu auto 5-49-81 e passou a dar voltas pela cidade e embriagou-se. Quando rumava em direção à rua XV de Novembro com destino à praça da Sé, em contramão foi interceptado pela RP 2, cujo encarregado, perseguiu-o até a rua Santa Teresa e, o conduziu à Central de Policia. O auto do artista, foi guinchado e ele submetido a exame de dosagem alcoolica. Antes do veiculo ser guinchado, ele retirou do seu interior o litro de uisque.

TERCEIRA ETAPA

Adoniran, logo cedo, procurou liberar seu auto na DST. Voltou à sua residencia e ao atingir o cruzamento da av. Santo Amaro com à rua Afonso Brás foi ele envolvido em mais uma ocorrencia policial. O auto [illegible] 0-43-2 dirigido por Oduvaldo [illegible] (rua João Cachoeira [illegible] que aguardava o sinal para fazer a coversão, foi atingido pelo auto do "Charutinho", que provocou danos consideraveis naquele veiculo.

J O R N A L M O V I M E N T O

(1975 e 1976)

Índice

- 1975.....101
- 1976.....102

MOVIMENTO
Nº 4 28 DE JULHO DE 1975 CR$ 5,00

PAG. 23

Adoniran, mulher, patrão e cachaça

Adoniran Barbosa, LP do compositor e cantor. Direção musical de José Briamonte. Assistência de produção de J. C. Botezeli (Pelão), texto e capa de Antônio Candido. Odeon. Cr$ 50,00.

"Quando Deus fêz o homem/ quis fazer um vagolino/que nunca tinha fome./e que tinha no destino/nunca pegar no batente./viver folgadamente./ O homem era feliz enquanto Deus quis./mas depois pegou no Adão/tirou uma costela/e fêz a mulher./ Desde então o homem trabalha pr'ela./- Vai daí o homem reza todo dia uma oração:/ se quiser tirar de mim alguma coisa de bão/que me tire o trabalho;/a mulher não". Essa denúncia de poeta e de boêmio, feita certamente numa alta madrugada de bar, entre homens, está na fala com que Adoniran Barbosa começa o samba "Conselho de mulher", no seu novo disco. No samba, a mulher aparece; por um lado, como aquela que obriga o homem a trabalhar, ele que quer ficar "cortando rama", desfrutando os privilégios do lazer. Na palavra do sambista e gozador dos prazeres da vida, a mulher prende o homem à sociedade, compromete-o com o "progresso" ("eu sempre escuitei falar:/pogréssio vem do trabalho/então amanhecendo nóis vai trabalhar"). Mas essa promessa contém as manhas de uma verdadeira "dialética da malandragem", com a qual ele escapa pela tangente, foge do batente invocando a generosa cumplicidade do homem máximo: "Amanhã vou trabalhar se Deus quiser, mas Deus não quer" (breque).

Além de boêmio, homem casado, músico, humorista, ator de anúncios de cerveja e de telenovelas, artesão de abajours, Adoniram Barbosa é um poderoso poeta popular que não deve ser tomado apenas ao pé da letra. Nesse sentido, a recusa do trabalho é mais profunda e sutil, se pensarmos que não é uma recusa pura e simples, mas a expressão poética popular de uma resistência à ideologia da imposição do trabalho. Em outros sambas do disco o trabalho está lá: no engraxate da praça da Bandeira, no outro que planta grama nos barrancos da avenida 23 de Maio. A personalidade do boêmio é uma invenção poética, um jogo através do qual o homem que trabalha procura dar sentido à vida, entre a ocupação e o prazer.

Em São Paulo, onde Adoniram sempre escutou falar em "progresso", a defesa da malandragem exige uma malícia redobrada, que não lhe falta: no uso do português misturado, nos sambas em forma de bilhete, nas rimas absurdas (*Pafunça* rima com *pronunça*, *bagunça* e com *fonunça*), e no impagável "Samba italiano" (verdadeira serenata interrompida, samba com violino trazendo discursos, chamados patéticos, breques hilariantes citando Michelangelo e Gioconda, tudo em italiano e indicando uma compreensão aguda do que é a mistura cultural brasileira).

Quanto à mulher, o boêmio Adoniran deixa certamente muito a desejar ao feminismo, como se viu. Mas a relação entre homem e mulher é também parte de um jogo sutil entre o trabalho e prazer, que tem várias faces que se trocam, como a de dominadas e dominado, enquanto não se desfaça a punição do trabalho e os dois não voltam ao Éden. Ora a mulher escapará do homem que tenta retê-la ("Malvina"), ou que fica humilhado sob a chuva ("Samba italiano"), ora é vítima de bravatas como esta: "Mulher, patrão e cachaça em qualquer canto se acha". Os sambas de Adoniran estão cheios de ironia e lirismo; neles, só não há lugar para dor-de-cotovelo.

Há um momento da consciência em que o contrário do burguês não é o proletário, mas o boêmio, disse o poeta também paulistano Oswald de Andrade, em 1933. É claro que esse terceiro termo é ilusório, não descreve as relações reais de exploração que se dão na sociedade. Mas a auto-ironia do poeta Adoniran, fruto da invenção popular, está também desnudando esse fato: que a poesia é uma brincadeira, e que a brincadeira é muito séria. (**José Miguel Wisnik**)

Adoniran Barbosa

"Envelhecer é uma arte"

Adoniran Barbosa inventou samba em São Paulo, quando os cariocas diziam que o samba paulista era o "samba italiano". Adoniran não se deu por achado, e além de samba com letra em italiano, fez samba em todas as gamas dos linguajares do povo em São Paulo, fez o "Samba do Arnesto", fez a "Saudosa maloca", e o "Trem das Onze". Assim como Ismael, usa as suas rimas consciente do que quer, Adoniran também diz que erra para acertar, e que sua poesia fala pela voz do antigo Brás, da Casa Verde e da Barra Funda.

● Eu agora estou descansando um pouco. Andei fazendo novela na Tupi e agora estou parado, porque novela, eu vou te contar, é muito bom de fazer, promove a gente, mas também é mão-de-obra. Já não sou mais um guri e eu tô cansado. Oito meses e...é fogo, novela é fogo! Só estou com sambas. Tô por aí, filho, me virando e é isso aí.

● Eu fiz de tudo na minha vida. Todas as profissões que você imaginar eu fiz. Menos ladrão, só não roubei. Fui encanador, pintor, carregador de marmita, metalúrgico, marceneiro, uma porção de profissões, sabe. Mas o que gostei mais foi a de ator. E com todas elas sempre aprendi alguma coisa, por exemplo: eu faço bicicletinhas de cobre, abajur, etc., e aprendi quando era metalúrgico. Então, agora aos domingos, meu trabalho é esse. Depois, "nóis num tem artimóvi" e esse é o meu passatempo aos domingos. Enquanto a Matilde faz o almoço, eu transo minhas bicicletinhas. Agora, de vez em quando eu faço sambas na rua andando, como esse que você viu agora, o "Envelhecer é Uma Arte", vou gravar na Odeon, se Deus quiser; vou gravar com o regional do Briamonte, coro e tudo. É um samba de velho e na minha voz vai ficar ótimo.

● Bom, eu começei a fazer música em 1933, mas eu não gostava delas e quase sempre eu as jogava fora, eram muito fracas as letras, viu. Em 1935, fiz uma marcha para o carnaval, a *Dona Boa* e ela ganhou o primeiro prêmio em São Paulo. Aí me entusiasmei um pouquinho e começei a compor. Mas não conseguia gravar não. Aquela época era difícil gravar em São Paulo, era só Rio, só valia Rio de Janeiro e mais ninguém. Não adiantava se fazer coisa boa que lá paulista não tinha vez. Era o que eles chamavam de samba italiano, o samba quadrado. E eles cometiam uma tremenda besteira porque o samba é igualzinho lá como na Bahia como no Espírito Santo, Porto Alegre, o samba é brasileiro e não tem dessas coisas. E você pode ver que os músicos do Rio estão vivendo em São Paulo, porque lá já era e o tutu está aqui e os caras vem bater tamborim, bater surdo aqui, quer dizer, lá e aqui se ouve samba do Brasil que o povo gosta, não é?

Meu samba só é diferente pelos temas que eu pego, unicamente por isso. É que o meu estilo é difícil fazer... não é que é difícil, os caras tem vergonha de fazer letras assim como eu faço, acho que é vergonha, não sei.

● Olha, não sei porque motivo eles não aceitam o "nóis vai", "nóis qué". Eles pensam que eu não sei falar nós vamos..., são uns coitados! Eu também falo nós vamos, seu eu quiser. Mas eu falo nóis vai como fala o povo. E a maioria diz nóis fumus, peguemus. E ninguém pode ir contra isso, porque esse é o linguajar do nosso povo e sem isso a arte popular perderá a graça. Desaparecerá nosso folclore.

Todas as comédias populares são escritas de acordo com a fala do povo. Depois, eu não sou professor, eu falo errado e pronto. O povo aceita. Você vê que nas malocas o pessoal gosta, porque meu samba fala igualzinho a eles: "peguemus", etc.

Agora, eu erro quando quero errar. O trem das Onze, não tem nenhum erro, o Samba do Arnesto está errado de propósito, eu sei que é Ernesto...Fizeram uma onda com esse samba, mas não deu em nada. É um samba engraçado, foi feito em 1950. E existem outros que eu fiz sem erros de português.

● Meu negócio é fazer letras como fala o povo. É que a maioria fala assim. Se você observar bem o pessoal fala errado. Até estudante fala errado. É difícil falar certinho, tudo quadradinho, fica muito pernóstico. E arte popular é fazer coisas bem feitinhas que o povo gosta, sem coisas complicadas. Não sei fazer coisa melhor. O *Bom Dia Tristeza* que a letra não é minha, é muito bonita. Mas o Vinicius não seria capaz de botar uma música como a que eu fiz.

● Eu sempre procuro pegar um tema que ninguém pegou. Por exemplo, o *Samba do Velho*, quem ia pensar em fazer o samba do velho? Na rua, hoje em dia não sei porque eles falam: "sai ô véiu". E tem cara velho que fica magoado, fica triste. Então eu vejo o cara que fica bravo e diz: "que véiu o que! É a mãe dele". Daí eu observei e fiz o samba. Quer dizer, são músicas que pegam o dia a dia das pessoas. *Maloca*, por exemplo, não morre nunca, creio eu. Porque todo dia cai uma casa, não é? Se você vai numa boate, num inferninho, etc., eles sempre cantam *Maloca*, *Trem das Onze*, *Iracema*, etc. São temas que se passaram com alguém. É que meu samba está sempre dentro da jogada, eu nunca fico no passado, meus temas são atuais. Quer dizer, são temas populares.

● Veio uns novos por aí, mas eles não ficam não. Ficaram os bons. Os ruins foram embora. Tem uns caras que vieram e tchau, se picaram. É que nem balão sem breu, por mais que se ajude, não sobe. E é sempre assim, na música e em tudo, não? Tem os que eu gosto. O Carlinhos Vergueiro, ele é jovem, faz música moderna, tem o Eduardo Gudim que também é jovem e faz samba como gosto, certinhos. São sambas populares, mas só que com o português certo. Bem que ele quer errar, mas não consegue, é difícil errar, sabia? Aí é que tá, errar também é uma arte. Tem que se errar normalmente, não se pode forçar porque deixa de ser erro. Você vê, fizeram aquele samba: Depois que o *Trem Matou Ela Morreu*, isso é um exagero! E tem outros de arte popular que eu gosto, como o Geraldão Filme, que faz sambões de boa qualidade, tem o Plínio Marcos que faz bons trabalhos de arte popular. O Plínio é um cara bom demais, ele vive me chamando de elefante, "você não sabe a força que tem..."

● Na verdade, eu gosto de tudo que é música boa. Tem as modas de viola do Tunico e Tinoco, do Carreirinho, etc. São músicas populares do sertão, apesar de ter umas que é fogo na roupa... e ficam falando da mãe que é paralítica, ou da mãe que morreu queimada, outras coisas. São músicas "fuertes" que eu gosto.

● Teatro não. Eu não quero público. Eu trabalhei como ator de rádio novela e recentemente em televisão. A bem dizer, sou jovem em televisão. Agora, teatro, não é que eu não goste, mas o público me dá um pouco de medo, é muito difícil..., vai que eu esqueço o texto? Na Tupi estão querendo que eu faça, mas nem morto, viu? Eu queria fazer é cinema de novo. Já fiz seis filmes, dois no Rio e quatro aqui. Talvez saia um com o Massaini, uma estória para eu interpretar. Como eu estava dizendo, teatro é broca, o cara precisa ser muito ator. Mas se me provocarem muito eu até posso querer fazer, eu sou chato!

Bom, obrigado **Movimento** e até qualquer hora, que já estou cansado viu. **(depoimento a Antonio Carlos).**

JORNAL MOVIMENTO Nº 34
23 de fevereiro de 1976

C I T Y N E W S

(1968 a 1985)

Índice

- 1968.....105
- 1976.....106
- 1984.....107
- 1985.....108

LIBA FRYDMAN

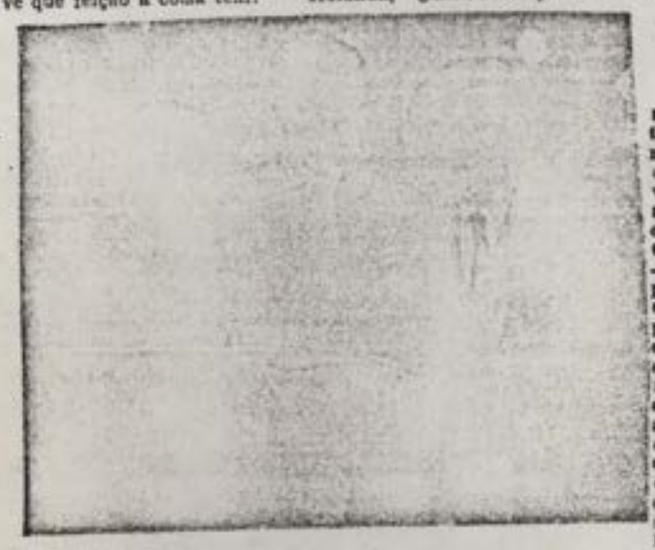
AINDA A BIENAL DO SAMBA

Antes de qualquer outro comentario, é preciso estabelecer, de uma vez por todas, o criterio para dar o proprio nome a uma composição musical. Isto de aproveitar o folclore e transformar-se em monstro sagrado da musica patria, me parece coisa comoda e facil. E' o mesmo que se adaptar grandes romances da literatura mundial, dando-lhes roupagens modernas e nomes brasileiros, tacando no frontespicio o nome de quem é só adaptador e jamais o autor de coisa nenhuma. Sabendo-se que muitos autores usam livrinhos de folclore — desconhecidos da maioria, mas faceis de se obter lá pelos lados da Bahia principalmente já se vê que feição a coisa tem.

Vai daí, volto a dizer, não fosse a bela interpretação de Elis Regina, e «Lapinha» não teria obtido a primeira classificação para Baden Powel e seu parceiro, Paulo Cesar Pinheiro. Quer dizer que além de baseado em folclore, ainda tem parceiro, a exemplo de «Berimbau», com Vinicius de Moraes, que é praticamente a base da musica feita na Bahia.

«Canto Chorado», de Billy Blanco, obteve um mero quarto lugar, ninguém sabe explicar por quê. Tinha o nitido balanço do samba, uma belissima letra, na musica o autentico samba carioca de todos os tempos, além da senhora interpretação de Jair Rodrigues. Chico Buarque de Holanda, ganhou no peito e na raça — porque é aquele artista queridissimo por todos — com um maxixe. Se fosse de samba, vá lá. Um homem que escreve uma letra como a «Roda Viva» sempre merecerá um premio. Não custava nada enquadrar a coisa melhor. «Pressentimentos», do Elton Medeiros e Herminio Bello de Carvalho, também merecia classificação, ainda mais na interpretação de Marilia Medalha. Mas não era o que de melhor houve na Bienal.

Enfim, já dizia o velho Shakespeare, alguns seculos antes de nós: «Há mais misterios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia...» Vai ver que na Bienal houve um destes!



"Três amigos sempre juntos" — é o que parece dizer Mario Sena e Bilota Jr. e a Adontram Barbosa. Eles estão tão magrinhos porque a foto é do tempo em que todos eles ainda tinham toda a vasta cabeleira e eram a coqueluche dos brotos daquela epoca.

TINTIM POR TINTIM

José Celso Martinez Correia, um dos bambas do teatro nacional, responsavel por muita coisa, inclusive pelo «Roda Viva», que ainda não vi, vai fazer televisão. Vai dirigir o grupo da Tropicalia, do Caetano Veloso e Gilberto, Gil numa serie de «Specials» — o que quer dizer uma vez por mês, na TV-Globo. Zé Celso volta de uma excursão pela Europa, onde esteve com o Grupo Oficina, apresentando «O Rei da Vela», exatamente o marco inicial da onda tropicalista que envolveu a citada turma, Caetano, Gil e Capinam elaboram o roteiro do programa, que terá produção de Roberto Palmari e direção geral de Geralde Casé. Eu, que sou fã do trabalho de Zé Celso, espero que ele compreenda seu novo veiculo de trabalho — a TV — como aquele que difunde a mensagem com maior rapidez para um grande publico que não é limitado as quatro paredes de um teatro. Publico esse que não tem nem de longe a idade mental apregoada por tantos entendidos de meia tigela. Se tivesse mesmo não estariam tantos cinquenta por cento de aparelhos, completamente desligados. Diz a divulgação que o tema do primeiro «special» será a revisão do tropicalismo, devendo se esclarecer de uma vez por todas a que veio, para onde vai, o como e o por quê do movimento. Que até agora teve muita banana, camisetas, cafonismo e Chacrinha. O segundo e o terceiro temas já mudarão de orientação, mesmo porque no primeiro tenho certeza que a Tropicalia estará totalmente esgotada. Serão «O Poder Jovem» — aqueles mesmo que no mundo inteiro procuram mudar sua feição — e a Bahia, terra de origem do grupo, que merece a maior e melhor divulgação, coisa que até agora ainda não foi feita, apesar de alguns arranhões explorando o desusado, ou seja o folclore de lá.

Juca de Oliveira é o grande interprete de «A Cozinha», peça que Antunes Filho, outro de TV que deve voltar em breve, dirigiu no Teatro da Aliança Francesa. Quem também está muito bem é Ewerton de Castro, o inefavel Marquês de Rabicó do Sitio do Picapau Amarelo, na TV-Bandeirantes. Tem mais: Irene Ravache, Dante Ruy, o veteranissimo Augusto Barone em participação especial, Ruy Rezende e a assistencia de Stenio Garcia.

O jornalista Meracy do Val — ainda distribuindo charutos pelo nascimento de Renata — é um dos coordenadores do Festival Nacional da Musica Popular Brasileira, que a TV-Excelsior vai realizar, procurando recuperar o terreno que perdeu só porque quis, pois foi sua a realização dos dois primeiros festivais do genero, inclusive aquele que serviu para o grande lançamento de Elis Regina. Na equipe figuram David Grinberg, de volta ao 9 depois de um periodo na TV-Globo, Pericles do Amaral e Marbe Raimondini. As inscrições devem ser feitas rapidamente, porque o prazo se esgota no dia 15, havendo a primeira eliminatoria no dia 30.

Sergio Mendes, no Brasil, usando toda aquela tecnica que aprendeu nos Estados Unidos, onde o artista ganha dinheiro com poucas e escolhidas apresentações. Vai daí, suas apresentações vão ser raras, não se sabendo se virá ou não até a São Paulo também.

Por falar em atração internacional, a movimentação dos empresarios tem sido grande, mas também para uma ou no maximo duas apresentações. O que vai acontecer também com Catarina Valente, trazida ao Brasil pelo empresario Marcos Lazaro.

Quem está fazendo um sucesso barbaro nos Estados Unidos, onde já fez até um recital no Carnegie Hall foi Eunice Catunda, uma artista com A maiusculo e que por aqui, apesar de toda a sua luta, pouquissima vez teve. Agora, quem sabe se na sua volta, lhe dão uma oportunidade melhor...

Hebe Camargo completou dois anos de programa, sempre com a equipe A — formada por A.A.A. Carvalho, Raul Duarte, Manoel Carlos e Newton Travesso — responsavel por sua organização. Hebe tem falado em ferias, quer fazer uma longa viagem de descanso, mas ainda não disse quando isso irá acontecer.

CITY NEW'S

São Paulo, 09 de junho de 1968

PÁGINA 53

CITY NEWS
Cidade em Notícias

SP, 11/1/1976

Adoniran Barbosa (foto) é o homenageado especial do programa A Grande Parada, que a Rede Tupi estará apresentando hoje à noite (20 horas), logo após o Hallelluja. Para cantar as composições do mais conhecido dos sambistas paulistas, seu melhor intérprete: o conjunto Os Demônios da Garoa. O programa é apresentado por Fausto Rocha Júnior, Glauce Graieb e Marisa Urban, e estreou na semana passada.

Shopping News - City News - Jornal da Semana
SÃO PAULO, 02 de DEZEMBRO DE 1984

Na inauguração do Museu Adoniran Barbosa, Caio Pompeu de Toledo e a viúva do compositor.

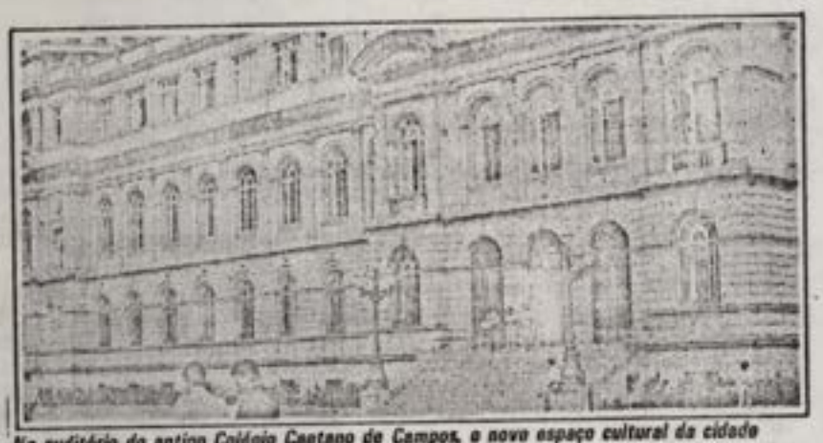
***

Bem no centro da cidade, mais precisamente no interior do cofre antigamente pertencente ao Banco Cidade de São Paulo - hoje Espaço Turístico da Secretaria de Esportes e Turismo -, foi inaugurado na semana passada o Museu Adoniran Barbosa. Entre os objetos de uso pessoal ali expostos, merecem atenção especial o chapéu, cachecol, gravatinha-borboleta e paletó xadrez que eram sua marca registrada. E algumas obras que o público paulista desconhecia: trenzinhos que correm nos trilhos, impulsionados por um motor de máquina de costura, e outros brinquedos que ele costumava fabricar nas horas vagas. Os admiradores de suas músicas poderão ver os manuscritos de composições originais, partituras e canetas esferográficas que ele usou, além das agendas com endereços dos amigos. Na cerimônia de abertura, na qual esteve presente o secretário Caio Pompeu de Toledo, o conjunto Talismã executou algumas das músicas que mais celebrizaram Adoniran.

***

São Paulo, 21 de abril de 1985

Um programa para ajudar a passar a hora do rush



No auditório do antigo Colégio Caetano de Campos, o novo espaço cultural da cidade

Um show em homenagem a Adoniram Barbosa, considerado o mais paulistano dos compositores brasileiros, marca a inauguração, amanhã, do teatro Caetano de Campos, o mais novo espaço cultural da cidade.

Germano Mathias: show de samba abre o Projeto Adoniram.

O Brás, a Maloca, o Trem das Onze, a Iracema de Adoniram Barbosa, compositor que, segundo os críticos, mais perto chegou da alma paulistana, estarão amanhã, às 18h30, na Praça da República, pela voz de Jessé, Eduardo Gudin, Carlinhos Vergueiro, Belchior, Paulino Nogueira, Toquinho e Dominguinhos. Ao mesmo tempo que abre o Projeto Adoniram, uma tentativa da Secretaria de Estado da Cultura de reprisar aqui o sucesso do Projeto 6 e meia, que acontece há quase três anos na sala da Funarte, no Rio de Janeiro, o show inaugura um novo espaço cultural na cidade: o teatro Caetano de Campos, no auditório da antiga Escola Normal de São Paulo, berço do ex-Colégio Caetano de Campos e da Universidade de São Paulo.

Desativado há mais de 20 anos, só há três meses o auditório com 246 lugares no balcão e 376 na platéia foi cedido pela Secretaria de Estado da Educação, que desde o início das obras do Metrô na Praça da República ocupa as instalações do prédio, para a Secretaria de Estado da Cultura. O objetivo era criar ali mais um teatro - meta alcançada ao custo da aplicação de Cr$ 60 milhões na reforma que aumentou o palco, preparou a boca-de-cena e construiu mais três bancadas de camarins. Sua destinação: transformar-se em um espaço cativo das manifestações culturais populares, com programação diária.

A multidão que diariamente atravessa a Praça da República, sobretudo no fim da tarde, quando retorna às suas casas via metrô, é o público-alvo do Projeto Adoniram, criado pelo Departamento de Artes e Ciências Humanas da Secretaria de Estado da Cultura especialmente para o novo teatro. Sem duração definida - "enquanto tiver platéia, permanece", segundo Silvio Mazzalai Machado, um de seus organizadores -, pretende dar chance a músicos consagrados "que, no entanto, quase não aparecem", como diz Silvio, ao mesmo tempo que procura "quebrar a rotina do paulistano que só trabalha e vai para casa".

VIANNINHA NO PALCO

Durante quatro dias - de terça a sexta-feira - um cantor se apresentará, sempre às 18h30, com um show de uma hora de duração. A série começa depois de amanhã com o sambista Germano Mathias, prossegue com João do Vale (30 de abril a 3 de maio) e já estão programados também shows com Nélson Cavaquinho (7 a 10 de maio) e Zimbo Trio (14 a 17 próximos), com ingressos a Cr$ 5 mil. Às 21 horas, a partir de 3 de maio, o palco do novo teatro será tomado pelo grupo de atores que, dirigidos por Zeno Wilde, com cenografia de Cecília Cerrote, apresentarão um texto inédito de Oduvaldo Vianna Filho, Amafeu, uma comédia musical. "Outras obras de Vianninha serão vistas no Caetano de Campos", promete Silvio Machado. "Ele foi o dramaturgo brasileiro escolhido para inaugurar as apresentações de teatro."

Inédita, também, é a proposta do Projeto Nagib Elmer - outro dos projetos criados para o teatro Caetano de Campos -, de encenar Vianninha para crianças. Ainda sem data de estréia, as peças infantis escritas por Oduvaldo Viana Filho já têm, porém, espaço garantido no cronograma de atividades do novo teatro: terças e quintas-feiras, às 9h30; quartas e sextas, às 14h30. As sessões serão gratuitas, abertas aos alunos da rede estadual de ensino.

S H O P P I N G N E W S

(1952 a 1973)

Índice

- 1952.....111
- 1953.....113
- 1954.....118
- 1955.....119
- 1973.....120

na, Teatro, Radio e outras Artes...

A Marcha do Cinema Nacional

"O CANGACEIRO" um êxito sem precedentes

Aspectos romanticos e heroicos de uma historia de banditismo no agreste nordestino — Filme de classe internacional com assunto regional — Lima Barreto promete surpreender o publico com o mais grandioso espetaculo do cinema nacional de todos os tempos.

A Vera Cruz anuncia para janeiro proximo o lançamentoi, tão ansiosamente esperado, do filme de Lima Barreto "O Cangaceiro", uma pelicula destinada a obter a mais ampla repercussão no mundo cultural e junto às grandes platéias. "O Cangaceiro" reune uma equipe tecnica de primeira ordem e seu elenco é encabeçado por Alberto Ruschel, uma das maiores revelações de galã do cinema nacional e por Marisa Prado, premiada pelo seu trabalho em "Terra é sempre Terra" como melhor atriz de 1951.

Alberto Ruschel tem em "O Cangaceiro" oportunidade de confirmar o conceito de um dos mais brilhantes interpretes de nosso cinema.

Secundam esses dois protagonistas do filme que Lima Barreto criou nos campos de Vargem Grande do Sul, Milton Ribeiro, outra revelação excepcional de grande ator; Vanja Orico, uma brasileira que já filmou na Italia, com Lattuada, mas que tem a sua oportunidade maxima em "O Cangaceiro"; Ricardo Campos, um ator que se impôs desempenhando algumas das melhores pontas do nosso cinema e que agora interpreta um papel de intensa dramaticidade; Neusa Veras, Adoniram Barbosa, o cantor popular, e Zé do Norte, que canta algumas canções destinadas a ficar inesquecíveis: "Lua Benita" e "Meu pinhão". Vanja Orico, cantora que já se impôs em diversos recitais no Brasil e no exterior, tambem vai se fazer ouvir no filme destacando-se sua interpretação da cantiga de Zé do Norte, "Sodade, meu bem, sodade".

A HISTORIA DE "O CANGACEIRO"

"O Cangaceiro" é uma realização de Lima Barreto, o filme com que sempre sonhou. O laureado diretor de curtas metragens premiado em Punta Del Este e Cannes (Painel e Santuario) fez rodar seu filme nos campos de Vargem Grande do Sul, no interior de São Paulo. Em sua quase totalidade, a fita foi feita em exteriores, naquele municipio. O clima e a topografia em Vargem Grande do Sul oferecem condições e paisagem igual às exigidas pela historia, que, embora retratando a vida do cangaço, nem por isso se passa, pelo menos em sua totalidade, na caatinga nordestina. Por isso mesmo Lima Barreto locou seu grande filme em Vargem Grande. Filme de aventura, de ação e violencia, "O Cangaceiro" é uma soma de ficção aplicada à realidade do nordeste, uma especie de grande mural da vida sertaneja dos famosos bandos de salteadores que em tempos passados assolaram certas regiões do Brasil. Como já temos afirmado, não se trata da vida de Lampeão e seu famoso bando, mas de uma historia de cangaceiros que, naturalmente, tem pontos de aproximação e identidade com o grupo do celebre jagunço por decorrencia do tema elegido para a historia: Teodoro (Alberto Ruschel) condena os atos de vandalismo de Galdino, chefe dos cangaceiros (Milton Ribeiro) e resolve libertar Olivia (Marisa Prado), uma professora raptada pelo sanguinario bandoleiro num dos seus assaltos a um vilarejo. A encarniçada perseguição de mais de meia centena de cangaceiros que sai no encalço de Teodoro e Olivia, varejando a caatinga, matos, rios e pantanais, a luta heroica travada pelo bravo Teodoro e o combate final do bando com as forças policiais, eis o que serviu como tema para Lima Barreto criar um dos mais serios filmes já rodados por qualquer produtora sul-americana.

COMO FOI FILMADO "O CANGACEIRO"

As condições em que "O Cangaceiro" foi filmado nos campos de Vargem Grande do Sul são ineditas na historia das locações de filmes nacionais. Lima Barreto e sua equipe tecnica e artistica demorou-se varios meses naquela localidade do interior paulista, num grande acampamento. Ali foram tomadas as cenas mais impressionantes do filme, como o assalto armando a uma vila e de cuja filmagem participou uma população inteira, afora cerca de 80 "cangaceiros" armados até os dentes. Foi necessario transportar para Vargem Grande algumas toneladas de material, cozinha de campanha, grandes barracas, bem como dezenas de cavalos, uma onça de grande porte e numerosos elementos necessarios para filmar uma pelicula como "O Cangaceiro".

A EQUIPE TECNICA

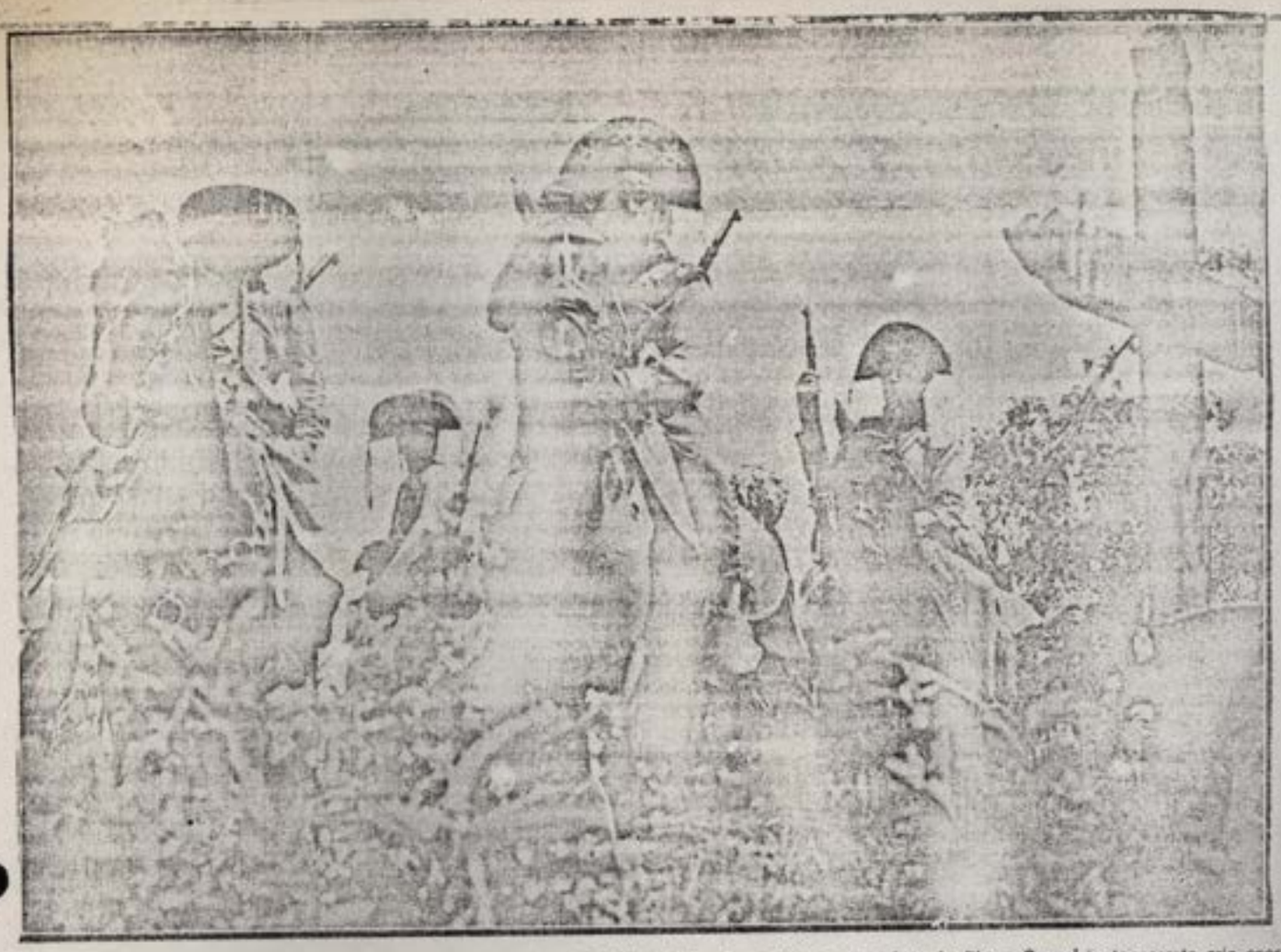
A historia de "O Cangaceiro" foi escrita por Lima Barreto e os dialogos são assinados por Rachel de Queiroz. Lima Barreto dirigiu a seguinte equipe tecnica, tendo como assistente Galileu Garcia: Chik Fowle, famoso operador inglês, que teve a responsabilidade da fotografia; Ronald Taylor, que funcionou como operador; Osvaldo Kemeni, Marcelo Primavera e Heitor Sabino, assistentes. A decoração de ambientes, criação dos figurinos e desenhos de produção foram feitos por Carybé, um artista a quem o Brasil deve algumas das mais valiosas pesquisas e estilizações documentarias de assuntos populares e folcloricos. Pierino Massenzi foi o responsavel pela cenografia e construção, assistido por José Naboru' Honda.

Cid Leite da Silva, que foi o gerente de produção de "Terra é sempre Terra", teve a seu cargo a produção de "O Cangaceiro". Rigoberto Plothow e Walter Thomaz, foram seus assistentes. Há ainda a destacar os nomes de Bernadete Ruch, como "script girl"; Geter F. Costa, fotografo de cena; Jacy Oliveira, como encarregada do guarda-roupa; Victor Merinov, maquiador; Horacio Camargo, do departamento de eletricidade e Angelo Dreoss, encarregado da maquinaria. A orquestração de canções populares, bem como a musica do filme, foi feita por Gabriel Migliori.

A montagem de "O Cangaceiro" está sendo realizada por Lima Barreto e assistentes José Baldaccani e Lucio Braun. Osvald Hafenrichter, conhecido universalmente pelos seus trabalhos em diversos filmes de repercussão internacional, fará a edição de "O Cangaceiro".

Erik Rasmussen, outro nome de projeção mundial e Ernest Hack são os engenheiros responsaveis pelo som. Boris Silitschanu teve a seu cargo a gravação, J. Ruch Filho desempenhou as funções de operador e Waldir Simões a de microfonista.

(FOTOS COMENTADAS NO VERSO)



A fotografia de "O Cangaceiro", de responsabilidade de Chick Fowle, é um dos pontos altos do filme. O ambiente agreste cria oportunidades extraordinarias para composições de um impressionismo vigoroso, como na tomada que reproduzimos: o bando de cangaceiros (Vanja Orico, Milton Ribeiro e Alberto Ruschel à frente), rompe capoeiras rolas do nordeste. A cruz — uma constante nos caminhos do sertão — é um marco de morte e uma advertencia.

Alguns numeros de musica serão ouvidos em "O Cangaceiro", interpretados por Vanja Orico e por Zé do Norte, conhecido criador de diversos sucessos de musica tipica da região nordestina. As canções do filme são todas de sua autoria. O cliché reproduz cena noturna de "O Cangaceiro" — Zé do Norte executa na sua sanfona, ao acompanhamento do ganzá, uma de suas composições.

"SHOPPING NEWS" DE SÃO PAULO
28/12/52. PAG. 4 (CONT.)

ALBERTO RUSCHEL e ILKA SOARES

formam o par romantico de

"Esquina da Ilusão"

UM POUCO DA HISTORIA DE DUAS CARREIRAS BREVES, MAS BRILHANTES: ALBERTO RUSCHEL, CANTOR DE RADIO, QUERIA SER TECNICO MAS E' FINALMENTE UM DOS MAIS POPULARES GALÃS DO CINEMA BRASILEIRO — ILKA SOARES GANHA CONCURSOS DE BELEZA, FAZ-SE ESTRELA E CONQUISTA O PUBLICO. ESPOSA DE ANSELMO DUARTE, TAMBEM SABE SER BOA DONA DE CASA.

O CINEMA GANHA UM GALÃ

Nestes ultimos dois anos o nome de Alberto Ruschel se tornou um dos mais conhecidos do cinema nacional. Sua interpretação em "Angela", ao lado de Eliane Lage, sob direção de Tom Payne e Abilio P. de Almeida, tornou-o conhecido dos fãs e admirado pela critica, que desde então não perde Alberto de vista, pois sua interpretação sobria, como a de um verdadeiro ator de classe, o impôs aos olhos dos conhecedores de cinema, captando-lhe ainda a admiração do grande publico.

Antes de "Angela", Alberto Ruschel já desempenhara alguns papeis mais ou menos destacados em "O mundo se diverte" e "O mundo é um pandeiro". E tivera, igualmente, um convite dos estudios San Miguel, da Argentina, que não aceitou porque nessa epoca seus planos eram outros. Alberto foi também o organizador do conjunto "Quitandinhas Serenaders", juntamente com Luiz Teles. Nessa epoca entregou-se inteiramente à sua vocação de cantor, não pensando em transformar-se em ator dramatico e, talvez, até desconhecendo a força de interprete cinematografico que dormia dentro de si.

Alberto sempre foi um apaixonado da tecnica cinematografica, mesmo em seus tempos de cantor. Desde a primeira vez que entrou num estudio de cinema o que o impressionou, antes do trabalho artistico, foi o trabalho tecnico.

Mais tarde, em seus primeiros contactos com a Vera Cruz, desejava ficar atrás da camara, trabalhando na equipe. Tanto assim que foi assistente de som de "Terra é sempre Terra". Também gravou uma canção para esse filme. Seus fãs talvez se lembrem da canção "Eu gosto daqui, como saudades de lá", gravada por Alberto.

A solicitação dos diretores, que percebiam em Alberto um galã diferente, fôrçaram-no a aparecer diante da camara e os fãs e a critica fizeram o resto. Raramente um artista com apenas um filme conquistou tão grande publico e tantas referencias elogiosas da critica de todo o país, como aconteceu com Alberto Ruschel em "Angela". Esse foi realmente o filme que o conquistou para o cinema. E se ainda hoje Alberto pensa em vir, mais tarde, a ser um diretor, no momento entrega-se inteiramente aos papeis que interpreta, dando-lhes aquele vigor que tanto tem impressionado a todos que o vêm no cinema.

Após "Angela", Alberto Ruschel foi convidado por Fernando de Barros para interpretar o pintor Luiz Marcos em "Appassionata", pelicula em que apareceu ao lado de Tonia Carrero e Anselmo Duarte. O papel de Alberto, como todos que ele tem vivido na tela, era bastante complexo, mas, como ator estudioso e de grande talento, ele venceu as dificuldades da linha psicologica da personagem, apresentando uma interpretação absolutamente correta e cheia desse calor que sabe transmitir ao personagem que interpreta e que é a qualidade que realmente caracteriza um grande ator.

Luiza esconde-se no vestiario do sala do presidente da grande industria, que ela supõe ser seu tio. Vai dar-lhe uma surpresa, porém é ela que será surpreendida. Na foto a li. da estrela do cinema brasileiro Ilka Soares, numa cena do "Esquina da Ilusão", proximo lançamento da Vera Cruz num rende circuito de São Paulo, distribuido pela Columbia. O filme foi dirigido por Ruggero Jacobi.

A criação cinematografica de "Luiz Marcos" conquistou para Alberto o premio "Saci" de "O estado de São Paulo", pela melhor interpretação masculina de 1952, o que constituiu, sem duvida, uma grande vitoria, porque o juri que confere o "Saci" é um dos mais selecionados e exigentes do país.

Apenas saido da filmagem de "Appassionata", onde vivia um pintor do "grand monde", Alberto desfez-se da psicologia de Luiz Marcos e transformou-se no "congaceiro" Teodoro. Então, não só dentro do "set", ele levava a vida primitiva do homem do congaço, mas durante oito meses viveu afastado da civilização, junto à barranca de um rio, dormindo em barracas, com a barba e cabelo crescidos, separado do mundo e de todo o conforto. Somente um temperamento como o de Alberto encararia com bom humor essas condições de trabalho. Porque, como artista que se entrega inteiramente ao personagem, Alberto era Teodoro e a vida deste, no seu primitivismo, parecia ao ator que fosse a sua propria.

Alberto tem em "O Congaceiro" uma interpretação segura e sobria, como é o seu estilo de representar.

Depois do drama intenso que vive em "O Congaceiro", Alberto não hesitou em aceitar o convite de Ruggero Jacobbi para ser o galã da comedia **"Esquina da Ilusão"**, onde faz o papel de um chofer que se torna o fulcro da hitoria, desde o momento em que empresta o Cadillac do patrão a um amigo que quer passar por milionario. E' na condição de falso granfino que conhece uma linda talana (Ilka Soares) e o romance se desenvolve à base dos enganos criados pelas mentiras iniciais, até um ponto em que ninguem mais se entende e a bomba ameaça estourar.

Os inumeros fãs que Alberto conquistou como o jogador Dinarte em "Angela", como o pintor Luiz Marcos em "Appassionata" e como Teodoro em "O Congaceiro" terão [illegible] na comedia, vivendo o chofer "Esquina da Ilusão".

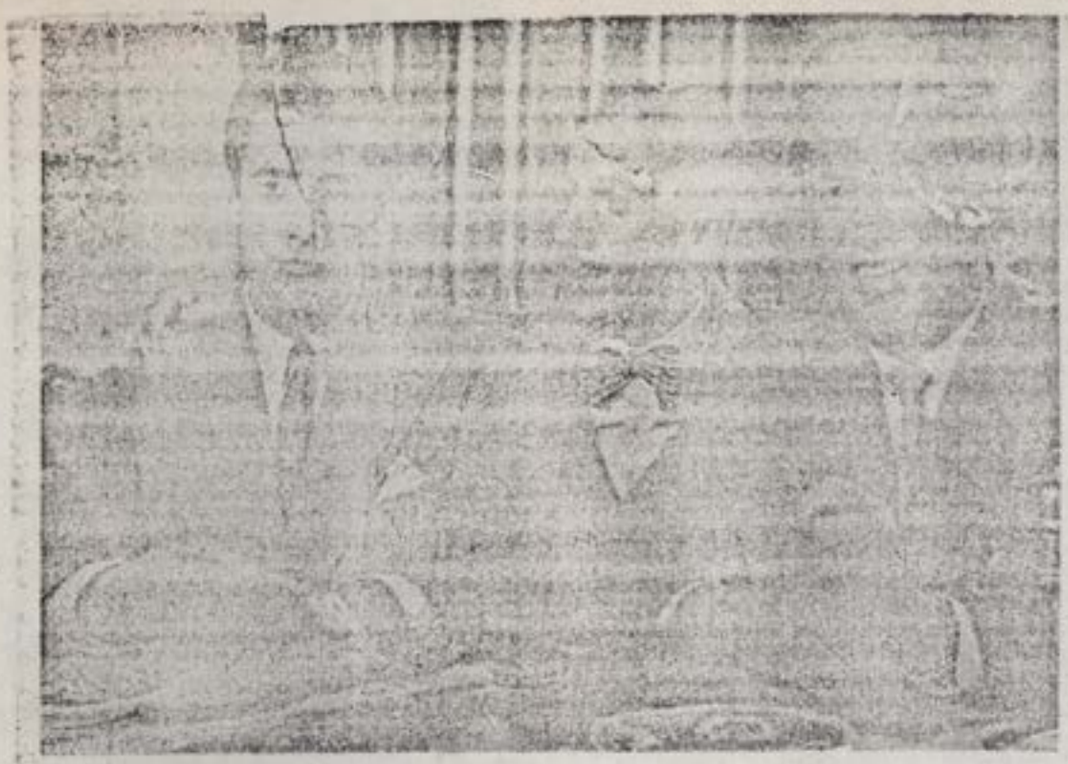
(FOTOS COMENTADAS NO VERSO)

PAG. 10

"SHOPPING NEWS" DE SÃO PAULO

1953

São Paulo, 5 de Julho



Alberto é o chofer do "Cadillac" de um multi-milionario e, num golpe de audacia, tenta passar por seu secretario. Pepe (Adoniran Barbosa) é é um barbeiro do Brás, e passa por um elegante diplomata. Dante (Luiz Calderaro) é um pobre proprietário de uma cantina e passa pelo.. multi-milionario! Desse "imbroglio" acontecem coisas do arco da velha! Cena de ultima realização da Vera Cruz, "Esquina da Ilusão", a ser lançada proximamente num grande circuito de São Paulo, com distribuição da Columbia.

Pepai vai tomar o avião e Luiza (Ilka Soares), enquanto aguarda o embarque, conversa com o namorado (Alberto Ruschel), numa cena da magnifica apresentação da Vera Cruz, "Esquina da Ilusão", dirigida pelo Ruggero Jacobi, breve num grande circuito de cinemas de São Paulo, distribuição Columbia.

"SHOPPING NEWS" DE SÃO PAULO 05/07/53 PAG. 10 (CONT.)

MARCHA DO CINEMA NACIONAL

Focalizando aspectos da vida paulistana, Esquina da Ilusão é uma despretenciosa comedia de costumes

CONTANDO COM VALOROSA EQUIPE DE TECNICOS E ARTISTAS, O DIRETOR RUGGERO JACOBBI REALIZA UM FILME ALEGRE E INTELIGENTE — E' A 12.a PRODUÇÃO DA VERA CRUZ, MARCANDO A ESTREIA DE ILKA SOARES — ALBERTO RUSCHEL, UM GALÁ BEM HUMORADO — LUIZ CALDERARO, WALDEMAR WEY E RENATO CONSORTE EM PAPEIS DE GRANDE DESTAQUE

A Columbia lançará no proximo dia 15, um grande circuito de cinemas, encabeçado pelo Ipiranga, a decima-segunda produção da Vera Cruz — "Esquina da Ilusão". Trata-se de uma comedia, escrita e dirigida por Ruggero Jacobbi, que tem como ambiente o bairro do Brás. Conta a vida de um punhado de emigrantes que veio para o Brasil pensando em "fazer a America", mas que não tiveram tanta sorte como desejavam. Sem pretender retratar toda a vida dos emigrantes em São Paulo, a historia focaliza alguns aspecto somente de acordo com as exigencias do argumento, que não tem, assim, a preocupação de um retrato social, mas, quando muito, de uma comedia de costumes. Nos principais papeis de "Esquina da Ilusão" encontramos Alberto Ruschel, que estreia na comedia depois de ter vivido o tragico Teodoro em "O Cangaceiro". Ilka Soares, em seu primeiro filme para a Vera Cruz Luiz Calderaro, que vem do T. B. C. e já desempenhou otimas pontas em "Sal da Frente" e "Uma Pulga na Balança"; Waldemar Wey, o protagonista de "Uma Pulga na Balança" e finalmente Renato Consorte, que desta vez, em seu maior papel no cinema, vive a figura de um multi-milionario que, sem querer nem saber de nada, vê-se metido numa grande trapalhada, graças às mentiras de seu chofer e de um pobre contineiro, seu xará.

Tudo gira em torno de Dante Rossi, pobre emigrante italiano, proprietario de uma pequena "pizzaria" no Brás. Em São Paulo, porém, existe um outro Dante Rossi, também emigrante italiano, mas este, homem de grande fortuna, poderoso industrial. Essa coincidencia permitiu ao pobre contineiro do Brás enganar durante muitos anos aos seus parentes da Italia, para os quais escrevia frequentemente contando grandezas e vitorias, valendo-se daquela coincidencia de nomes para documentar suas ingenuas mentiras, fazendo-se passar ante os parentes de além-mar, não como o verdadeiro pobretão que ele era, mas como o rico Dante Rossi, senhor de industria. As constantes noticias dessas grandezas e vitorias acabaram provocando a curiosidade e o interesse do irmão Camilo, que lá um dia resolve deixar a Italia vindo ao Brasil de visita ao irmão. Mas, Dante era na verdade um **homem de sorte** e, mais que isso, tinha amizade e simpatia dos vizilnhos e companheiros, emigrantes sem fortuna, que solidarios com a ideia de aparentar **grande vida**, emprestaram-lhe o dinheiro que vestiria no pobre contineiro a pele de grande industrial... Para cumulo da felicidade, Dante-contineiro era amigo do chofer de Dante-industrial. E assim, até o Codillac do ultimo foi mobilizado para impressionar o irmão do primeiro, que chegava da Italia! E as complicações cresceram com a chegada deste, acompanhado por sua filha Luiza, que logo começou de namoro com Alberto, o chofer, o qual, por sua vez, fazia-se passar por secretario do tio da moça, o falso milionario, valendo-se, para isso, dos conhecimentos que tinha dos habitos do verdadeiro milionario, seu patrão.

E o chofer parecia tão a par de tudo na industria Rossi, que conseguiu inclusive mostrar "ao irmão da Italia" as fabricas do milionario como se fossem do contineiro.

Mentira atrás de mentira, ninguem mais sabia o quantos andava, nem mesmo os inventores das mentiras. Alberto não mais entendia quando era chofer, quando era secretario e se num momento precisava se esconder de Luiza porque estava com o uniforme de chofer, pouco depois arriscava o emprego para não por as mentiras a perder.

Luiza, por sua vez, começou a notar que as coisas não se passavam tal qual eram contadas. O milionario verdadeiro também andava desconfiado de que estava acontecendo qualquer coisa "fora do comum". E lá veio um dia em que a bomba estourou e foi um salve-se quem puder...

Para montar essa comedia, Ruggero Jacobbi contou com uma valorosa e numerosa equipe de tecnicos e artistas — das melhores que se pode reunir no Brasil — sendo de esperar que tenha realizado um trabalho limpo e inteligente, capaz de agradar inteiramente. Essa a equipe que realizou ESQUINA DA ILUSÃO nos estudios da Vera Cruz e nas ruas de São Paulo:

O falso milionario Dante Rossi (Luiz Calderaro, à esquerda) recebe no aeroporto de Congonhas seu irmão Camillo (Waldemar Wey), que chega da Italia curioso por ver de perto a vida prospera do industrial de mentira...

ELENCO

ALBERTO RUSCHEL — Alberto
ILKA SOARES — Luiza
LUIZ CALDERARO — Dante Rossi
WALDEMAR WEY — Camillo Rossi

ADONIRAN BARBOSA — Pepe
WALLACE VIANNA — Stipinsky
EDITH HELOU — Frau Elsa
LABIBY MADI — Antonieta Del Mar
JOSE' MERCALDI — Jamil
NANCY CAMPOS — Dulce
Assistente de direção — AGOSTINHO MARTINS PEREIRA

Segundo Assistente — JORGE KRAISKY
Continuidade — MARIA APARECIDA LIMA
Diretor de produção — VITORIO CUSANI
Inspetor de produção — PEDRO MOACYR
Direção — RUGGERO JACOBBI

RENATO CONSORTE — Attilio Rossi
NICETTE BRUNO — Irocema
JOSEF GUERREIRO — Zezinho
BENEDITO CORSI — Valentim
MARINA FREIRE — D. Angelina
DINA LISBOA — Inês
RUBENS COSTA — Rubens de Aragão
ELISIO DE ALBUQUERQUE — Evilasio

TITO L. BACCARIN — Girão
ITALO ROSSI — O contador
FRANCISCO TAMURA — Onaga
OSVALDO FOLINI — Bituca
MARISA GIORGI — Eva Morell
FRANCISCO ARISA — O noivo
CELESTE JARDIM — A noiva
DIVA SUOZZO — Iris Contreras
MARIA NAGARO — Mme. Onaga
NELSON CAMARGO — Galã de radio
ITALO MONTESANI — Porteiro das Inds. Rossi
PEDRO PETERSEN — Operario das Inds. Rossi

Argumento e roteiro — RUGGERO JACOBBI
Dialogos adicionais — [illegible]AVO NONNENBERG
Cenografia — LUCIANO GREGORY
Assistente — GIUSEPPE BARBANO
Construções — JOSE' DREOSS
Diretor de Fotografia — UGO LOMBARDI
Operador — SIDNEY DAVISS
Assistente — CARLO GUGLIELMI
Som — ERIK RASMUSSEN e ERNEST HACK
Assistente — BORIS SILISCHTMANN
Musica, canções e arranjos — HENRIQUE SIMONETTI
Editor — OSVALD HAFFENRICHTER
Montagem — CARLA CIVELLI
Assistente — WALTER VITALIANO
Maquilagem — ERIK RZEPKI
Assistente — MAURY FRANCISCO VIVEIROS

"SHOPPING NEWS" DE SÃO PAULO

PÁGINA 6

São Paulo, 12 de Julho de 1953

"SHOPPING NEWS" DE SÃO PAULO

PAG. 16

São Paulo, 6 de Dezembro de 1953

UMA TRINCA DE AZES — Aqui estão três nomes de proa do "cast" da Record. São eles — Adoniran Barbosa, um dos maiores interpretes humoristicos e dramaticos do nosso radio e figura das mais em evidencia do nosso cinema; Blota Junior, o maior animador do radio, tendo mesmo conquistado varios Premios "Roquete Pinto" nessa sua especialidade, além de ter registrado varios destaques como um dos mais capacitados programadores do sem-fio do planalto, e, por fim, o grande Ary Barroso, hoje, um cartaz exclusivo da B-9, com toda a sua credencial de o maior compositor do Brasil, estando, mesmo no momento, empenhado, através de seu programa de todas as sextas-feiras, às 21,35, numa elogiavel campanha em defesa da verdadeira musica brasileira. Aqui, temos reunidos num flagrante, esta verdadeira trinca de azes da Record.